

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL**  
**UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE DOURADOS**  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* ENSINO EM SAÚDE  
MESTRADO PROFISSIONAL

WALKIRIA NASCIMENTO VALADARES DE CAMPOS

**RELATÓRIO TÉCNICO**  
**ENVELHECIMENTO HUMANO E QUALIDADE DE VIDA: INTERVENÇÃO EDUCATIVA JUNTO A IDOSOS EM AMBIENTE HOSPITALAR.**

**DOURADOS-MS**

**2024**

WALKIRIA NASCIMENTO VALADARES DE CAMPOS

**RELATÓRIO TÉCNICO**

**ENVELHECIMENTO HUMANO E QUALIDADE DE VIDA: INTERVENÇÃO EDUCATIVA JUNTO A IDOSOS EM AMBIENTE HOSPITALAR.**

Relatório Técnico apresentado ao Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* Ensino em Saúde da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Dourados, como exigência final para obtenção do título de Mestra Ensino em Saúde.

Orientadora: Profa. Dra. Márcia Maria de Medeiros.

**DOURADOS-MS  
2024**

---

C218e      Campos, Walkiria Nascimento Valadares de

Envelhecimento Humano e qualidade de vida : intervenção educativa junto a idosos em ambiente hospitalar / Walkiria Nascimento Valadares de Campos. – Dourados, MS: UEMS, 2024.  
158 f.

Produto Técnico (Mestrado Profissional) – Ensino em Saúde – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2024.  
Orientadora: Profa. Dra. Márcia Maria de Medeiros.

1. Envelhecimento humano 2. Comunicação 3. Educação em saúde 4.  
Qualidade de vida I. Medeiros, Márcia Maria de II. Título  
CDD 23. ed. - 613.0438

## RESUMO

Este relatório tem por objetivo caracterizar as questões relativas à construção de um produto educativo para ser utilizado em ambiente hospitalar. O produto foi desenvolvido a partir de entrevistas realizadas com idosos que estavam internados na clínica médica de um hospital universitário da cidade de Dourados, os quais responderam a um roteiro de perguntas que abordavam questões relativas à qualidade de vida. Essas respostas foram analisadas a partir das perspectivas da análise do discurso conforme indicadas por Michel Foucault (1999). Desses discursos e também do silêncio que eles enunciaram, foi construído um conjunto de perguntas a partir das quais organizou-se o roteiro do Puxa-Conversa. Esse instrumento pode ser útil para o estímulo à prática do diálogo e para o autoconhecimento das pessoas que dele fizerem uso. Ele se apresenta como um livro em forma de jogo, que não possui regras específicas. Seu uso pode facilitar a construção e manutenção de um diálogo com perguntas abertas em torno do tema Envelhecimento Humano e Qualidade de Vida, promovendo a criação de conexões entre as pessoas. Esse processo permite uma troca de ideias agradável e respeitosa, incentivando a pessoa idosa a expressar suas opiniões e histórias de vida.

**Palavras-chave:** Envelhecimento Humano; Educação em Saúde; Comunicação; Qualidade de Vida.

## **ABSTRACT**

This report aims to characterize issues related to the development of an educational product to be used in a hospital environment. The product was developed based on interviews conducted with elderly individuals who were hospitalized in the medical clinic of a university hospital in the city of Dourados. They responded to a set of questions addressing issues related to quality of life. These responses were analyzed from the perspectives of discourse analysis as indicated by Michel Foucault (1999). From these discourses and also from the silence they expressed, a set of questions was constructed to organize the script of "Puxa-Conversa" (Pull Conversation). This instrument can be useful for stimulating dialogue and self-awareness for those who use it. It presents itself as a book in the form of a game, with no specific rules. Its use can facilitate the construction and maintenance of dialogue with open-ended questions around the theme of Human Aging and Quality of Life, promoting the creation of connections between people. This process allows for a pleasant and respectful exchange of ideas, encouraging the elderly person to express their opinions and life stories.

**Keywords:** Human Aging; Health Education; Communication; Quality of Life.

## SUMÁRIO

<b>UM PERCURSO PESSOAL</b>	<b>7</b>
<b>CARACTERIZAÇÃO DO LOCAL DE ESTUDO – CONHECENDO O AMBIENTE DO HOSPITAL UNIVERSITÁRIO</b>	<b>13</b>
<b>HOSPITAL UNIVERSITÁRIO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE (HUFGD) DOURADOS/MS</b>	<b>14</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>40</b>
<b>APÊNDICE</b>	<b>44</b>
<b>TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº 01</b>	<b>44</b>
<b>TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº 02</b>	<b>55</b>
<b>TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº 03</b>	<b>86</b>
<b>PROCESSO DE CRIAÇÃO DA CAIXA PUXA-CONVERSA</b>	<b>129</b>
<b>MANUAL DO FACILITADOR</b>	<b>143</b>

## UM PERCURSO PESSOAL

Considero minha “escolha” profissional pela enfermagem por influência direta do meu pai (Donizete), vocação, presente como forma de uma herança. Visto que também é a profissão d’ele e ainda, pela necessidade de manutenção da minha família, já que aos 20 anos já era mãe de 03 (três) crianças e precisava prover o bem-estar deles e o meu próprio sustento, à época sem profissão e enfrentando muitos desafios devido às instabilidades financeiras e relacionadas ao mercado de trabalho.

A necessidade de empregabilidade a “curto prazo” me fez investir no curso técnico em enfermagem onde pelos “meus cálculos” e incentivo do meu pai poderia ter um retorno mais rápido do que outras profissões e “alcançar melhores salários”, ter melhor condições de sustentabilidade e qualidade de vida aos meus filhos além de “fugir” das inseguranças advindas da atuação de vendedora externa-comissionada (trabalhava nas ruas, vendas porta a porta).

Durante toda a minha infância e adolescência desenvolvi o entendimento através da observação do ofício do meu pai que a enfermagem garantiu subsídios básicos para o sustento de 05 pessoas (quatro) filhos mais, a esposa (minha mãe - Esmeralda). Inclusive destaco o ingresso também da minha mãe na área da saúde como, auxiliar de higiene bucal - por consequência do crescimento dos filhos e genuíno desejo de obter sua independência financeira.

No dia a dia consegui me identificar com as atividades e a rotina do trabalho e perceber habilidades nunca antes imaginadas, tomei gosto pelo ambiente hospitalar, pelo cuidado e a interação com as pessoas nesta área de atuação, fato que possibilitou a construção da minha trajetória até aqui. Após a conclusão do curso técnico em 2009, dei início imediatamente a graduação em Enfermagem, ainda na minha cidade natal, Campo Grande/MS, pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), período bastante frutífero para a aquisição de conhecimento científico.

Em 25 de abril de 2010 realizei o concurso na cidade de Dourados/MS, fui aprovada e ingressei no serviço público em meados de outubro do mesmo ano, passando a ocupar vaga referente ao Cargo de Nível Médio, do quadro permanente de pessoal da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) no turno vespertino, lotada na Clínica Pediátrica, inicialmente com carga horária de 40 horas semanais.

Faz-se necessário contextualizar que meu ingresso no serviço público federal não se deu de forma tranquila, caminhei por vários meses em solos instáveis e hostis dentro da instituição, visto a transição dos serviços entre a Fundação de Serviços de Saúde de Dourados (FUNSAUD) para a Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) e a gradativa substituição dos

profissionais contratados por concursados, visíveis insatisfações, afrontas, indiferença e desdém entre os profissionais terceirizados e que estavam sendo dispensados e a alocação aqueles ingressantes concursados, o que de maneira direta e indireta influenciou na minha prática assistencial (destaco que pela minha falta de experiência necessitei de ajuda e/ou auxílios dos colegas nos primeiros anos de trabalho), o que por vezes desencadeia em mim sensação de impotência, vergonha e até raiva.

A nível pessoal enfrentei situações complexas e desafiadoras, envolvidas pela complexidade das relações humanas neste contexto; exacerbadas ainda, pela falta experiência e manejo pessoal e profissional, pela falta de conhecimento técnico - científico, maturidade para gerir minhas emoções advindos dos desafios interpessoais diários (já que é o meu primeiro emprego na área da saúde - enfermagem) e, que eu não estava preparada emocionalmente para lidar com seus variados graus de intensidade, ao meu perfil pessoal perfeccionista, rígido e ao excesso de demandas, responsabilidades e ao extremo apego às normas e rotinas.

Nem tudo foi só sofrimento, na pediatria fui acolhida também por “anjos” que, mesmo de partida (devido ao encerramento do contrato de serviço), me acolheram e contribuíram imensamente para o meu progresso profissional, inclusive na graduação e mesmo passados alguns anos, ainda são minhas amigas, Enf<sup>a</sup> Eliane Ribeiro e Enf<sup>a</sup>. Marinês Guabiraba.

Tive que aprender a lidar com o sofrimento e dores das crianças, pais/mães e avós, e presenciar alguns eventos foi algo avassalador do ponto de vista emocional, lidar com as dores físicas e o abandono, desafios laborais pela falta de, aparatos mínimos, educativos e culturais me afetaram e fizeram falta durante muito tempo, prejudicando meu desenvolvimento e desempenho profissional e interpessoal e me levaram a “situações limites” emocionalmente e fisicamente como, dores musculares, depressão, ansiedade, baixa autoestima, descrença, entre outros sentimentos e sensações, inclusive cogitar a desistência da profissão.

Quando ingressei no Programa de Pós-Graduação em Ensino em Saúde (PPGES), minha proposta de pesquisa estava voltada para a Saúde da Criança e do Adolescente, em especial as dificuldades que os profissionais de saúde encontram em identificar e notificar os maus-tratos e as negligências às crianças e adolescentes (resquícios dos sentimentos e preocupações da minha estadia na clínica pediátrica).

Um fato que durante a primeira abordagem aos meus pares sobre as possibilidades da temática, observei que seria impossível alcançar meus objetivos, visto que o tema acessou lugares obscuros em alguns colegas, tocando em pontos sensíveis que me impediam mesmo de fazer uma aproximação inicial para introdução da temática. Observei que ter a adesão dos profissionais para realizar uma pesquisa de intervenção com este assunto seria impossível.

Diante desse cenário, a proposta de estudo sobre o envelhecimento foi apresentada pela minha orientadora (Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Márcia Maria de Medeiros) e quão grata eu sou, pois, estudar o processo de envelhecimento humano e qualidade de vida me ofereceu subsídios para repensar meu próprio envelhecimento (nunca planejado e ouso registrar, sequer percebido).

Acredito que, há alguns anos eu já tinha sido sensibilizada sobre esse assunto, mas, que isso não havia me incomodado ao ponto de desencadear a realização de um estudo sobre o fenômeno. O evento que desencadeou esse processo foi observar a fragilidade da minha própria mãe, à época submetida a uma cirurgia na coluna e, que necessitou pela primeira vez na sua vida de auxílio para realizar pequenas tarefas como, banhar-se, vestir-se, alimentar-se... Me condoeu ver o seu choro copioso devido às dores intensas.

Naquele instante pela primeira vez na minha vida tive a oportunidade de perceber o envelhecimento dela, a pessoa que eu mais amava... tinha envelhecido, os traços impiedosos do tempo endureceram sua face (linhas faceais acentuadas pelo sofrimento), aquelas marcas do tempo em seu rosto já não me lembravam mais a minha mãe, mulher forte e amorosa de outrora... a mulher da minha infância. E, esse momento indiscutivelmente foi a primeira e mais dolorosa vez que em minha vida, me percebi refletindo sobre a palavra, finitude. Esse sentimento me perturbou durante muito tempo e enche meus olhos de lágrimas ainda hoje.

Aprofundar meus estudos sobre o envelhecimento humano no âmbito das ciências da saúde desencadeou uma incrível expansão dos meus pensamentos e das minhas inquietações! Minhas convicções e percepções se expandiram vertiginosamente no sentido de melhor compreender as dimensões que afetam a construção identitária de cada indivíduo no percurso da vida e consequentemente podem determinar seus processos de saúde, adoecimento e seus agravos e que a longo prazo irão impactar positiva ou negativamente na sua velhice. E, aos jovens fica o alerta, mesmos que insistam em caminhar com apertadas vendas nos olhos rumo à velhice, se tudo der certo, envelhecerão.

Retomando as questões referente a minha trajetória acadêmica, me graduei em 2014 pelo Centro Universitário da Grande Dourados (UNIGRAN). Dentro do hospital procurei por iniciativa própria caminhos para aprimorar minhas habilidades pessoais e profissionais, setores que me possibilitaram aprimorar técnicas e saberes, fato que alcancei com certa facilidade quando accesei equipes mais experientes com atendimentos até mais complexos como o Pronto Atendimento Clínico (PAC), atual Acesso Sala Vermelha e Amarela, liderados por enfermeiros comprometidos e preocupados com a qualidade dos serviços, cito a generosidade da Enf<sup>a</sup> Juliana Attilio, exímia enfermeira.

Posteriormente, passei a integrar a Unidade de Terapia Intensiva (UTI), onde tive a honra de trabalhar sob orientação da Enf<sup>a</sup> Patrícia Kubalaki e o Enf<sup>o</sup> Tiago Amador. Na Unidade de Terapia Intensiva Neonatal (UTI-NEO) aprendi a lidar melhor com as minhas emoções e alcancei níveis mais elevados de técnica e manejo das pessoas doentes, premissas repassadas pela Enf<sup>a</sup> Suellen Silva. Também atuei na UTI-COVID pela primeira vez temerosa pela minha própria vida e atualmente tenho a oportunidade de fazer parte da Clínica Médica com uma equipe experiente e acolhedora.

Até os dias atuais considero a atuação na linha de frente de combate à pandemia desde o primeiro momento como o meu maior desafio profissional (e, acredito que para outros profissionais também), houve dias críticos, de medo, de muita tristeza, incertezas, exaustão física e desgaste emocional e espiritual. E, que arrisco-me dizer que se não fosse meu forte sistema de resiliência teria sucumbido.

Diante deste cenário me deparei com muitos bons colegas de trabalho e exímios profissionais que me acolheram e estavam comprometidos com o cuidado e a assistência e que foram determinantes para que eu não desistisse e abandonasse o “campo de batalha” à época lotada na UTI-Neo. Posteriormente, convocada para um terreno mais dramático sob o ponto de vista pessoal e profissional que foi atuar na Unidade de Terapia Intensiva Adulto-Covid devido a abertura da terceira UTI-Adulto e, consequentemente, pela falta de profissionais para atender as demandas assistenciais nos quatro períodos.

Minha lotação na clínica médica corrobora com a gradual retomada dos serviços à população e readequação interna dos serviços em virtude do enfrentamento à Covid-19 na tentativa de restabelecer uma possível normalidade às demandas dos serviços ambulatoriais e cirurgias eletivas à população as quais estiveram suspensas por mais de um ano, e que gradativamente estavam sendo organizadas, inclusive das novas equipes em meados de maio de 2021.

Transitei por alguns setores e a convivência com outros enfermeiros (Mestres em Educação em Saúde) fato que despertou o interesse em avançar nos estudos e optar pelo Mestrado Profissional em Ensino em Saúde, na Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, vislumbrando maiores possibilidades a nível profissional pela observação da potência das intervenções educativas e os impactos positivos nos mais diferentes públicos inclusive no meu ambiente de trabalho, na assistência e no cuidado direto de enfermagem.

Inclusive participei do PPGES em 2020 como aluna especial em 03 (três) disciplinas através de aulas *online* no cenário de pandemia e que contribuíram imensamente para a manutenção da minha saúde mental durante este período de isolamento social e intenso trabalho

nas UTI's (Neonatal e Adulto), inclusive presenciando as incertezas dos colegas veteranos no Programa de Pós Graduação do Mestrado Profissional - Ensino em Saúde, da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (PPGES) quanto ao futuro e as novas metodologias de ensino via Sistema de Educação à Distância (EAD).

Minhas vivências nestes últimos anos permitiram trilhar caminhos e solidificar experiências e competências que me auxiliam na observação no cotidiano de trabalho sobre o fato de que a maior parte da população idosa que faz uso dos serviços da clínica médica é constituída por pessoas do sexo masculino, diversificada em termos étnicos e raciais, com baixa escolaridade, fazer uso de vários medicamentos e que possuem pelo menos um benefício assistencial, possuírem baixa renda e, em geral contribuir nas despesas de casa, são oriundos de famílias disfuncionais, com pelo menos duas doença crônica que acomete diferentes órgãos e sistemas, destaco a falta de autopercepção de saúde e qualidade de vida que grande parte dessas pessoas possuem e que frequentemente relacionam as doenças com o processo natural de envelhecimento e decorrentes da própria velhice.

Para as famílias o processo de cuidar dos idosos (as) a beira leito até a recuperação das condições que os levaram a internação pode levar dias e até meses. Já, para as equipes multiprofissionais observamos na maioria dos casos, as dificuldades que as famílias têm em organizar ou reorganizar em muitos casos às famílias na divisão de responsabilidades para melhor assistir as pessoas idosas e que inevitavelmente inflamam conflitos, tensões, estresse e sobrecarga a um ou outro indivíduo (inclusive aos profissionais de saúde).

Ainda, perceptíveis as dificuldades em lidar com certas características e comportamentos, a falta de paciência e solidariedade pela “a falta de obediência” das pessoas idosas para com os filhos, companheiras(os) e/ou cuidadores formais à beira leito gerando estresse aquele que encontra-se a beira leito, a falta de carinho, a relevância, a afetividade, a falta de manejo em atividades inclusive consideradas básicas como, fazer a higiene pessoal, alimentar, banhar, vestir, trocar fraldas, pela falta de conhecimentos sobre aquela pessoa internada sob seus cuidados ocasionado pela falta inclusive, de convívio mais de perto, falta de intimidade, ao desprezo ou pela permanência por obrigação moral imposta nesse novo cenário. Assim, o cuidado intra hospitalar supera os limites dos esforços psicológicos, físicos, sociais e econômicos dos indivíduos e suas famílias.

Por outro lado, são evidentes que vínculos positivos são criados ao longo da vida e quase sempre permanecem na velhice, enquanto vínculos fracos criam situações embaralhadas, estressantes e que geram sentimentos de raiva, medo, angústia, sofrimento e por vezes podem gerar situações dispendiosas devido às condições financeiras inclusive com a sobrecarga do(s)

cuidador(es) em relação aos cuidados, a necessidade de contratação de um cuidador(a), revezamento de filhos(as), netos(as), noras, genros e, quando isso não é possível a estadia ganha tons dramáticos, inclusive para a equipe multiprofissional, a falta de vínculos familiares (ocasionados pelo abandono da família) na juventude, “mau comportamento ao longo da vida”, rebeldia, opção por não casar-se ou ter filhos, entre outros, o deslocamento intermunicipal, negligências e abandono. Assim, aquelas pessoas que “permanecem” à beira dos leitos muitas vezes ficam por obrigação moral (somente).

Percebo que existe, neste contexto, uma dissociação entre o que são processos naturais do envelhecimento; fatores de risco; cuidados de saúde; hábitos e estilos de vida. Acredito na importância de reconhecer que o envelhecimento não significa que uma pessoa não possa aprender e/ou gerenciar melhor alguns aspectos da sua vida, promover melhorias na sua qualidade de vida e que tais aspectos podem ser trabalhados mesmo em um curto período - durante a internação.

Ainda, que existem muitos profissionais da saúde que têm uma visão estigmatizada sobre o envelhecimento, sobre a velhice e as pessoas idosas. Não obstante, em muitas ocasiões este fator contribui negativamente para uma assistência mais simplificada quando não, discriminatória. Do ponto de vista pessoal os estudos sobre o Envelhecimento e Qualidade de Vida tornaram-me um ser humano mais forte, porém evidenciou as minhas vulnerabilidades, no sentido que percebo a heterogeneidade do envelhecimento e em relação à outros indivíduos, das vantagens relacionadas a oportunidade que este estudo me proporcionou frente a temática, inclusive elevando o nível do sarrafo para a qualidade de vida que pretendo alcançar na velhice.

O ingresso no Programa de Pós-graduação Ensino em Saúde da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul possibilitou o desenvolvimento de um olhar mais compassivo no entendimento das experiências e perspectivas das pessoas que prestamos assistência estendendo-se às suas famílias. Contribuí na melhoria das minhas ações como forma de uma assistência de saúde mais segura, confiante e à vontade para discutir questões mais profundas e desafiadoras no processo de cuidar. Do ponto de vista pessoal, tratando-me como um projeto em construção.

Passados 13 (treze) anos, sigo, trabalhando arduamente na melhoria da minha consciência e evolução pessoal buscando o desenvolvimento de habilidades assistenciais mais equilibradas de um perfil profissional mais empático, comunicativo, resiliente física e emocionalmente com alvo na ética e responsabilidade e sem receio de demonstrar compaixão, mas, me trato com uma obra inacabada, por se fazer. Convicta que a construção do conhecimento profissional é um direito e dever ético comprometido com a Cidadania e, que, a

partir de agora inclui a Educação em Saúde no centro dos debates, na melhoria da aprendizagem como ato preponderante para o ganho do capital humano.

## CARACTERIZAÇÃO DO LOCAL DE ESTUDO – CONHECENDO O AMBIENTE DO HOSPITAL UNIVERSITÁRIO

O estudo foi realizado no município de Dourados, localizado na porção meridional do estado do Mato Grosso do Sul. A cidade tem uma área territorial de aproximadamente 4.062,236km<sup>2</sup>, faz divisa com cidades como Rio Brilhante, Maracaju, Douradina e Ponta Porã. Dourados fica distante 229,6 km (via BR-163) de Campo Grande (capital do Mato Grosso do Sul), 214 km (via BR-163) da cidade de Guaíra (Paraná) e a 120 km (via BR-463) da fronteira com o entre a cidade de Ponta Porã e o Paraguai (*Google Maps*). O município foi criado em 20 de dezembro de 1935, com áreas desmembradas do município de Ponta Porã-MS, através do Decreto nº 30 de 20/12/1925 (Moreira, 2021).

Imagen 01: Mapa Geográfico de Dourados/MS



Fonte: Google maps, 2023.

Segundo a última edição do Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), o município de Dourados concentra a segunda maior população do estado, ultrapassando 243.367 pessoas, com uma densidade demográfica de 59,91 habitantes por Km<sup>2</sup> e uma média de 2,81 moradores por residência.

A cidade de Dourados conta na atualidade com outros estabelecimentos de saúde, classificados como hospitais gerais, o Hospital Evangélico Drº Srª Goldsby King, fundado em 1944; Hospital Santa Rita, que data de 1946; Hospital e Maternidade Porta da Esperança - Missão Caiuá, cujas atividades iniciaram em 1963; Hospital do Coração que iniciou seus

trabalhos em 2002; Hospital Cassems - Unidade Dourados, inaugurado em 2004; Hospital Regional de Cirurgias Eletivas, fundado em 2015; Clínica do Coração, em atuação desde 2021, e ainda, o Hospital Regional em fase final de conclusão da obra. Essa concentração de hospitais e clínicas médicas torna a cidade um polo no atendimento à saúde, recebendo pessoas enfermas de toda a região sul do estado.

### **HOSPITAL UNIVERSITÁRIO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE (HU-UFGD) DOURADOS/MS**

O Hospital Universitário é um órgão suplementar da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) localizado à Rua Ivo Alves da Rocha n. 558, Bairro Altos do Indaiá, no Município de Dourados, Mato Grosso do Sul, próximo às Rodovias Estaduais MS-162 e MS-379, entre as unidades I e II da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), a 5,3 quilômetros da primeira e a 10,5 quilômetros da segunda, vinculado aos Ministérios da Educação e da Saúde (Azevedo, *et al.*, 2013).

Imagen 02: Vista superior do Hospital Universitário de Dourados HU-UFGD/EBSERH



Fonte: Google Maps, 2023.

O Hospital teve o término de sua construção e instalações em 1994, mas permaneceu fechado por aproximadamente de 10 (dez) anos, sem qualquer atividade. A partir de 2002 começou o processo de instalação e funcionamento do hospital por meio da Fundação Municipal de Saúde e Administração Hospitalar de Dourados (FUMSAHD) com atendimento à população de modo bem suíl com atendimentos médicos ambulatoriais, serviços de diagnósticos como, radiografia, ultrassonografia, tomografia computadorizada, além de exames laboratoriais e procedimentos cirúrgicos de pequeno porte (Azevedo *et al.*, 2013; Cintra *et al.*,

2013). A FUMSAHD foi extinta em 10 de dezembro de 2021 pela Lei nº 4.743/2021, na administração do Prefeito Alan Guedes (News, 2021).

De acordo com as informações dos sítios oficiais da instituição, sua implantação e funcionamento deram-se a partir do ano de 2003, sob a denominação inicial de “Santa Casa de Dourados”, apresentando uma área de 6.000 hectares, conforme aponta a Matrícula nº. 64.698 do Livro n. 02 do Cartório de Registro de Imóveis da Comarca (Lei Nº 3.118/08).

A instituição foi criada e era mantida inicialmente pela Sociedade Douradense de Beneficência (SODOBEM) que angariava recursos e fundos por profissionais liberais, comerciantes, entidades filantrópicas, lojas maçônicas e *rotarys* douradenses para a doação do terreno onde foi construído o hospital (Azevedo *et al.*, 2013; Moreira *et al.*, 2021).

À época o imóvel dispunha de uma estrutura física construída de com 12.178m<sup>2</sup> de área hospitalar e 499,61m<sup>2</sup> de área utilizada para outros fins, de caráter educativo (Lei Nº 3.118/08). Neste espaço estão disponíveis a Biblioteca e salas de aulas, utilizadas tanto pela graduação (curso de Medicina) quanto pelas turmas de residência.

Especificamente a partir de 2004 a gestão foi repassada à Fundação Municipal de Saúde de Dourados (FUNSAUD) sob responsabilidade da Prefeitura Municipal de Dourados, passando a chamar-se, “Hospital Universitário de Dourados” (Nunes da Silva, 2018). O que possibilitou a ampliação dos serviços à população mantidos com recursos federais, estaduais, municipais resultantes da contratualização do SUS e a inauguração das Unidades de Internação Hospitalar com capacidade instalada de 52 leitos atendendo as seguintes especialidades: clínica médica, cirúrgica, pediátrica e psiquiátrica (Cintra *et al.*, 2013; Sette *et al.*, 2021).

O HU-UFGD transformou-se em uma das instituições mais importantes do município no atendimento à saúde no estado do Mato Grosso do Sul, administrado pela FUNSAUD até 2007. No final de 2008, a UFGD assumiu a administração da entidade, por meio da Lei Municipal Nº 3.118/08, quando o Poder Executivo Municipal autorizou a doação da área da “Santa Casa de Dourados”, as instalações e os equipamentos à Universidade Federal da Grande Dourados, “federalizando” a Unidade de Saúde (Nunes da Silva, 2018; Moreira, 2021).

A Universidade passou a fazer uso das edificações, a realizar atendimento hospitalar e, de Ensino, tendo como pressuposto lógico inicial à transferência à Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS) e posteriormente à Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) conforme protocolo prévio de intenções firmadas entre a sua mantenedora SODOBEM, desde 2005 e a administração municipal (Azevedo *et al.* 2013).

No ano de 2008 o Ministério da Educação e o Ministério da Saúde acatou favoravelmente à solicitação de credenciamento do HU-UFGD como um Hospital de Ensino,

parecer que deflagrou a elaboração de três projetos considerados básicos de residência médica, cito: clínica médica, pediatria e saúde indígena em consonância com a Faculdade de Ciências da Saúde da UFGD (Ufgd, 2009).

Dentro deste contexto, a UFGD assumiu a gestão definitiva no Hospital Universitário em 01 de janeiro de 2009 com o compromisso de ampliação do fornecimento dos serviços quanto à sua complexidade. Assim, passou a administrar e a incorporar suas ações ao Hospital Universitário vinculado aos Ministérios da Educação e ao Ministério da Saúde mantido através de recursos oriundos dos governos Federal, Estadual e Municipal, via contratualização 100% Sistema Único de Saúde (Nunes da Silva, 2018).

No ano de 2010, iniciam-se os programas de Residência Médica nas áreas de concentração, da Clínica Médica, Pediatria e Cirurgia Geral proporcionando que 100% dos acadêmicos dos cursos de medicina da UFGD a realização do internato e, na atualidade oferece o Ensino para a Residência Multiprofissional com as especialidades em Nutrição, Psicologia e Enfermagem (Azevedo *et al.* 2013).

Azevedo *et al.* (2013) ao pesquisarem o processo de transferência confirmam a realização em abril de 2010 do primeiro concurso público federal planejado e executado pela Coordenadoria do Centro de Seleção, sob a responsabilidade da Pró-reitoria de Ensino de Graduação (PROGRAD) da UFGD para provimento de 245 vagas referentes a cargos de nível médio e superior. Esse processo permitiu que os colaboradores trabalhassem sob duas formas de vínculo àqueles contratados por tempo determinado pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) via Fundação de Serviços de Saúde de Dourados (FUNSAUD) e os Estatutários pelos Regime Jurídico Único (RJU).

Em 31 dezembro de 2010, o hospital atendeu a um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC), assinado em 2008 entre Hospital Universitário, Prefeitura de Dourados e Ministério Público Estadual para que os serviços de ginecologia e obstetrícia conveniados com o Sistema Único de Saúde (SUS) recebe puérperas e seus recém-nascidos trazido com o apoio do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU). Somente para esse serviço foram contratados mais 220 profissionais por meio de processo seletivo através da FUMSAHD (Reuni, 2011; Agora, 2011).

A Universidade investiu mais de R\$1 milhão na estrutura local (Reuni, 2011; Agora, 2011). Com isso o hospital passou a contar com Pronto Atendimento Ginecologia e Obstetrícia (PAGO), alojamento conjunto e maternidade com 25 (vinte e cinco) leitos, Centro Obstétrico com 03 (três) salas cirúrgicas e de Parto, Unidade de Cuidados Intermediários (UCIN) e Unidade de Terapia Intensiva Neonatal (UTIN) com 10 (dez) leitos, ambulatório de

acompanhamento de recém-nascido (RN) de risco e a construção da nova UTI Pediátrica que passou de 06 (seis) para 10 (dez), sendo 02 (dois) de isolamento.

Mais à frente, em 26 de setembro de 2013 firma-se o contrato nº 03/2013 de adesão entre a Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (EBSERH) e a UFGD para a recuperação da infraestrutura física, tecnológica e a aporte de recursos humanos, conjuntamente nos primeiros 12 meses, e ao término deste período realizou-se a transferência de forma plena e gestão completa, situação permanente (Araújo *et al.* 2014; Gonçalves *et al.* 2018; Batista, 2019).

A recomposição do quadro de pessoal foi iniciada através de concurso para admissão de novos colaboradores no ano de 2013 e convocação em 2014. Criando-se um tipo de vínculo baseado na Consolidação dos Direitos Trabalhistas (CLT), por tempo indeterminado (Azevedo *et al.* 2013). Por meio da Portaria Nº 349 de 29 de abril de 2015, publicado no Boletim de Serviços da UFGD de Nº 1828, nos termos do ofício circular Nº 03/2014 - DGP/EBSERH/MEC de 24/03/2013 e do contrato Nº 30 celebrado entre a UFGD e a EBSERH e a cedência dos profissionais do HU-UFGD para a EBSERH (Cabreira, 2014).

O HU-UFGD é um dos 41 hospitais universitários federais que compõem a Rede EBSERH distribuídos em todas as regiões do país. No universo que compõe a Rede, é classificado como um hospital geral de médio porte, atendimento a média e alta complexidade, abrangendo Clínica Médica, Clínica Cirúrgica, Clínica Obstétrica com o objetivo de fornecer ensino, pesquisa e assistência de qualidade, compartilhando princípios e valores que direcionam a gestão pública (Moreira *et al.* 2021; Gonçalves, 2022).

Na linha materna neonatal está inserido na rede como porta de urgência e emergência por possuir uma Unidade de Terapia Intensiva Neonatal, referência a todas as especialidades da atenção ao parto de risco habitual e ao nascimento, incluindo à gestação de alto risco, além da retaguarda de neonatologia para outras unidades de saúde da macrorregião (Nunes da Silva, 2018). Desde janeiro de 2011 funciona em caráter integral através do Pronto Atendimento Ginecológico e Obstétrico (PAGO) absorve os serviços de Ginecologia e Obstetrícia por demanda espontânea e às urgências e emergências obstétricas considerado porta-aberta (Moreira *et al.*, 2021).

Certamente a força dessa estruturação contribuiu para a elevação do status da instituição – como referência em UTI neonatal, Clínica Pediátrica e Saúde Mental com serviços ofertados exclusivamente pelo Sistema Único de Saúde (SUS), enfatizando a integração das atividades de Assistência, o Ensino, a Pesquisa e Extensão em toda a macrorregião de Dourados (Araújo *et al.*, 2014; Gonçalves, 2022).

Atualmente, o HU-UFGD conta com uma estrutura física de mais de 21.454,92 m<sup>2</sup> de construção em um terreno de 150 mil metros quadrados com incorporação recente em sua estrutura a Etapa I da Unidade da Mulher e da Criança (UMC), com 7.093m<sup>2</sup> de área construída, somando o Bloco da Biblioteca Setorial (externa a área de atendimento) com uma área de 84,42m<sup>2</sup> e um acervo especializado com mais de 2.397 exemplares entre, revistas livros e outras publicações voltadas para a área da saúde, com 02 (duas) salas de aula para 80 alunos, 01 (uma) sala de videoconferência para 10 (dez) pessoas e laboratório de informática com 10 (dez) computadores com acesso aos periódicos da CAPES além, do Bloco da Psicologia (940m<sup>2</sup>), aberto acesso de toda a comunidade para consulta e leitura no local (Plotzki, 2010; Azevedo *et al.*, 2013; Moreira *et al.*, 2021; Sette *et al.*, 2021; Gonçalves, 2022).

O complexo hospitalar possibilita ainda, o desenvolvimento de projetos de extensão, com o propósito de promover a interação entre estudantes e a comunidade. Quanto aos servidores, o hospital conta com uma força de trabalho de aproximadamente 1.050 servidores (estatutários e celetistas) e aproximadamente 340 contratados por empresas terceirizadas (Gonçalves, 2022).

A criação do Núcleo da Saúde Indígena (NSI) em meados de 2018, foi um marco neste segmento para a instituição elevando o *status* do hospital, tido como o primeiro da Rede Ebserh com forte atuação nesta área. Sua implantação cumpre os requisitos necessários à habilitação pelo Ministério da Saúde para fazer jus aos incentivos para Atenção Especializada aos Povos Indígenas (IAE-PI), recurso essencial ao progresso das ações de melhoria (BRASIL, 2018). O Núcleo tem como princípios o respeito e a valorização da cultura e das tradições das etnias, minimizando possíveis conflitos entre o saber biomédico e o tradicional indígena e consequentemente na redução da “peregrinação por diagnósticos” (Gonçalves, 2022).

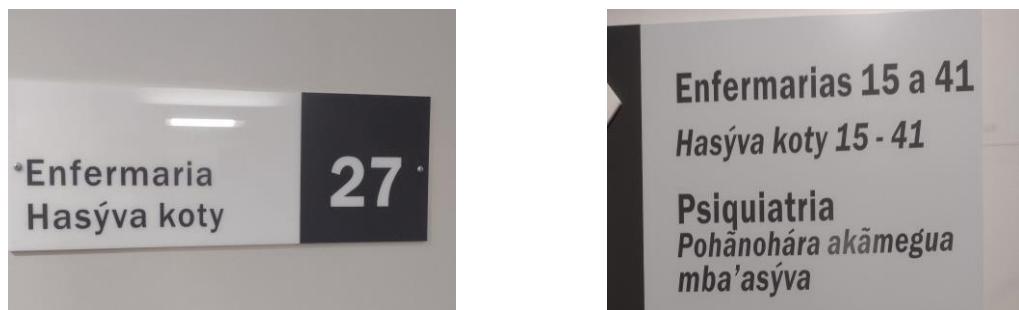
Para além das produções relacionados ao Ensino, a instituição destaca-se pelo pioneirismo visto na implantação do Programa de Residência de Saúde Indígena que forma anualmente seis profissionais, 02 (dois) psicólogos, 02 (dois) enfermeiros e 02 (dois) nutricionistas visando a aproximação dos profissionais às populações diversas, distinta em cultura, raça e etnias dentro de diferentes territórios e pela referência na atuação dentro da Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas no Mato Grosso do Sul (Brasil, 2023).

O HU-UFGD situa-se na terceira posição no *ranking* dos hospitais da Rede Ebserh em número de internações e partos de indígenas no país, considerado como o maior hospital fora da região Norte em número de internações desta população (Brasil, 2023). Os números apontam que em 2022 houve 1.181 internações de pacientes indígenas, o que representou um aumento

de 19,29% em relação ao ano anterior, quando ocorreram 990 internações (News, 2023). Recebe pessoas indígenas das aldeias, reservas e acampamentos de sete municípios: Dourados (Aldeias Bororó e Jaguapiru), Amambai, Paranhos, Iguatemi, Antônio João, Tacuru e Caarapó (Brasil, 2023).

Até setembro de 2023, foram realizadas aproximadamente 736 internações mensais (81,77%) e 86 consultas ambulatoriais (10,75%) totalizando 822 atendimentos, uma média de 92,53% de atendimentos a pessoas indígenas por mês - uma particularidade institucional. Devido à grande concentração e atendimentos a população indígena, a instituição incluiu na sua arquitetura placas informativas com traduções em consonância com o entendimento do povo guarani/ kaiwá em todos os ambientes de livre circulação na região adscrita ao hospital, facilitando o atendimento e a inclusão das pessoas indígenas (Brasil, 2024).

Imagen 03: Placas de localização do Hospital Universitário de Dourados HU-UFGD/EBSERH, em português e Guarani



Fonte: pesquisa e registro da autora deste trabalho.

A equipe do Núcleo de Saúde Indígena (NSI) é composta por assistentes sociais, enfermeiros, médicos e dentistas, além representantes da UFGD (Faculdade Intercultural Indígena – FAIND e Faculdade de Ciências Humanas – FCH) e profissionais do polo base do Distrito Sanitário Especial Indígena (DSEI), entre os princípios que norteiam o Núcleo estão o respeito e a valorização de aspectos étnicos e culturais envolvidos na determinação das doenças (Ufgd, 2018; Gonçalves, 2022).

A linha materno-infantil trata do setor composto por pediatria e a maternidade representa mais de 60% do total de hospitalizações realizadas (Machado, 2016). Destaca-se a obstétrica-perinatal que corresponde a aproximadamente 30% dos atendimentos (Brasil, 2021). Com 60% da assistência é prestada para indígenas e/ou seus acompanhantes. Esse processo mostra que existem patologias resultantes das persistentes desigualdades e das condições socioespaciais de vulnerabilidade frente aos agravos de saúde, exclusão social e miséria às quais essas populações estão submetidas (Aragão e Vieira, 2016).

Conforme o Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde (CNES), no âmbito hospitalar, a instituição possui uma estrutura que abriga 180 leitos ativos credenciados para internação distribuídos da seguinte maneira: 131 leitos de internação, 24 leitos complementares de UTI tipo II (pediátrico e adultos), 10 leitos neonatal tipo II e 15 Unidade de Cuidado Intermediário Neonatal Convencional (UCINCO), regulados pela Central de Regulação de leitos do município de Dourados. Considerando os leitos extras frequentemente utilizados na Maternidade e na UCINCO, a capacidade operacional se aproxima de 200 leitos (Moreira *et al.*, 2021).

Importante salientar que a instituição é a única no estado do Mato Grosso do Sul habilitada pelo Ministério da Saúde e, que conta com a Casa da Gestante, Bebê e Puérpera (CGBP), instituída pelo Ministério da Saúde através da Portaria Nº 1.020, de 29 de maio de 2013, tratando-se de uma unidade (uma moradia provisória), um espaço de acolhimento e cuidados humanizados que presta atendimento integral às mulheres e aos bebês em situação de vulnerabilidade (social ou física) e que não têm condições socioeconômicas para arcar com hospedagem durante o período de tratamento (Portaria Nº 1.020/13; Moreira *et al.*, 2021).

A edificação está localizada próxima a unidade da Pediatria, setor pelo qual é interligação da unidade com o hospital, o prédio conta com uma estrutura física de 446m<sup>2</sup> de área, com capacidade de alojamento de 20 camas divididas da seguinte forma: 02 (dois) dormitórios com 08 (oito) leitos para puérperas, 01(um) dormitório com 05(cinco) leitos para gestantes e 01(um) dormitório com 05 (cinco) leitos para binômio mãe-bebê. Além de oferta de 06 (seis) refeições diárias: café da manhã, lanche da manhã, almoço, café da tarde, jantar e ceia (Batista *et al.*, 2019; Manual de Enfermagem da Casa da Gestante, Bebê e Puérpera, 2020).

Quanto aos dormitórios são organizados com camas, armários e criados-mudos, cada quarto possui um banheiro. O espaço ainda conta com ambientes de uso coletivo, divididos: sala multiuso (com cadeiras e mesas), banheiro geral, sala de estar (com sofás e televisão), copa, cozinha (com micro-ondas e geladeira), uma área de lavanderia (com tanques e máquinas de lavar), sala de atendimento multiprofissional e varanda. O serviço prestado tem enfoque na promoção à saúde, prevenção de agravos e a humanização dos cuidados e assistência qualificada (Ufgd, 2017; Manual de Enfermagem da Casa da Gestante, Bebê e Puérpera, 2020).

Além da assistência, o hospital é um campo de ensino para os cursos de saúde (Enfermagem e Medicina), agregando um crescente número de alunos das graduações, ensino técnico e pós-graduações, firmando convênios com outras instituições de ensino Público da cidade de Dourados (UEMS e UFGD), privadas (UNIGRAN) e de cursos técnico de

Enfermagem (Vital Brasil), como também para os cursos de Humanas (Nutrição e Psicologia) (Moreira *et al.*, 2021; Azevedo *et al.*, 2013; Gonçalves 2022).

Destaca-se o fato de o HU-UFGD ainda não possuir um projeto específico que o caracterize como Hospital Escola, embora funcione com tal (Azevedo *et al.*, 2013; Moreira, 2021; Araújo, 2014). No atual cenário atua com ênfase na assistência, não atende a contento às demandas do ensino, sendo necessários a construção de projetos específicos urgentes de aperfeiçoamento para o devido credenciamento, além da implantação de uma metodologia de trabalho que assegure o atendimento às demandas relacionadas à aprendizagem (Batista *et al.*, 2019; Moreira *et al.*, 2021).

Em 2021, o HU-UFGD aderiu à Seleção Nacional Unificada para o preenchimento das vagas nos Programas de Pós-Graduação *Lato Sensu* nas modalidades de residência, mediante a aplicação do Exame Nacional de Residência (ENARE), cuja prova é anual (Ufgd, 2022). Destacando-se com uma taxa de ocupação das vagas de 95% em 2023 (Moreira, 2021). Atualmente conta com 07(sete) Programas de Residência.

#### Médica

- Clínica Médica
- Pré-requisito em Área Cirúrgica Básica
- Pediatria
- Ginecologia e Obstetrícia

#### Multiprofissional em Saúde

- Áreas de Concentração: Atenção Cardiovascular e Saúde Indígena
- Profissões: Enfermagem, Nutrição e Psicologia

#### Multiprofissional em Saúde Materno-Infantil

- Profissões: Enfermagem, Fisioterapia, Nutrição e Psicologia
- Uniprofissional em Enfermagem Obstétrica
- Profissão: Enfermagem

Fonte: Gonçalves *et al.*, (2022); Moreira *et al.*, (2021).

A Residência Multiprofissional em Saúde do Hospital Universitário da Grande Dourados- HU tem como objetivo desenvolvimento de competências fundamentadas nas diretrizes da integralidade do modelo de Vigilância à Saúde do Sistema Único de Saúde (SUS)

destinadas a Enfermeiros (as), Nutricionistas e Psicólogos(as), com duração de 24 meses e carga horária de 60 horas – com plantões aos finais de semana e feriados (Ufgd, 2022).

O hospital presta atendimento de média e alta complexidade. O acesso aos serviços ambulatoriais nas diversas especialidades médicas e multiprofissionais ocorre através da Unidade Básica de Saúde (UBS), via Central de Marcação de Consultas da Secretaria Municipal de Saúde (SEMS) a Unidade de Ambulatório (UAMB) regulado pelo Sistema Nacional de Regulação (SISREG), com 70 agendas ambulatoriais e com uma meta pactuada de 2.900 atendimentos/mês via Aplicativo de Gestão para Hospitais Universitários (Pase, 2016; Manual de Normas e Rotinas da Unidade de Ambulatório, 2023).

Quando há necessidade de internação e havendo a disponibilidade de vaga, a solicitação é feita obrigatoriamente através do preenchimento da Autorização de Internação Hospitalar (AIH), exprimindo o mecanismo de entrada do paciente na instituição (Manual de Normas e Rotinas do Núcleo Interno de Regulação, 2023). Na cidade de Dourados/MS, a distribuição de leitos para internação é feita através da Central de Regulação de Leitos de Dourados (CRLD), no âmbito hospitalar, a regulação é realizada por intermédio do Núcleo Interno de Regulação (NIR).

Este Núcleo tem sua composição profissional definida pelo Regimento Interno como, uma equipe operacional representada por, chefe do Setor de Contratualização e Regulação em Saúde; Chefe da Unidade de Regulação Assistencial e Gestão da Informação em Saúde e Auxiliar operacional administrativo, médicos reguladores, enfermeiros, técnico de enfermagem, auxiliares de enfermagem, médicos assistentes técnicos e funcionários (as) administrativos (Manual de Normas e Rotinas do Núcleo Interno de Regulação, 2023).

O fluxo de regulação ambulatorial ocorre através do SISREG, o usuário que necessita de atendimento pode contar com o serviço prestado pelo HU-UFGD em suas mais diversas especialidades clínicas e cirúrgicas, as quais constam descritas abaixo:

Quadro 01: fluxo de regulação ambulatorial do HU-UFGD

Ambulatorial	
Alergia e Imunologia Pediátrica	Hematologia e Hemoterapia Pediátrica
Cancerologia Cirúrgica	Infectologia
Cardiologia Geral Adulto	Mastologia Adulto

Cardiologia Pediátrica (especialidade sem agenda externa)	Nefrologia
Cirurgia de Cabeça e Pescoço	Nefrologia Pediátrica
Cirurgia Geral	Neurocirurgia (especialidade sem agenda externa)
Cirurgia Oral Menor (especialidade sem agenda externa)	Neurologia Adulto ((Neurologia Geral, Epilepsia e Disfunção Motora)
Cirurgia Pediátrica	Nutrição Clínica (especialidade sem agenda externa)
Cirurgia Plástica não-estética	Oftalmologia Adulto e Pediátrica
Cirurgia Torácica	Ortopedia e Traumatologia Adulto e Pediátrica
Cirurgia Vascular	Otorrinolaringologia Adulto e Pediátrica
Coloproctologia Adulto	Pediatria (especialidade sem agenda externa)
Endocrinologia e Metabologia	Pequenas Cirurgias
Endocrinologia Pediátrica (especialidade sem agenda externa)	Pneumologia Adulto
Farmácia Clínica (especialidade sem agenda externa)	Pneumologia Pediátrica
Fisioterapia Geral	Pré-Natal de Alto Risco
Fonoaudiologia	Psiquiatria (especialidade sem agenda externa)
Gastroenterologia	Residência Ginecológica
Gastroenterologia Pediátrica (especialidade sem agenda externa)	Reumatologia Adulto
Ginecologia	Risco Cirúrgico (especialidade sem agenda externa)
Obstetrícia (Pré-Natal de Alto Risco)	Risco Cirúrgico (especialidade sem agenda externa)
Ginecologia e Obstetrícia	Urologia Adulto

Fonte: Carta de Serviços ao Usuário do HU-UFGD. <https://www.gov.br/ebsereh/pt-br/hospitais-universitarios/regiao-centro-oeste/hu-ufgd/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/carta-de-servicos>. Acesso em: 17 nov. 2023.

Oferece consultas nas mais variadas especialidades e exames de ecocardiografia, eletroencefalograma, preventivo, cirurgia de alta frequência (CAF), biópsias da tireoide, do

figado e das mamas e biometria são realizados no ambulatório I e II, sendo todos previamente agendados pelo SISREG. Além das consultas, o ambulatório possui, uma sala de curativos onde a pessoa é atendida após agendamento prévio para realização do procedimento (Azevedo, 2013; Araújo *et al.*, 2014).

Quanto aos exames, o HU-UFGD realiza diversos exames de apoio diagnóstico para o tratamento adequado as pessoas em atendimento na instituição, bem como também realiza exames com agendamento via Sistema Nacional de Regulação (SISREG). O agendamento e a coleta de exames laboratoriais podem ser realizados nas Unidades Básicas de Saúde (Manual de Normas e Rotinas do Núcleo Interno de Regulação, 2023).

O hospital oferece os seguintes exames de imagem: Colonoscopia/retossigmoidoscopia, Radiografia, Mamografia, Ultrassonografia, Endoscopia, Endoscopia Digestiva Alta (EDA) e Tomografia Computadorizada (TC). O setor de Imagem atende usuários externos com agendamento realizado pela rede municipal de saúde, quanto ao atendimento às pessoas internadas o setor trabalha com sistema de plantão 24 horas (Araujo *et al.*, 2014).

Na linha adulto, o hospital exerce papel de retaguarda para as portas de urgência e emergência, ao Hospital da Vida (HV) e interface com a regulação municipal e estadual, com regulação das vagas pela Central de Regulação de Leitos através do Núcleo Interno de Regulação (NIR), com leitos de enfermaria (clínica médica) e leitos de UTI adulto qualificados pela Rede de Atenção às Urgências e Emergências (RUE), exceto para a especialidade de Ginecologia e Obstetrícia (Nunes da Silva, 2018). Conforme o Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde (CNES), a instituição conta com capacidade operacional de 180 (cento e oitenta) leitos hospitalares, sendo que 25% destes de alta complexidade (Azevedo *et al.*, 2013; Cintra *et al.*, 2013; Moreira *et al.*, 2021).

A internação por transferência de outra unidade hospitalar ocorre nos casos de pessoas que estão na Unidade de Pronto Atendimento (UPA) ou em outro hospital e são transferidas para o HU-UFGD. O pedido de transferência deve ser feito pelo Complexo Regulador Estadual (Sistema CORE). Após avaliação da solicitação de leito pela equipe NIR e, havendo vaga disponível, a pessoa é transferida. Na atual conjuntura, o HU-UFGD possui uma capacidade operacional ativa de 22 (vinte e dois) leitos de internação masculino e feminino (Gonçalves *et al.*, 2022).

A Unidade de Clínica Médica – UCM é um local destinado à recuperação de pacientes adultos (acima de 13 anos) conceitualmente é uma dependência hospitalar destinada ao atendimento (100% SUS), com perfil clínico nas especialidades de clínica médica, cardiologia, endocrinologia, hematologia, neurologia, pneumologia, infectologia, gastroenterologia e

nefrologia absorvido em janeiro de 2022; sem interferência cirúrgica, sejam elas graves ou de risco, potencialmente recuperáveis, sob vigilância contínua, pessoal e tecnológica (Fernandes, 2013; Araújo *et al.*, 2014).

Ela possui 22 leitos adultos credenciados e separados entre masculino e feminino lotados de acordo com as demandas de internações dimensionadas em 09 (nove) enfermarias e, vem trabalhando com quase 100% da sua capacidade instalada. Destinada a internação de pacientes clínicos denominados críticos, semicríticos, cuidados intermediários e mínimos (Araújo *et al.*, 2014).

Quadro 02: divisão dos leitos por especialidades HU-UFGD

01	Enfermaria destinada ao atendimento de pacientes da Nefrologia (DPI), totalizando 02 (dois) leitos;
08	Enfermarias destinadas ao atendimento a pacientes de alta rotatividade com diversas especialidades incluindo doenças consideradas raras, totalizando 20 leitos.

Fonte: Manual de Normas e rotinas multiprofissionais da Clínica Médica, 2023.

Importante salientar que o serviço Diálise Peritoneal Intermitente (DPI) e Hemodiálise destinam-se à paciente agudos que estão internados. O Hospital não é habilitado em Nefrologia o que segue até os dias atuais (Dimensionamento de Serviços Assistenciais e da Gerência de Ensino e Pesquisa, 2013).

A equipe de trabalho é multiprofissional composta por: chefe de unidade, enfermeiros assistenciais, técnicos em enfermagem, assistentes administrativos (com turno de trabalho de 08 horas, de segunda à sexta-feira), médicos, nutricionistas, fisioterapeuta, assistentes sociais, psicólogos, fonoaudióloga, além dos serviços de apoio (copa e higienização), que tem capacitação técnico-científico e preparo profissional para conduzir uniformemente o tratamento (Manual de Normas e Rotinas Multiprofissional da Clínica Médica, 2023).

Quanto ao funcionamento da UCM, a assistência ininterrupta de 24 horas sendo as equipes assistenciais dispostas em 03 (três) turnos de trabalho, em termos de recursos humanos conta com uma força de trabalho, de 32 profissionais, distribuídos entre 06 enfermeiros(as) celetistas e 01 estatutário, 25 técnicos(as) de enfermagem, sendo 17 celetista e 08 estatutários distribuídos nos turnos matutinos, vespertinos e noturno (noites alternadas), com carga de 12x36h, quanto aos plantões diurnos são de 06 (seis) horas, sendo 12h aos finais de semana,

atendendo pacientes com necessidades de cuidados mínimos, intermediários, semi-intensivos e alta dependência (Manual de Normas e Rotinas Multiprofissional da Clínica Médica, 2023).

Esta unidade conta com 06 residentes do 1º (primeiro) ano (R1) em Clínica Médica, 06 estudantes de residência no 2º (segundo) ano (R2) em Clínica Médica. Nas equipes médicas estão lotados 06 médicos especialistas nas áreas da clínica médica geral: 02 gastroenterologistas, 03 infectologistas, 04 cardiologistas, 04 neurologistas, 01 hematologista, 02 reumatologistas, 02 pneumologistas e 01 ortopedista (Dados, 2020).

A Clínica Médica é definida como uma especialidade que estuda as doenças de pessoas adultas, não cirúrgicas, não obstétricas e não ginecológicas. Na linha, adulto, oferece assistência de alta complexidade aos pacientes internados e/ou pessoas que vivem com HIV ou AIDS(PVHA) em enfermaria (Nunes da Silva, 2018).

Pacientes com maior complexidade de cuidados e precauções por gotículas e/ou aerossóis são direcionados para o Posto 04 (Infectologia) e, os pacientes com maior rotatividade, ou seja, com menor tempo de internação, permanecem na clínica médica. Na falta de leito em um dos postos e, existência no outro posto, o paciente é redirecionado (Manual de Normas e Rotinas Multiprofissionais da Clínica Médica, 2023).

Ressaltamos que essa disponibilidade de leitos é referenciada para 33 (trinta e três) municípios que compõe a macrorregião de Dourados, considerando as cidades de: Amambai, Anaurilândia, Angélica, Antônio João, Aral Moreira, Batayporã, Caarapó, Coronel Sapucaia, Deodápolis, Douradina, Eldorado, Fátima do Sul, Glória de Dourados, Itaporã, Iguatemi, Itaquiraí, Ivinhema, Japorã, Jateí, Juti, Laguna Carapã, Mundo Novo, Naviraí, Nova Andradina, Novo Horizonte do Sul, Paranhos, Ponta Porã, Rio Brilhante, Sete Quedas, Tacuru, Taquarussu, Vicentina e Dourados (Prefeitura de Dourados, 2023; Azevedo *et al.*, 2013).

Quadro 03: Número de internações na Clínica Médica HU-UFGD

Internações na Clínica Médica* (2023)												
Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Média	Total
53	58	39	49	54	54	46	53	66	41	42	50,45	555

Fonte: AGHU: Aplicativo de Gestão para os Hospitais Universitários. Acesso em 19/11/23. \*São considerados apenas as internações diretas na Unidade

O HU realiza uma média anual de 10 mil internações, 25 mil exames de imagem e 500 mil exames laboratoriais, oferecendo assistência em saúde de qualidade para a população supracitada. Todos os anos são mais de 50 mil consultas em 28 (vinte e sete) áreas de

especialidade, e aproximadamente 5 mil cirurgias em 16 (dezesseis) áreas de especialidade (Sette, 2021).

A divisão dessa macrorregião foi possível considerando critérios como: distância entre os municípios, fluxo dos pacientes, recursos de acessibilidade como estradas, disponibilidade dos meios de transportes, identidade cultural, organização e oferta espacial de serviços, a capacidade de gestão dos municípios, os fluxos são existentes, aspectos políticos conjunturais, densidade demográfica e as potencialidades dos municípios em Gestão Plena do Sistema Municipal (Pereira, 2004). Segundo dados obtidos no aplicativo *Google Maps*, os municípios atendidos estão localizados a distância entre 17,1 quilômetros da cidade de Itaporã e 247 quilômetros de Iguatemi (Azevedo *et al.*, 2013).

Tabela 01 e 02: Quantidade de exames solicitados por médicos lotados na UCM; Quantidade do número de atendimentos médicos (médicos plantonistas e médicos residentes lotados na unidade); Quantidade do número de atendimentos realizados por enfermeiros lotados na unidade.

Indicador	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun*
Número de exames solicitados	1152	901	1370	676	1234	786
Número de atendimentos médicos	1111	1039	1351	1189	1233	846
Número de atendimentos enfermeiros	588	482	536	545	549	304

Fonte: Sistema UDIMA e AGHU (prescrições, anamnese e evoluções). \*Consulta até dia 23/06/2022.

Os sujeitos atendidos recebem assistência permanente nos cuidados clínicos nas especializadas de Clínica Médica, Cardiologia, Hematologia, Pneumologia, Gastroenterologia, Oncologia, Neurologia Clínica, Reumatologia, Infectologia, Clínica de Infectologia, Nefrologia, entre outras. Os serviços prestados contam com a utilização de recursos tecnológicos apropriados para a realização de exames, observação, monitoramento e administração de medicamentos, garantindo para as pessoas internadas as condições para uma assistência resolutiva e de qualidade (Fernandes, 2013).

Tabela 03: Número do somatório pacientes/ dia no mês; Número de Saídas Hospitalares no mês.

Indicador	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai*
Paciente/ Dia	768	768	846	859	864
Número de Saídas hospitalares	63	64	84	74	80

Fonte: Sistema UDIMA e AGHU (prescrições, anamnese e evoluções). \*Consulta até maio/2022.

Tabela 04: Taxa de Mortalidade

Indicador	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai
Taxa de Mortalidade	6,17%	4,48%	4,40%	2,50%	1,14%

Fonte: Sistema UDIMA e AGHU (prescrições, anamnese e evoluções). \*Consulta até maio/2022.

A Unidade do Sistema Urinário foi criada em fevereiro de 2015 e atua no suporte em diálise (técnica mecânica que substitui, em parte, as funções dos rins que estão com seu funcionamento prejudicado) aos pacientes internados nas Unidades de Terapia Intensiva e enfermarias da instituição e as consultas ambulatoriais referenciadas pelo SISREG (Ufgd, 2006).

A Resolução da Secretaria Municipal de Saúde de Dourados Nº 14, de 02 de maio de 2022 definiu as atribuições de cada uma das instituições envolvida no serviço a saúde do paciente portador de Doença Renal Crônica (DRC) na cidade de Dourados e o fluxo de acesso aos serviços de Nefrologia, pactuando a retaguarda hospitalar para os pacientes em tratamento dialítico, realizando, quando necessário sessões de hemodiálise (HD) ou diálise peritoneal intermitente (DPI) em caráter de internação, disponibilizando inclusive leitos de Unidade de Terapia Intensiva e leitos de enfermaria (previsto no contrato): 01(um) leito reserva para vaga garantida aos casos de implante de cateter de Tenckhoff (Resolução/SEMS Nº 14/02).

A mesma Resolução define que a instituição será referência hospitalar para implante e/ou troca de cateter de Tenckhoff e atendimento aos pacientes em Diálise Peritoneal Intermitente (DPI) sob responsabilidade da CENED e da UCM. Ambos os casos, são operacionalizados/ regulados pela CRLT, articulado com o NIR (Lei nº 4.829/22).

Na atualidade a Unidade do Sistema Urinário conta com equipe multidisciplinar composta por médicos e 02 enfermeiros nefrologistas e 07 técnicos em Enfermagem nos quatro períodos (matutino, vespertino e noturno - noite par e ímpar). Atende 04 doentes externos trazidos pelo transporte municipal da cidade de Dourados, Caarapó, Fátima do Sul e Naviraí acomodados no quarto nº. 30, apresenta 02 leitos simples beneficiados com ar condicionado durante a realização de Diálise Peritoneal Intermitente (DPI), além de atendimento as demandas internas na Unidades de Tratamento Intensivo (UTI).

Na unidade também estão lotados residentes em Clínica Médica (R1 e R2). Conta com equipe multidisciplinar composta por médicos nefrologistas e 03 (três) enfermeiros celetistas (especialistas em nefrologista) e 07 (sete) técnicos em enfermagem, 03 (três) celetista e 04

(quatro) estatutários, prestam assistência hodiernamente para 04 (quatro) pacientes fixos (02 homens e 02 mulher) e agenda organizada conforme disponibilidade de leito por sexo.

A assistência aos usuários é, também, acompanhada por uma equipe multiprofissional composta por fonoaudiólogas, psicólogas, fisioterapeutas e nutricionistas, que tem capacitação técnico-científica e preparo profissional para conduzir uniformemente a rotina dos tratamentos.

O grande desafio em atuar na clínica médica é reconhecer as diferenças individuais dos doentes e as necessidades de suas famílias para assim prestar uma assistência conforme suas demandas e peculiaridades. Nas atividades assistenciais diárias estão inclusos procedimentos como: acolher, prestar informações sobre as patologias, alimentação, modos de cuidado gerais e administração de medicamentos, verificação dos sinais vitais, administração de medicamentos (por via oral, parenteral, infusões intravenosas contínuo, intramuscular e retais), nutrição (oral, enteral e parenteral), atividades de higienização (oral e íntima), como banhos (leito e/ou aspersão), trocas de fraldas, além de proporcionar mudanças no posicionamento de pessoas acamadas (conforto) e elaboração de relatórios de internação, entre outras atividades.

Diariamente nos deparamos com as dificuldades relacionadas à internação de pessoas idosas ocasionada pela necessidade de investigação ou início de tratamento das doenças existentes ou diagnosticadas, a internação prolongada nos parece um potente estressor aos indivíduos e suas famílias. Talvez, pelo processo apressado de reorganização familiar como, adequação das rotinas, a mudança de ambiente – compartilhamento dos quartos com outras pessoas e com outros doentes, relacionadas ao excesso de manuseio e procedimentos dos seus corpos, da perda parcial ou total da sua intimidade, ao afastamento do convívio social tanto do paciente quanto dos familiares, declínio orçamentário, o isolamento social, ausência do cônjuge, filhos(as), netos(as) e das interações familiares – quando existente).

Estes fatos podem se agravar quando os vínculos familiares são frágeis, instáveis e superficiais. E, consequentemente presenciamos episódios de frustração, hostilidade, falta de respeito, irritação, agressões (físicas e verbais) de ambos os lados, abusos financeiros e até abandono. Não é raro, pessoas que preferem a institucionalização do que retornarem para suas casas devido aos conflitos e situações que são expostos no cotidiano. Outro fator gritante são as relações de poder que os mais jovens, filhos(as), netos(as), noras e genros exercem sobre as pessoas idosas internadas, priorizando em geral, seus próprios interesses. Nestes casos, a atuação da Psicologia, da Assistência Social e da Equipe Multiprofissional é visto como algo desafiador.

Quanto à estrutura física da Unidade de Clínica Médica (UMS) as dificuldades estão relacionadas com a falta de lavatórios de mãos em todos os quartos, a necessidade de melhorias

na iluminação, instalação de armários, sinalização de enfermagem, colocação de barras de apoio em todos os banheiros. As portas existentes são pequenas e as portas dos banheiros são abertas para dentro e demasiadamente estreitas além da necessidade de adequações das instalações elétricas e hidrossanitários, e nos últimos anos enfrentamos a precariedade do setor de Hotelaria pela dificuldade de processamento dos enxovals hospitalares comprometendo a higiene e o conforto dos funcionários, pacientes e seus acompanhantes.

O hospital oferece através dos Serviços de Nutrição Dietética aos pacientes 06 (seis) refeições diárias: café da manhã, lanche da manhã, almoço, café da tarde, jantar e ceia (no quarto para os pacientes) ou Nutrição Enteral ou Parenteral (gratuitamente). Esses serviços são estendidos durante toda a internação inclusive aos acompanhantes/cuidadores: 03 (três) refeições (café da manhã, almoço e jantar todas as refeições são normalmente servidas no refeitório, com algumas exceções). A meu ver esta oferta contribui para a permanência dos familiares e/ou acompanhantes (cuidadores) à beira-leito e no fortalecimento de vínculos afetivos. Mas por outras questões (que podem ser psicológicas ou emocionais) também acontecem rompimentos (havendo essa percepção às tratativas são feitas pelo Serviço de Psicologia).

A execução da pesquisa possibilitou a (re)construção das minhas representações e alcançar as subjetividades sobre o processo de envelhecimento e qualidade de vida a partir da perspectiva das pessoas idosas internadas e da sua percepção pessoal em relação ao processo internação. Sua aplicação na enfermaria da clínica médica (local da minha atuação) favoreceu o acolhimento dos idosos que aceitaram participar da pesquisa quanto às necessidades de medidas protetivas e conforto além de contar com a colaboração dos colegas de trabalho na manutenção da privacidade durante a realização das entrevistas

O presente trabalho passou pelo Comitê de Ética e Pesquisa, sendo considerado aprovado pelo parecer CAAE: 686091123.7.000.8030 da Comissão de Ética com Seres Humanos doravante denominada CESH, da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS), juntamente com autorização da instituição para realização da mesma, atendendo Resolução 466 de 12 de dezembro de 2012, das normas e diretrizes que regulamentam as pesquisas que envolvam seres humanos e da Resolução 510 de abril de 2016 que versa sobre as normas aplicáveis a pesquisa com seres humanos no âmbito das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

Quanto a escolha dos idosos todos foram abordados no setor da clínica médica durante o período de internação, sendo feito a eles o convite verbal para uma entrevista e orientação sobre os objetivos da pesquisa, sanadas as suas dúvidas, aqueles que concordaram assinaram

individualmente o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e aceite dos participantes - redigido em duas (02) vias. Posteriormente, ocorreu a aplicação do questionário sociodemográfico e a realização de uma entrevista com 03 (três) pessoas idosas, levando em consideração seu nível de consciência, mobilidade e disposição em participar da pesquisa. Assim, todas as entrevistas foram realizadas de forma individual, gravadas e depois transcritas na sua integralidade e constam como Apêndice deste relatório.

Para a Coleta de Dados foi utilizado a técnica de entrevista semiestruturada realizada entre os dias 10 e 13 de julho de 2023 – período vespertino, na qual constavam as seguintes questões:

- a) Descreva o que o/a senhor/senhora entende por qualidade de vida.
- b) Descreva o que o/a senhor/senhora entende por envelhecer bem.
- c) Descreva o que o/a senhor/senhora entende por envelhecimento ativo.
- d) Descreva que tipo de atividades o/a senhor/senhora acha que são importantes para uma pessoa envelhecer tendo qualidade de vida.

A data e o horário das entrevistas foram escolhidos devido a disponibilidade dos idosos, na sala de reuniões da Unidade de Saúde Mental anexo a clínica médica que à época oferecia privacidade e conforto, inclusive térmico (ar-condicionado). Quanto a escolha do turno foi pela observação na diminuição das demandas tanto da equipe de enfermagem (administração de medicamentos e exames), quanto da equipe multiprofissional reduzindo os possíveis ruídos e as interferências externas que poderiam prejudicar as entrevistas e as gravações.

As entrevistas foram gravadas com auxílio de um gravador digital de voz portátil Sony®, modelo ICD - PX 240 4Gb, colocado a uma distância aproximada de 01 (um) metro dos sujeitos, ao término armazenados em uma pasta no *Google Drive* no notebook da pesquisadora para a posterior transcrição das informações registradas na íntegra e, por fim, analisadas.

Quadro 04. Caracterização e variáveis socioeconômicas dos participantes do estudo

<b>Caracterização e Variáveis socioeconômicas</b>							
<b>Identificação</b>	<b>Idade</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Sexo</b>	<b>Estado Civil</b>	<b>Profissão</b>	<b>Renda Individual</b>	<b>Renda familiar</b>
		1º grau				Até 01	Entre 01 (um) e

Cedro-rosa	67	incompleto	Fem.	Casada	Do lar	(um) salário-mínimo	02 salários-mínimos	(dois)
Jacarandá-da-baía	69	1º grau incompleto	Masc.	Casado	Operador de Máquinas Agrícolas	Entre 02 (dois) e 03 (três) salários-mínimos*	Acima de 04 (quatro) salários-mínimos	Acima de 04 (quatro) salários-mínimos
Araucária	65	Superior	Masc.	Casado	Advogado	Acima de 04 (quatro) salários-mínimos	Acima de 04 (quatro) salários-mínimos	Acima de 04 (quatro) salários-mínimos

Fonte: As autoras. \*O participante referiu trabalhar mesmo já aposentado.

Já nos primeiros instantes da aplicação do questionário durante a apresentação das perguntas acima citadas, percebi o surgimento de maiores questionamentos e novas hipóteses inerentes às circunstâncias e o modo de vida desses entrevistados e que, na ocasião, poderiam ser abarcados mais livremente e sem uma padronização. De fato, os participantes corresponderam positivamente sentindo-se à vontade para verbalizar durante as entrevistas versões de acontecimentos sobre suas histórias de vida como suas alegrias, suas dores físicas e emocionais, tristezas, ira, enlutamentos, pudores, conflitos, frustrações e saudades, dentre outros, que vão muito além das percepções sobre envelhecimento e qualidade de vida.

Ouvir esses participantes possibilitou a expansão do entendimento que as pessoas são atravessadas pelas circunstâncias de suas vidas. Que as iniquidades sociais e de saúde como a fome, as violências, os preconceitos (em todas as suas formas), machismo, humilhações, a perda de um filho precocemente, a intolerância religiosa, *bullying*, a falta de acesso aos serviços de saúde, trabalho análogo a escravidão são potentes “trituradores de pessoas” e destroem suas famílias. Percebi também que algumas pessoas desenvolvem um sistema de resiliência incrivelmente sofisticado mesmo diante das situações que presenciaram e conseguem ver a vida com alguma docura.

Ao término das entrevistas confesso que fui tomada de inúmeros sentimentos, inclusive por uma profunda tristeza, talvez pela percepção que durante esses 13 anos de profissão foi estes momentos que eu estive mais próxima da minha humanidade. Pela observação da singularidade de cada pessoa que tocamos, porque o toque está além do corpo físico, do entendimento que as pessoas no geral estão em um campo de batalha interno onde o inimigo é invisível e que está muito além da doença que as levou a hospitalização. Fiquei positivamente

impressionada com as reviravoltas que essas pessoas compartilharam e que jamais perderam a esperança de um futuro melhor.

Da percepção que a criança cativa, ferida, abusada, espancada, violentada, se tiver sorte vai crescer! Que no geral, as pessoas precisam da presença de adultos sadios, equilibrados e compassivos que enxerguem ainda na infância as possibilidades de construção de seres humanos mais potentes do ponto de vista emocional e físico e que consigam alcançar seu potencial máximo durante o processo de envelhecimento e velhice.

Esses “atravessamentos” influenciam fortemente seus relacionamentos sejam eles interpessoais, amorosos, nas relações do trabalho, na maternidade e/ou paternidade, dos prejuízos no consumo e abuso de álcool e drogas, nos comportamentos de risco pela ausência de percepção do quanto seus corpos são sagrados e merecem respeito.

E, principalmente, que a sociedade tem o dever de acolher essas pessoas na vida adulta e na velhice como uma possibilidade reparação histórica dos crimes cometidos há décadas contra às crianças e ausência do Estado na elaboração de leis que as proteja efetivamente no futuro (crianças) e na velhice (idosos). Para resguardar o anonimato e prevalecer o sentimento de ética, nomeamos os sujeitos da pesquisa de forma fictícia, sendo eles: Araucária, Cedro-rosa e Jacarandá-da-baía. Nos discursos que seguem identificamos algumas categorias de análise após tratamento dos dados, são elas: trabalho, religião/religiosidade, família e violência. O produto técnico proposto nesta pesquisa foi elaborado a partir destas categorias.

Neste processo os enunciados evidenciados demonstram que, as pessoas idosas querem falar. Elas querem compartilhar da sua experiência de vida, das coisas pelas quais passaram e das coisas que aprenderam. Esses sujeitos têm muito o que ensinar para as pessoas mais jovens. Diga-se de passagem, esse processo de troca de informações e experiências é compreendido pela própria OMS como fundamental para a inserção dessas pessoas na comunidade da qual fazem parte (OMS, 2005).

Esse elemento garante a “[...] saúde, participação e segurança, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas ficam mais velhas” (OMS, 2005, p. 13). As entrevistas me mostraram a importância de ouvir mais, de estar ali para a outra pessoa, não apenas como alguém que exerce uma função técnica, mas como uma pessoa que se dedica a cuidar de outra pessoa, no sentido *lato* do termo.

Construir o Puxa-Conversar também foi um processo complexo. A dificuldade em selecionar o que de fato deveria constar me fez organizar as falas dos idosos em uma tabela a partir das quais efetuei uma categorização, que segue apresentada na tabela abaixo e que constam na sua totalidade no puxa-conversa: 179 perguntas abertas.

### Roteiro do Puxa-Conversa

Infância/Juventude	<p>Você gostava de assistir desenhos animados quando era criança?      Qual era o seu desenho preferido?      Qual é a coisa que você queria quando era criança e nunca teve?      Do que você tem saudade na sua infância?      Qual era a sua comida favorita quando você era criança?      Você assistia TV quando era criança? Que programa você gostava de assistir?      Quando você era criança você gostava de qual artista?      Onde você passou a sua infância?      Que profissão você queria ter quando criança?      Você acha que mudou o jeito como as crianças lidam com as pessoas mais velhas hoje?      Quais eram suas maiores preocupações na juventude?</p>
Animais domésticos	<p>Você teve um bichinho de estimação? Como ele era?      Você tem animais de estimação? Como se chama?      Você gosta mais de gato ou de cachorro?</p>
Realizações	<p>Que sonho você já realizou?      Que sonho você quer realizar?      Quais são os seus objetivos para o próximo anos?      Existe alguma coisa que você realizou e sentiu muito orgulho?      Qual foi o acontecimento mais importante da sua vida?      O que você gostaria de saber ou aprender e ainda não sabe ou aprendeu?      Qual foi a decisão mais importante que você já tomou?      Qual a coisa mais incrível que já aconteceu na sua vida?      Qual foi o lugar mais bonito que você já visitou?      Você acha que em qualquer idade é possível vivenciar novas experiências?</p>
Diversão	<p>Qual foi a coisa mais engraçada que já aconteceu com você?      O que você gosta de fazer no final de semana?      Você tem um filme ou um programa de TV favorito?      Se você pudesse viajar no tempo, iria para que época?      Que tipo de programa você gosta de assistir na TV ou ouvir no rádio?</p>
Medo	<p>Qual é o seu maior medo?      Qual foi o momento da sua vida que você mais sentiu medo?</p>
Admiração	<p>O que você mais admira nos outros?      Você tem uma pessoa que você admira? Por que você admira essa pessoa?</p>
Lema	<p>Qual foi a pessoa que mais influenciou a sua vida? Por quê?      Qual foi a maior lição que você aprendeu até hoje?      O que você acha que todo mundo deveria saber ainda jovem?      Que coisas você acha que são importantes para alguém ser uma boa pessoa?</p>
Autoimagem	<p>Qual a sua maior qualidade e o seu maior defeito?</p>

	O que você mudaria na sua personalidade? Você tem (ou teria) vergonha de assumir suas rugas ou dos seus cabelos brancos? Você é uma pessoa vaidosa, que gosta de se arrumar? Me conte uma coisa que você gostaria que as pessoas soubessem sobre você. Você gosta de ser fotografado? Você consegue indicar diferenças físicas em relação a pessoas mais velhas que você? Você gosta de conversar e fazer novas amizades? Você se acha uma pessoa bonita? O que você mais gosta em você? Você se considera uma pessoa idosa? Por quê? Você percebeu que estava envelhecendo quando? Como você se descreveria em poucas palavras? Você gosta do seu nome? Sabe se a escolha do seu nome tem uma história?
Pensamentos	Me conta um tema (assunto) que tem estado na sua cabeça ultimamente. Quando você está triste, o que você faz para se sentir melhor?
Autoconhecimento	Qual sua cor preferida? Você gosta de viajar? Você tem algum número da sorte? O que ajuda você a relaxar e a manter o equilíbrio? O que você acha que faz que irrita as pessoas? Se você pudesse escolher uma coisa para mudar em você antes da velhice, o que teria sido?
Felicidade	O que te deixa muito feliz? O que é um dia perfeito para você? O que faz você dar mais risadas? Qual é a definição de sucesso para você? Você já chorou de felicidade? Você lembra o motivo? Qual foi o momento mais feliz da sua vida?
Orgulho	O que mais enche você de orgulho? Qual a sua maior conquista até hoje? Você tem algum talento que a maioria da sua família/amigos não sabe? Qual foi o maior orgulho que você já deu aos seus pais?
Saudade	Do que você sente saudades? Ou de quem? Qual foi o melhor período da sua vida? Na última vez em que você chorou, qual foi o motivo? Se fosse possível, que momento da sua vida escolheria viver de novo?
Futuro	Como você quer que a sua vida esteja daqui a dez anos? O que há muitos anos você quer fazer e ainda não fez? Qual a sua meta para esse ano?
Geração	O que mais incomoda você no mundo de hoje? Se você pudesse mudar alguma coisa no mundo de hoje, o que você mudaria? O que você mais gostava (ou do que você tem mais saudade na

	vida de solteiro(a)? O que você aprendeu com meus pais e ensinou para os seus filhos? As interações com jovens e crianças te deixam feliz? Em quais ocasiões? As interações com jovens e crianças te deixam estressado? Em quais ocasiões? O que você não tolera nos jovens de jeito nenhum? Você acha que os jovens de hoje são diferentes de quando você era jovem?
Aposentadoria	Como você gostaria de aproveitar a sua aposentadoria? Com quem você quer curtir a velhice? Você planejou sua aposentadoria?
Trabalho	Em que você trabalha? Ou já trabalhou ao longo da vida? Como quantos anos você começou a trabalhar? O que faz de você um grande profissional? O que você pensa sobre as empresas levarem em consideração a idade das pessoas para contratá-las? Você pretende trabalhar até que idade? Como definiu esse limite? Você tem muitos amigos?
Amizade	Qual foi a maior demonstração de amizade que você já recebeu de alguém? Quais são as qualidades mais importantes de um amigo? O que é ser um bom amigo para você? O que você costuma fazer quando se reúne com os amigos? Como você descreve o seu grupo de amigos da juventude? Você tem algum amigo que considera como se fosse da família? Qual a pessoa mais divertida da sua família. O que você gosta nela?
Família	Quem são as pessoas que moram com você? Qual é o melhor lugar da sua casa? Qual foi a experiência da sua vida que mais fortaleceu você? Por quê? Qual a coisa mais difícil que você já fez na sua vida? Para que tipo de pessoa ou situação você gostaria de aprender a dizer “não”?
Resiliência	Existe alguma atividade que você acha que as pessoas deveriam tentar pelo menos uma vez na vida? Você se importa com o que os outros pensam de você? Na sua opinião, o que as pessoas jovens não dão importância, mas deveriam? Qual a coisa mais injusta que aconteceu na sua vida? O que é mais difícil para você: perdoar ou pedir perdão?
Humor	Qual é a coisa que faz você reclamar? O gênio da lâmpada apareceu em sua vida e te concedeu três pedidos, quais seriam? Se você ganhasse na loteria, o que você faria? Me conta uma coisa que todo mundo gosta e você não.
Relacionamento	Como é uma relação bem-sucedida para você?

	Na sua opinião, por que tantos casais se separam na atualidade? Você já se apaixonou à primeira vista?
Arrependimento	Qual foi o conselho que você já deu e que se arrependeu? Você já falou alguma coisa que se arrependeu na hora? Qual foi a coisa que você teve chance de aprender, mas acabou deixando para depois?
Bem-estar	Me diga três coisas que você faz e que te dão grande bem-estar? Como você se acalma quando fica com raiva? Sobre o que você poderia passar o dia inteiro falando? Qual é a música que tem tudo a ver com você? Por quê? Que tipo de música você ouve? Qual foi a última música que você ficou cantando durante dias? Você prefere o verão ou o inverno? Para você qual o momento mais importante do dia?
Maternidade	Se você tivesse poderes mágicos, o que mudaria na sua minha mãe? Qual qualidade da sua mãe você herdou? Você conheceu a história da sua mãe?
Avosidade	Você se considera um bom (boa) avô/avô? O que seus netos trouxeram para a sua vida? Você é melhor pai/mãe ou avó/avô?
Paternidade	Se você tivesse poderes mágicos, o que mudaria no seu pai? Qual qualidade do seu pai você herdou? É melhor ser pai ou filho (a)?
Religiosidade/ espiritualidade	Você tem alguma crença religiosa? O que traz mais significado para a sua vida? O que é espiritualidade para você? Pelo que você é grato na sua vida?
Morte	Quando você se for, como gostaria de ser lembrado? O que você acredita que acontece após a morte? Se fosse possível saber a idade em que você vai morrer, você gostaria de saber? Se tivesse que escolher apenas uma qualidade para ser lembrado pelas pessoas, qual seria? Você reflete sobre a sua finitude (sobre morrer)?
Atividade física	O que você faz no tempo livre? Você pratica alguma atividade física? Você gosta de dançar? Você prefere aproveitar a manhã ou a noite?
Tecnologia	Você usa as redes sociais? Quais? O que mais influência você: aquilo que você lê ou o que você vê? Na sua opinião, qual a maior invenção da humanidade, depois que você nasceu? Você lida bem com a tecnologia?
Violência	Você já sofreu algum tipo de violência? Quais? Você já sofreu discriminação por ser idoso(a)? Você já presenciou alguma violência contra uma pessoa mais idosa? Como você se sentiu?

	O que você pensa sobre muitas mensagens em novelas ou filmes que retratam as pessoas idosas como rabugentas e/ou mal-humoradas?
Comportamento	<p>Na sua opinião, existe idade certa para usar determinado tipo de roupa?</p> <p>Você já tratou alguém com mais idade como uma criança?</p> <p>Você tem medo de ser considerado(a) velho demais para alguma coisa?</p> <p>O que você ouve sobre pessoas idosas que você não concorda de maneira alguma?</p> <p>Você consegue lembrar de algum produto/propaganda criado(a) para o público maduro?</p> <p>Você frequenta ou já frequentou bailes da melhor idade?</p> <p>Você se acha preconceituoso em relação a alguém?</p> <p>Você acredita que existe uma idade máxima para as pessoas dirigirem? Por quê?</p>
Estudo	<p>Na sua opinião, a diferença de idade pode melhorar ou dificultar as relações pessoais na sala de aula? Por quê?</p> <p>Você conhece o Estatuto do Idoso? O que você pensa a respeito de ter que existir leis que protegem as pessoas idosas?</p> <p>Você acha que existe uma idade máxima para aprender?</p>
Velhice	<p>Quais seriam as três coisas boas associadas ao envelhecimento?</p> <p>Quais seriam as três coisas ruins associadas ao envelhecimento?</p> <p>Você acha que a interação com pessoas mais jovens reduz a solidão?</p> <p>O que você pensa dos “velhos muito velhos”?</p> <p>Na sua opinião, o que significa envelhecer?</p> <p>Envelhecer te trouxa sabedoria?</p> <p>Qual é o maior desafio emocional em relação ao “envelhecimento”?</p> <p>O que você acha do termo “melhor idade”?</p> <p>O que você fez na juventude que você nota que prejudicou no seu envelhecimento?</p> <p>De que forma você cuida da sua saúde para ter autonomia?</p> <p>Você se compara com outras pessoas com a sua mesma idade?</p> <p>Em quais ocasiões?</p>

Fonte: Elaboração das autoras.

Quero salientar que o diálogo proposto a partir destas perguntas não se fecha nelas mesmas. Não há necessidade de seguir o roteiro, porque ele é apenas uma provocação para que a conversa se estabeleça, criando uma conexão que facilite a troca de ideias agradável e respeitosa, incentivando a pessoa idosa a compartilhar suas opiniões e histórias de vida com os acompanhantes-cuidadores à beira-leito.

## REFERÊNCIAS

- AGORA, D. (2011). **Primeiro bebê do ano em Dourados é indígena**. Disponível em: <https://www.douradosagora.com.br/2011/01/01/primeiro-bebe-do-ano-em-dourados-e-indigena>. Acesso em: 18 nov. 2023.
- ARAGÃO, N. S. **Exclusão social e iniquidades em saúde**: estudo de caso da Reserva Indígena de Dourados-MS. 2016. 123 p. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, 2016. Disponível em: [https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=4122935](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=4122935). Acesso em: 18 nov. 2023.
- ARAUJO, et al. **Carta de Serviços ao Cidadão Hospital Universitário da UFGD**. 2014. Disponível em: <https://www.gov.br/ebsrh/pt-br/hospitais-universitarios/regiao-centro-oeste/hu-ufgd/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/CartadeServiossite.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2023.
- AZEVEDO, A. et al. **Plano Diretor Estratégico do Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados** – HU/UFGD/EBSERH. – HU/UFGD/EBSERH. Disponível em: [https://www.gov.br/ebsrh/pt-br/hospitais-universitarios/regiao-centro-oeste/hu-ufgd/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/programas-projetos-e-acoes/arquivos/MinutaPDE20212023HUUFGD\\_final.pdf](https://www.gov.br/ebsrh/pt-br/hospitais-universitarios/regiao-centro-oeste/hu-ufgd/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/programas-projetos-e-acoes/arquivos/MinutaPDE20212023HUUFGD_final.pdf). Acesso em: 20 nov. 2023.
- BATISTA, A. et al. **Plano Diretor Estratégico do Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados** – HU/UFGD/EBSERH. Dourados, MS. Dourados, MS. 2018-2020. Disponível em: [file:///C:/Users/Walkiria/Downloads/Plano%20Diretor%20Estrat%C3%A9gico%20PDE%202018-2020%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Walkiria/Downloads/Plano%20Diretor%20Estrat%C3%A9gico%20PDE%202018-2020%20(1).pdf). Acesso em: 18 nov. 2023.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Aliando humanização e assistência, HU-UFGD implementa Núcleo de Saúde Indígena**. Disponível em: <https://portal.ufgd.edu.br/noticias/aliando-humanizacao-e-assistencia-hu-ufgd-implementa-nucleo-de-saude-indigena>. Acesso em: 20 out. 2023.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Autoavaliação Institucional**. Dourados – MS, 2009. Disponível em: <https://files.ufgd.edu.br/arquivos/arquivos/78/COMISSAO-PROPRIA-AVALIACAO/Relat%C3%B3rio%20Autoavalia%C3%A7%C3%A3o%20Institucional%2009.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2023.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Universidade Federal da Grande Dourados faz parceria para recuperar unidade**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/222-537011943/19109-federal-da-grande-dourados-faz-parceria-para-recuperar-unidade>. Acesso em: 20 out. 2023.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Sobre o HU-UFGD**. 2020 Disponível em: <https://www.gov.br/ebsrh/pt-br/hospitais-universitarios/regiao-centro-oeste/hu-ufgd/acesso-a-informacao/institucional/sobre>. Acesso em: 20 out. 2023
- CABREIRA, E. L. **Atividades Educativa e o processo de enfermagem e uma UTI neonatal**. Dourados, MS: UEMS, 2017. 66f. Relatório Técnico (Mestrado Profissional) – Ensino em Saúde – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2017. Disponível em: [https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=6087628](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=6087628). Acesso em: 16 nov. 2023.

CINTRA, R. F. *et al.* A informação do setor de faturamento como suporte à tomada de decisão: um estudo de caso no Hospital Universitário da UFGD. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 18, n. 10, p. 3043–3053, out. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/y9L9ZzzBy3tMZmgKkrHLkbn/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 20 out. 2023.

**DIMENSIONAMENTO DE SERVIÇOS ASSISTENCIAIS E DA GERÊNCIA DE ENSINO E PESQUISA.** Hospital Universitário de Dourados- HU/UFGD BRASÍLIA, 20 DE FEVEREIRO DE 2013. Disponível em: <https://www.gov.br/ebserh/pt-br/hospitais-universitarios/contratos-de-gestao/regiao-centro-oeste/hu-ufgd/dimensionamento-de-servicos>. Acesso em: 20 out. 2023.

**EMPRESA BRASILEIRA DE SERVIÇOS HOSPITALARES. Manual Anual de Enfermagem da Casa da Gestante, Bebê e Puérpera do Hospital Universitário da Grande Dourados - UFGD.** Ministério da Educação, Brasília: Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares. Disponível em: <https://www.gov.br/ebserh/pt-br/hospitais-universitarios/regiao-centro-oeste/hu-ufgd/acesso-a-informacao/pops-protocolos-e-processos/gerencia-de-atencao-a-saude-gas/setor-de-atencao-a-saude-da-mulher/ma-de-uamsp-001-manual-da-casa-da-gestante-bebe-e-puerpera-2020-2022.pdf/view>. Acesso em: 27 out. 2023.

**EMPRESA BRASILEIRA DE SERVIÇOS HOSPITALARES. Manual Anual de Normas e Rotinas da Unidade de Ambulatório do Hospital Universitário da Grande Dourados - UFGD.** Ministério da Educação, Brasília: Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares. Disponível em: <https://www.gov.br/ebserh/pt-br/hospitais-universitarios/regiao-centro-oeste/hu-ufgd/acesso-a-informacao/pops-protocolos-e-processos/gad/ma-uamb-001-manual-de-normas-e-rotinas-da-unidade-de-ambulatorio.pdf>. Acesso em: 20 out. 2023.

**EMPRESA BRASILEIRA DE SERVIÇOS HOSPITALARES. Manual de Normas e Rotinas Multiprofissionais da Clínica Médica do Hospital Universitário da Grande Dourados - UFGD.** Ministério da Educação, Brasília: Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares. Disponível em: <https://www.gov.br/ebserh/pt-br/hospitais-universitarios/regiao-centro-oeste/hu-ufgd/acesso-a-informacao/pops-protocolos-e-processos/gad/ma-ucm-001-manual-de-normas-e-rotinas-multiprofissionais-da-clinica-medica.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2023.

**EMPRESA BRASILEIRA DE SERVIÇOS HOSPITALARES. Manual de Normas e Rotinas do Núcleo Interno de Regulação - NIR do Hospital Universitário da Grande Dourados - UFGD.** Ministério da Educação, Brasília: Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares. Disponível em: <https://www.gov.br/ebserh/pt-br/hospitais-universitarios/regiao-centro-oeste/hu-ufgd/acesso-a-informacao/pops-protocolos-e-processos/gad/ma-nir-001-manual-de-normas-e-rotinas-do-nucleo-interno-de-regulacao-nir.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2023.

**EMPRESA BRASILEIRA DE SERVIÇOS HOSPITALARES. Traduções em idioma Guarani são incluídas nas placas indicativas do HU-UFGD.** Ministério da Educação, Brasília: Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares. Disponível em: <https://www.gov.br/ebserh/pt-br/hospitais-universitarios/regiao-centro-oeste/hu-ufgd/comunicacao/noticias/hu-ufgd-tem-placas-indicativas-com-traducoes-no-idioma-guarani>. Acesso em: 20 nov. 2023.

**FERNANDES. Wedson *et al.* Plano Diretor Estratégico do Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados – HU/UFGD/EBSERH.** São Paulo, 2013-

2014. Disponível em: [Plano%20Diretor%20Estrat%C3%A9gico%202013%202014.pdf](https://www.gov.br/ebserh/pt-br/hospitais-universitarios/regiao-centro-oeste/hu-ufgd/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/AnexoResolu054CartadeServios.pdf). Acesso em: 17 nov. 2023.

**GONÇALVES et al. Carta de Serviços ao Usuário do Hospital Universitário da UFGD.** 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/ebserh/pt-br/hospitais-universitarios/regiao-centro-oeste/hu-ufgd/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/AnexoResolu054CartadeServios.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2023.

**HISTÓRIA DO HU-UFGD.** Disponível em: [https://www.gov.br/ebserh/pt-br/hospitais-universitarios/regiao-centro-oeste/hu-ufgd/acesso-a-informacao/institucional/sobre#:~:text=Nossa%20Hist%C3%B3ria,Douradense%20de%20Benef%C3%A7o\(Ancia%20\(Sodoben\)}](https://www.gov.br/ebserh/pt-br/hospitais-universitarios/regiao-centro-oeste/hu-ufgd/acesso-a-informacao/institucional/sobre#:~:text=Nossa%20Hist%C3%B3ria,Douradense%20de%20Benef%C3%A7o(Ancia%20(Sodoben)}). Acesso em: 20 nov. 2023.

**HOSPITAL UNIVERSITÁRIO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS.** Disponível em: <https://www.gov.br/ebserh/pt-br/hospitais-universitarios/regiao-centro-oeste/hu-ufgd>. Acesso em: 20 nov. 2023.

IBGE, 2022. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.** Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ms/dourados.html>. Acesso em: 20 out. 2023.

**LEI N° 3.118, DE 09 DE JULHO DE 2008.** Disponível em: <https://do.dourados.ms.gov.br/wp-content/uploads/2014/09/10-07-2008.pdf>. Acesso em: 20 out. 2023.

**LEI N° 4.829 DE 28 DE MAIO DE 2022.** Disponível em: [https://www.aceddourados.com.br/images/upload/files/04-05-2022\\_\(1\).pdf](https://www.aceddourados.com.br/images/upload/files/04-05-2022_(1).pdf). Acesso em: 20 out. 2023.

MACHADO, Thaisa Pase. **A Tecnologia como instrumento de gestão hospitalar: uma proposta de digitalização de prontuários médicos no HU-UFGD.** 2016. 84 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Administração Pública em Rede Nacional) – Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Economia, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2016. Disponível em: <https://files.ufgd.edu.br/arquivos/arquivos/78/MESTRADO-ADMINISTRACAO-PUBLICA/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Final%20Thaisa%20Pase.pdf>. Acesso em: 20 out. 2023.

MOREIRA, Aline et al. **Plano Diretor Estratégico do Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados – HU/UFGD/EBSERH.** Dourados, MS. Dourados, MS. 2021. Disponível em: [https://www.gov.br/ebserh/pt-br/hospitais-universitarios/regiao-centro-oeste/hu-ufgd/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/programas-projetos-e-acoes/arquivos/MinutaPDE20212023HUUFGD\\_final.pdf](https://www.gov.br/ebserh/pt-br/hospitais-universitarios/regiao-centro-oeste/hu-ufgd/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/programas-projetos-e-acoes/arquivos/MinutaPDE20212023HUUFGD_final.pdf). Acesso em: 20 out. 2023.

NEWS, CAMPO GRANDE (2023). **Hospital que mais atende indígenas fora da região Norte fica em MS.** Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/cidades/interior/hospital-que-mais-atende-indigenas-fora-da-regiao-norte-fica-em-ms>. Acesso em: 27 out. 2023.

NEWS, D. (2021). **Lei que extingue Fundação criada para administrar o HU é sancionada.** Disponível em: <https://www.douradosnews.com.br/dourados/lei-que-extingue-fundacao-criada-para-administrar-o-hu-e-sancionada/1172454/>. Acesso em: 17 nov. 2023.

NUNES DA SILVA, Paulo César. A Gestão dos Hospitais Públicos e a Judicialização. **Revista jurídica direito, Sociedade e Justiça**, [S. l.], v. 5, n. 7, 2021. Disponível em:

<https://periodicosonline.uems.br/index.php/RJDSJ/article/view/3319>. Acesso em: 11 nov. 2023.

PEREIRA, Silvana Souza da Silva. (2004). **Organização dos espaços microrregionais de saúde**: o caso do Mato Grosso do Sul. Tese de Doutorado, Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca. Disponível em:

[https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/handle/icict/5264/silvana\\_souza\\_silva\\_pereira\\_ensp\\_mest\\_2004.pdf?sequence=2&isAllowed=y](https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/handle/icict/5264/silvana_souza_silva_pereira_ensp_mest_2004.pdf?sequence=2&isAllowed=y). Acesso em: 17 nov. 2023.

**PLANO DE DADOS ABERTOS DO HOSPITAL UNIVERSITÁRIO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS (HU-UFGD) 2020-2022.**

Disponível em: <https://www.gov.br/ebsrh/pt-br/hospitais-universitarios/regiao-centrooeste/hu-ufgd/acesso-a-informacao/dados-abertos>. Acesso em: 17 nov. 2023.

PLOTZKI, Ângela et al. **Carta de Serviços da Universidade Federal da Grande Dourados**. Dourados-MS, 2010. Disponível em:

<https://files.ufgd.edu.br/arquivos/portal/ufgd/arquivos/aufgd/carta-de-servicos.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2023.

**PORTARIA Nº 1.020, DE 29 DE MAIO DE 2013.** Disponível em:

[https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2013/prt1020\\_29\\_05\\_2013.html](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2013/prt1020_29_05_2013.html). Acesso em: 17 nov. 2023.

REUNI, 2011. **HU/UFGD realiza mais de 60 partos na primeira semana de atendimento.**

Disponível em: <https://reuni.mec.gov.br/noticias/39-noticias-principais/800-huufgd-realiza-mais-de-60-partos-na-primeira-semana-de-atendimento>. Acesso em: 17 nov. 2023.

SETTE. Andrea et al., **Carta de Serviços**, 2021. Disponível em:

<https://portal.ufgd.edu.br/secao/carta-de-servico/index>. Acesso em: 17 nov. 2023.

**RESOLUÇÃO/SEMS Nº. 14, DE 02 DE MAIO DE 2022.** Disponível em:

<https://do.dourados.ms.gov.br/wp-content/uploads/2022/05/04-05-2022.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2023.

## APÊNDICE

### **TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA N° 01**

Entrevistado(a): Jacarandá-da-baía

Data: 10/07/2023 às 14:51

Duração: 33"30"

Local: Hospital Universitário da Grande Dourados – UFGD

Entrevista na data de 10 de julho é às 14:51 entrevistado número 01.

**Pesquisadora:** É... descreva. É... como o senhor entende qualidade de vida?

**Jacarandá-da-baía:** Bom! Qualidade de vida, na minha concepção, seria uma perfeita sintonia entre corpo e o espírito. A partir do momento que você privilegia o bem-estar interior, quando você se sente, é... no ambiente em que você vive de forma plena e pacífica. Isso gera uma qualidade de vida. Porque muitos pensam que a qualidade de vida seria eu ter o conforto material e o conforto material é apenas uma consequência da sua atividade diária, porque na verdade, se você não tiver paz de espírito, a qualidade de vida, ela não é apreciável ou ela não chega até você, então a qualidade dele seria uma plena perfeição entre mente, corpo e estado de espírito.

**Pesquisadora:** Isso é qualidade de vida para o senhor?

**Jacarandá-da-baía:** É. O que eu penso.

**Pesquisadora:** É, o que o senhor entende por envelhecer bem?

Jacarandá-da-baía: Envelhecer bem. Seria nos parcos conhecimentos uma forma de você privilegiar o criador. Quando você se resigna, que a vida tem um começo, um meio e um fim. Nesse ínterim, nesse intervalo do berço até o túmulo, você vai te vitalidade e depreciação. Então, a partir do momento que eu escalo a montanha, eu estou na vitalidade, começo descer... eu estou na descendente, mas na matéria, o espírito é imortal. Então, se nós temos um espírito imortal, se eu tenho essa concepção de espírito imortal que Deus me concedeu, então eu sei, eu creio na vida futura, e tenho uma esperança, uma fé. Então eu envelheço geneticamente falando, fisicamente falando, mas a mente continua sã, em estado de perfeição, então envelhecer bem seria fazer um contra peso entre as suas aspirações, mundanas, materiais e o seu conceito de vida interior... religioso. Entende, sei-lá... Tudo que posso te fazer é elevar.

**Pesquisadora:** O senhor tem envelhecido bem? O senhor acha que o senhor tem envelhecido bem?

**Jacarandá-da-baía:** Eu... ultimamente... eu imaginava que não tinha descido bem. Quando me aconteceram alguns reveses, né. Do ponto de vista físico, emocional. Porque a gente imagina que você estando espiritualizado, você está em uma redoma de vidro, você tá

totalmente encorajado. Mas...A gente vive num mundo de provas e expiações, lei de causa e efeito. Então, automaticamente eu sofri algum revés, nesse revés que eu sofri, eu imaginando estar preparado, eu tive um baque quando eu tive um baque, eu imaginei que eu não estava envelhecendo a contento. Não estava vivendo de modo satisfatório, mas daí eu fui buscar na minha memória. Porque. Nós temos uma vida anterior, para mim, que acredito, eu tenho uma vida anterior, então às vezes daqui pra trás eu tive outra existência, e lá eu tive: vícios, mazelas, imperfeições, faltei com alguém, desprezei alguém, deixei de amar, de perdoar, às vezes cometí crimes, quem sabe, né?

Então, na lei de causa e efeito, como Deus é toda justiça, amor, bondade soberanamente justo e bom, então, você não foge a lei D'ele. Então você vai ter que resgatar débitos de uma forma ou outra, mas depende de você na sua caminhada, se você, por exemplo, muda o rumo da sua trajetória, eu deixo de fazer o mal e por algum motivo, passo a fazer o bem, então eu me concedi uma moratória. E eu posso mudar o meu estado vibratório a partir daquele momento. Então, aí eu entendi, minha cabeça entrou no lugar. Eu entendi que o que eu tô passando hoje nesses reveses é fruto, resultado da existência anteriores, então eu tô aceitando, resignado paciente, porque eu sei que isso aí vai ser só um momento, tudo passa na vida. Esta frase célebre do Chico Xavier, tudo passa... O bem e o mal independentemente que sejam, eles passam. Então eu penso assim, por conta disso, responder a sua questão, eu acho que tô envelhecendo a contento!

**Pesquisadora:** Quando o senhor comenta que diante... dessas expiações... o senhor modificou? O senhor modificou em atitudes também, atitudes que eu digo assim, da maneira de viver, não só de enxergar essas inspirações com algo superior, mas mudou a atitude diante de... da alimentação do senhor da maneira de como o senhor, as horas de sono, senhor.

**Jacarandá-da-baía:** Mudou

**Pesquisadora:** O senhor pensou nisso também? Ou não...em algum momento?

**Jacarandá-da-baía:** Porque eu tive uma juventude assim... eu não me preocupava em dormir bem, dormir o suficiente, né! Quando a gente é jovem... a gente gosta de festa, mas, sadia, nossa...nossa...minha juventude foi sadia...

**Pesquisadora:** O que o senhor chama de juventude sadia?

**Jacarandá-da-baía:** Assim... nunca usei drogas, nunca fumei e bebida alcoólica só em festa, moderadamente, então nunca... nunca saí do tom, né? Mas quando eu me conscientizei que espiritualmente eu precisava me mudar. E eu vi essa mudança acontecer. E não foi por acaso, porque tudo é um chamamento em nossa vida. Foi numa dor, né? Tem até uma passagem no Evangelho que... que um espírito protetor diz assim: "a dor é uma bênção que Deus envia seus eleitos. Não vos aflijais quando sofrerdes. Né? Pelo contrário. Resignado-vos para que tu recebas as bênçãos do céu". Então... eu passei a mudar conceito, comecei a dormir mais regradamente. Mas não só isso. Cuidar da alimentação, por exemplo. Hoje, carne vermelha, eu como menos ainda não consegui tirar totalmente, mas eu praticamente elimino.

Quando tem algum churrasco, alguma coisa eu belisco para acompanhar os amigos, mas eu paro por aí. Né. Mas eu evito o excesso de alimentação porque o nosso organismo tem um limite para as toxinas, né.

E também principalmente no modo de ser. Por exemplo, antes. Eu era um pouco intempestivo quando alguém me dizia alguma coisa que me magoava, me machucava, eu respondia no mesmo tom. Hoje, eu engulo, 02 (duas)...03 (três) vezes... para falar, então eu magoo menos e eu também evito. Faço uma reforma íntima diária, tenho uma agendinha... reforma íntima para que eu exerça o perdão diariamente. Então, à medida que eu perdoo... eu vou me melhorando, né? Independentemente, se eu estou certo ou errado, se alguém me fez mal ou não fez, eu faço o exercício do autoperdão.

Para que eu possa me melhorar, então isso, esse conjunto assim de elementos eu acho que forma um conceito perfeito pra que ajude-nos a envelhecermos bem, porque nós somos uma tríade, né? Nós somos corpo, espírito e mente, então nós não podemos dissociar, se eu pensar só corpo a mente não vai funcionar o corpo vai desativar e se eu pensar só no espírito o corpo não vai andar. então não tem jeito.

**Pesquisadora:** E pro senhor o que é..., o que o senhor tem como entendimento envelhecer ativo ouativamente?

**Jacarandá-da-baía:** É. Tem duas formas de ser ativo, né. Ativo fisicamente falando e mentalmente falando, né? Quando está em condições físicas aptas a alguém que está forte ainda. Pode perfeitamente conjugar tudo mentalmente, fisicamente, mas quando as forças já não, não existem mais no entardecer da idade...da velhice, né. Então, nessa existência a pessoa vai ser que ser ativa mentalmente, emocionalmente por que quando eu paraliso o cérebro, porque o cérebro é uma máquina em constante funcionamento, se eu utilizo ele para a leitura, pra raciocínio, pra tudo ao mesmo tempo o corpo não recente e eu continuo vive permanentemente, né? Então eu acho que é uma forma de a gente se manter ativo seria... mentalmente e emocionalmente, se espiritualizando... cuidando das emoções. E,... participando ativamente de coisas sadias aonde você está inserido...

**Pesquisadora:** O senhor comentou comigo. Que tem 02 (duas) semanas que o senhor, não está na atividade dos ser advogado? Né.

**Jacarandá-da-baía:** Faz 02 (dois) meses

**Pesquisadora:** 02 (dois) meses já?

**Jacarandá-da-baía:** Eu tive um problema...

**Pesquisadora:** Como era a rotina do senhor? Diária assim... daí por isso que eu tô perguntando também... esse ativo, o senhor costuma acordar cedo...parar para o almoço e ir até o final do dia. Como é essa rotina de ser advogado, parece bastante estressante!

**Jacarandá-da-baía:** 10 (dez) para às 06 (seis) sem precisar de despertador e começo com as atividades, né. A comidinha pro gatinho, cachorro...é ir trabalhar! Aí vou para o escritório... o dia que tá muito tumultuado, às vezes... não venho almoçar, a esposa leva almoço o dia que que dá eu venho almoçar, aí fica, até o final da tarde e volto. E todas as noites eu tenho atividades, todas! Graças a Deus, ou no Centro Espírita, ou a gente transmitindo uma... uma palestra, uma *live* ou estudo ou reunião de mediunidade online. Então, toda noite eu tenho... e assim como eu tenho o privilégio de ser convidado para fazer umas palestrinhas no Centro Espírita, então geralmente segundas, sextas-feiras eu sempre tenho palestra no Centro Espírita

então nunca paro! Aí no final de semana, tem o educandário Espírita que chama: Allan Kardec. Que eu participo como voluntário, e então quando... final de semana eu não estou em casa...eu tô lá ajudando ou no estudo ou na evangelização infantil, ou na...na...na a gente faz...sopa

**Pesquisadora:** Então, o senhor está sempre em movimento?

**Jacarandá-da-baía:** Eu não paro!

**Pesquisadora:** Está sempre em movimento. Tem algum hobby fora... essas atividades ou o senhor considera isso um hobby do senhor?

**Jacarandá-da-baía:** Pra mim a atividade de fazer a caridade é um hobby. Caridade é um hobby! Mas eu sempre gostei de jogar futebol, mas há 09 (nove) anos eu não jogo mais por causa de um deslocamento de retina, mas meu *hobby* hoje é fazer a caridade é assistir o outro, por que nós temos hoje uma equipe que chama evangelho, equipe do evangelho no Lar e...por obra do destino eu que coordeno ... então... a gente por exemplo a pessoa pede a gente vai 3(três) semanas consecutivas no lar da pessoa implantar para quem não faz ou levar lenitivo para quem ...

**Pesquisadora:** O senhor tem muitos amigos? Da juventude...?

**Jacarandá-da-baía:** Muitos... graças a Deus. Nossa! Uma infinidade de amigos

Pesquisadora: Ahh. O senhor tem...como a gente pode dizer assim...está cercado por pessoas da sua da juventude do senhor...da infância do senhor? Essas pessoas permaneceram? São muitos ainda? Como o senhor tenta manter eles por perto?

**Jacarandá-da-baía:** A gente sempre está em contato porquê... da turma que eu me formei, a gente a cada 05 (cinco) anos ...pessoal ...se reúne em algum lugar para comer...alguma coisa, e os outros a gente sempre tá se vendo na cidade...a maioria é daqui, né. Sempre tá se vendo, um tem comércio, o outro trabalha na prefeitura ...o outro em algum lugar...a gente se visita...a gente se fala por grupos de *WhatsApp*.

**Pesquisadora:** É, que bom!! E vai se expandindo para as famílias, porque as famílias vão se conhecendo também, vai fazendo...Isso é muito bom. Que bom que permaneceu esse vínculo, né. Que bom!

**Jacarandá-da-baía:** Agora aumento mais...ainda...por que quando você participa de uma atividade dessas porque lá são 420 (quatrocentos e vinte) crianças são mais de 400 (quatrocentas) famílias, né, 300 (trezentas) famílias vamos pôr assim...você vai criando também vínculos com esses pais, né. Então você vai aumentando seu círculo. Talvez não seja amigo no termo da palavra, mas é alguém semelhante, né? Isso é muito bom.

**Pesquisadora:** Vai!!! Unidos pela mesma energia, também, né. É, vai expandindo, vai reverberando, né? Reverberando o amor, né

**Jacarandá-da-baía:** Exato!

**Pesquisadora:** É. A última pergunta...é... que tipo de atividade o senhor acha importante para a pessoa envelhecer tendo qualidade de vida?

**Jacarandá-da-baía:** Atividade Física você fala?

**Pesquisadora:** Qualidade de vida!

**Jacarandá-da-baía:** Hã? De atividade no dia-a-dia você fala?

**Pesquisadora:** O que o senhor...na condição que o senhor está hoje...envelhecer com Qualidade de vida, quais são as atividades que o senhor acha importante a pessoa fazer...realizar no seu dia-a-dia?

**Jacarandá-da-baía:** Olha! É. A primeira de todas... eu penso é estar bem consigo mesmo! Eu tenho que ser proativo interiormente. Até um tempo atrás, eu imaginava assim...num...num deixa de ser certo! Mas tô dizendo assim...se eu fizer o bem ao outro eu automaticamente estarei bem, mas não é bem assim. Por que às vezes você faz o bem ao outro e você não recebe o bem. Então, você tem que primeiro você tem que cuidar de si, se eu não olhar no espelho e ver o que tá faltando em mim. Como é que eu vou analisar o que falta em você? Né. Primeiro, cuidar de si. Primeiro ponto, para tá bem, né. A partir daí, você movimentou uma esfera áurica em seu redor que é positiva. Aí você participa da vida do outro, então atividades no bem, sejam elas quais forem. Elas nos ajudam a envelhecer bem aí se você é uma pessoa... que é minimamente bem quista no ambiente que cê tá automaticamente vem energias boas para você, as pessoas rodeiam você, as pessoas querem estar perto de você, então isso te ajuda, uma interação, uma troca.

O que eu do...eu recebo automaticamente, sem precisar fazer força, porque nosso pensamento se expande. A gente estudou que o pensamento circula em ovóide em nosso em torno, né? Então o pensamento...nós emitimos o pensamento...ele fica em aura circulando em torno de nós. O que eu emito de bom pro outro, eu vou atrair na sintonia para a minha aura, e o que eu emito de ruim mesma coisa. Então como o pensamento está em circulação fechada e eu tô pensando bem automaticamente eu tô emitindo ondas magnéticas boas para o ambiente, então isso tudo...eu acho... tudo é um conjunto, não tem com a gente dissociar, né. Eu acho que uma conjugação de cada coisa pra gente ter atividades plenas que nos faça envelhecer bem.

**Pesquisadora:** Eu fiquei curiosa agora. Em momento nenhum o senhor me citou nada material? Isso não é importante pro senhor? Por mais que o ser me diga que o senhor trabalhou, que o senhor tem filhos em volta do senhor, em no momento, o senhor ou se gabou ou disse que tem um carro, que seja envelhecer ou qualidade de vida, seja ter um carro ou uma casa boa. Isso não é importante pro senhor?

**Jacarandá-da-baía:** Olha pra mim, não acepção do termo, os bens materiais não é o mais importante, evidentemente, tem que você tem que ter o mínimo de conforto... todos querem.

**Pesquisadora:** Sim, mas eu vi que o senhor...quando a gente falou em qualidade de vida ou envelhecer bem em momento nenhum o senhor me citou que por exemplo: é ter um carro, um carro para o senhor outro para sua esposa do senhor, ter uma casa, comer bem ou comer bastante, fosse importante... achei admirável.

**Jacarandá-da-baía:** É que eu aprendi o desapego. Eu acho que... porque nós vamos daqui, vamos levar só o que nós angariamos no nosso HD (risos)... pra que a gente levar. O que você adquiriu de bom, o que você construiu, o que você deixou para as pessoas, só isso você leva, o resto fica tudo aqui no mundo material.

**Pesquisadora:** Interno [riso]

**Jacarandá-da-baía:** Então, eu aprendi a valorizar assim... carro, casa, bens, dinheiro...apenas o mínimo para a minha sobrevivência, meu deslocamento, minhas necessidades... mínimas...eu não preciso ter dois carros para estar bem, não preciso ter mais uma casa minha e outra alugada, não preciso disso. Se eu tenho suficiente para manter minha família, e eu me manter, eu acho que tá bom! Porque a miséria humana é muito grande ao nosso redor, tem gente que mora num palacete e do lado da casa de uma palafita, e a pessoa não se condói, eu não conseguiria assim... viver assim? Né.

**Pesquisadora:** São quantos anos de casado?

**Jacarandá-da-baía:** Oxi. Juntando entre enroscos... namoro, porque minha esposa foi minha namorada em... começamos em 79 (setenta e nove), namorar, ela engravidou em 80 (oitenta)...

**Pesquisadora:** Eu estava nascendo...

**Jacarandá-da-baía:** ... então aí em 80, depois tivemos mais os 02 (dois)...no segundo nós passamos a morar juntos...

**Pesquisadora:** São quase 45 (quarenta e cinco) anos juntos. O senhor acha que está envelhecendo bem do lado dela, e ela do lado do senhor?

**Jacarandá-da-baía:** Tô... tô...tô, porque é assim, você tem que aprender... respeitar o outro na medida assim...das limitações de cada um, né. Por exemplo: quem sou eu pra me julgar perfeito e quem é ela pra se julgar perfeita? Fala que é mil maravilha a vida, eu estaria mentindo pra você, né? Tivemos já muitas desavenças tal..., mas, próprio de casal...de imaturidade, né, até uma certa idade da minha vida. A partir de então... então eu passei a dosar as coisas, saber respeitar os pontos de vista dela, mesmo que não concorde, né... mesmo que não concorde e ela não concorda muitos comigo, lógico, né? Mas... e também no começo foi difícil porque quando eu... permiti aí eu falar um detalhe, não sei se eu posso, não é objetivo, né!

**Pesquisadora:** Vai ser tudo mantido no maior sigilo.

**Jacarandá-da-baía:** Então, por que no começo, ela não permitia... que eu... eu acabei por um detalhe da minha vida me tornando espírita, né? E, ela não aceitava, porque toda a família dela é evangélica, da família do pai e da mãe, né.

**Pesquisadora:** Sim

**Jacarandá-da-baía:** Então foi uns 04 (quatro) ou 05 (cinco) anos de terrível desencontro em casa!

**Pesquisadora:** Talvez... foi a fase mais difícil do casamento?

**Jacarandá-da-baía:** Foi a mais difícil. Porque falavam que eu tava mexendo com demônio...com coisa de outro mundo e não sei o quê. Sabe, porque não entende a filosofia, né. Mas, depois que ela viu que eu comecei a me mudar (sorriso de alívio), aí ela começou a estranhar, né. Ué, tá mudando porquê? Né. Então ela começou a aceitar até andou indo já algumas vezes comigo. Então aceitou porque viu a minha mudança, né. Então eu acho que é o exemplo é que faz a diferença.

**Pesquisadora:** E quanto aos filhos, quantos filhos são?

**Jacarandá-da-baía:** Eu tenho três. Uma menina que mora no interior de São Paulo, que teve até ontem aqui comigo, saiu daqui chorando e... dois filhos... dois rapaz.

**Pesquisadora:** E neto o senhor falou para mim que tem uma que mora com o senhor. Tem mais neto?

**Jacarandá-da-baía:** É. O mais velho, ele casou...que dizer quando namorou veio a mesma coisa! A namorada engravidou, veio pra casa, ficaram morando lá até ela ter cinco anos de idade, mudaram, ficaram só 02 (dois) anos juntos, separaram, aí ele teve mais um menino, tá com sete anos agora. Aí o menino ficou com a mãe e a menina quis ficar com ele...tá em casa.

**Pesquisadora:** Como é essa convivência, o senhor com 65 (sessenta e cinco) anos e essa criança... ela tem quantos anos agora?

**Jacarandá-da-baía:** A menina tem 15 (quinze) agora.

**Pesquisadora:** Como é essa convivência?

**Jacarandá-da-baía:** Nossa! Ela me trata como pai! É incrível (os olhos marejaram)

**Pesquisadora:** O senhor se considera melhor avó do que pai (desculpe a pergunta até...).

**Jacarandá-da-baía:** Olha. Eu acho que sim. Sabe porquê. Porque pra avó eu me preparei, pra pai eu não me preparei...pra pai foi de repente...eu tinha 20 (vinte) anos...

**Pesquisadora:** Eu digo, por causa dessa convivência intergeracional, né. O que foi a sua infância do senhor, a adolescência do senhor e o que é a infância dela... o que foi a infância dela adolescência...assistir a infância... assistir a adolescência dela, ver essas mudanças...igual o senhor falou, teve uma preparação...

**Jacarandá-da-baía:** É...é, tive, porque assim me pegou numa fase que eu tava espiritualizado, estava emocionalmente capacitado e quando eu fui pai, foi de supetão... tanto pra mim quanto para ela eu tinha 20 (vinte) anos, ela tinha 17 (dezessete), e... os dois estudavam, não tinha renda, tal... foi de repente, engravidou, né? Aí virou de ponta cabeça.

**Pesquisadora:** O senhor já fazia...é, já estudava direito ou ainda não?

**Jacarandá-da-baía:** Não. Não

**Pesquisadora:** Então, veio depois do filho... ainda

**Jacarandá-da-baía:** E, depois fui estudar por insistência dos meus irmãos, tenho 02 (dois) irmãos advogados...vai ficar sem estudar, tal? Aceitei

**Pesquisadora:** O senhor gosta da profissão do senhor?

**Jacarandá-da-baía:** Gosto. É desgastante, mas gosto.

**Pesquisadora:** É. Parece muito... é uma profissão que exige muita da pessoa, da leitura, né...

**Jacarandá-da-baía:** Né? Exige muito e você assimila problemas alheios, principalmente eu que... eu sou como uma esponja, assim...né (riso constrangido)

**Pesquisadora:** Que área o senhor atua?

**Jacarandá-da-baía:** Área cível e de família

**Pesquisadora:** É...de família, principalmente.

**Jacarandá-da-baía:** Família, muitas brigas aí quando chegou o problema do meu filho, você se sente impotente pra resolver, né! É...pra dentro de casa, né. Mas acabou dando tudo certo. Mas é desgastante por este motivo, todas as profissões são, mas essa é porque você assimila a dor, angústia, o medo, a dúvida... tudo do outro.

**Pesquisadora:** A justiça e a injustiça.

**Jacarandá-da-baía:** A injustiça, a injustiça doem. Né. Estamos vivendo um momento difícil no Brasil, né! Mas é isso.

**Pesquisadora:** É, e como é que o senhor... tem essa auto-imagem do senhor? Porque eu e o senhor já fomos jovens, assim como o senhor lida com essa mudança física? O Senhor, consegue notar isso no seu dia-a-dia? Que essas mudanças físicas da juventude, né, da gente ter uma fisionomia tão jovial? O senhor conseguiu notar ao longo do tempo que essas mudanças foram acontecendo?

**Jacarandá-da-baía:** Só quando alguém me pergunta ou eu paro para pensar. Sabe porquê?

**Pesquisadora:** Daí que o senhor lembra?

**Jacarandá-da-baía:** É que eu lembro, é que é assim... eu não olho para minha idade, interessante. Eu não me vejo com a idade que eu tenho...sim... é...

**Pesquisadora:** Qual a idade que o senhor se sente ou como o senhor se sente hoje?

**Jacarandá-da-baía:** Eu imagino que hoje eu teria 35 (trinta e cinco) ... 40 (quarenta) anos, vamos supor...40 (quarenta) anos!

**Pesquisadora:** Fisicamente ou psicologicamente?

**Jacarandá-da-baía:** Não...psicologicamente eu sinto com essa...com menos até..., mas eu tô falando assim... eu imagino na minha mente que eu teria hoje com as minhas condições, pela minha compreensão, uns 40 (quarenta) anos porque eu apesar do probleminha que eu estou passando agora, eu sempre tive uma vida estável assim... do ponto de vista físico, sempre pratiquei esporte...tudo... e sempre...nunca cometí exageros, e nada...eu num...num... me preocupo com a idade.

**Pesquisadora:** O senhor acha que plantou bem? Plantou bem?

**Jacarandá-da-baía:** Eu acho que plantei bem... meio enviesado, mas plantei! Porque foi por... talvez... se eu fosse escolher o caminho que eu tenho hoje, eu não teria escolhido por minhas próprias razões. Mas alguma coisa no curso da minha vida, me trouxe para esse caminho... de volta, acho que a misericórdia divina.

**Pesquisadora:** Foi trazendo. O que o senhor pretende agora? O que o senhor vê pra agora? Porque o senhor ainda é jovem, se a gente, daí entrando no tema da pesquisa mesmo...60 (sessenta) anos, mas como o senhor mesmo disse que se sente mais disposto, mas...com idade inferior a isso! Então eu quero acreditar, eu penso... eu interpreto as suas palavras que ainda há muita coisa para fazer.

**Jacarandá-da-baía:** Eu penso que sim. Walkiria, vou dizer porquê. Meu sogro tem 87 anos, dirige, ativo, anda... só tem problema no joelho, que ele tem (incompreensível), lúcido... e minha sogra tem... ele tem 87 (oitenta e sete) ... ela tem 80 (oitenta), ela tá um pouco mais debilitada. Mas, cê vê, eu com 65 (sessenta e cinco) ... vamos supor que eu viva até 85 (oitenta e cinco) são 20 (vinte) anos... 20 (vinte) anos parece que é pouco, mas é uma eternidade. Você faz muita coisa em 20 (vinte) anos, 20 (vinte) anos você se casa, tem forma, se tem filhos, viaja... 20 (vinte) anos é uma vida. Tem pessoas que não dá valor! Mais um dia na sua vida é uma existência fantástica.

**Pesquisadora:** Passou rápido para o senhor?

**Jacarandá-da-baía:** Eu acho que passou, mas assim... eu não percebi. Eu não percebi porquê... eu nunca parei. Quando você fica ocioso, eu acho que vem o tédio e o tédio faz com que você analise as coisas, eu nunca me preocupei com as coisas.

**Pesquisadora:** O senhor se considera feliz?

**Jacarandá-da-baía:** Me considero... muito.

**Pesquisadora:** Numa escala de 0 (zero) a 10 (dez)

**Jacarandá-da-baía:** 08 (oito)

**Pesquisadora:** Então tá faltando alguma coisa aí. O que falta para o senhor realizar? O senhor ainda tem esse planejamento. O que o senhor planeja?

**Jacarandá-da-baía:** Não para mim, propriamente dito, para os meus filhos, esses dois que faltam, esses dois pontos, queria ver esse o meu filho mais velho feliz, desde que ele se separou... ele se retraiu, ele é uma pessoa quieta, não tem relacionamento nenhum e eu sinto que ele é triste porque ele não consegue ver muito o outro filho, a mãe impede um pouco, né. Tá lá em Corumbá, casou com um militar e, ele é rígido, então esse é um ponto. O outro é... ter minha filha perto de mim! Porque ela é a única que tá longe e, ela é muito emotiva, ela é igual eu.

**Pesquisadora:** Dizem que a fruta não cai longe do pé.

**Jacarandá-da-baía:** Ela ontem veio aqui e foi se despedir de mim, aí uma moça chegou e falou: sua filha queria ficar? Eu falei não e ela vai embora amanhã cedo... tá chorando. Hoje ela já tá na estrada, já mandou um monte de mensagem, dois pontos que faltam pra mim são esse: meu filho alcançar a felicidade, mas a felicidade na terra não existe! Felicidade efetiva, plena, não tem, a gente vive momentos felizes! né. E a minha filha perto de mim, pra mim propriamente dito não. Eu quero restabelecer da saúde, momentaneamente, que tô impedindo.

**Pesquisadora:** É a primeira vez que eu fui internado?

**Jacarandá-da-baía:** Eu tive uma única vez, só. Mas pra fazer uns exames, uma suspeita, uma doença 3 (três) ou 4 (quatro) dias só, essa é a segunda.

**Pesquisadora:** Mas, não foi por uma doença igual o senhor tá fazendo o tratamento, vai começar o tratamento com a Imuno agora, né.

**Jacarandá-da-baía:** É. foi esses dias agora...

**Pesquisadora:** isso, mas o senhor nunca esteve no leito de um hospital, assim prolongadamente? Como o senhor entende esse momento?

**Jacarandá-da-baía:** Não me assustou, porque quando a gente faz o Evangelho no Lar a gente visita muitos hospitais, a gente vê muita dor.

**Pesquisadora:** Mas o senhor visita os outros, né. Hoje o senhor está no lugar de visitado? Né

**Jacarandá-da-baía:** Então, exato. Eu sinto assim... parece que se tem um vazio existencial, né. Parece que você está deslocado do sistema, parece que você não tá mundo, né.

**Pesquisadora:** Que o senhor foi retirado?

**Jacarandá-da-baía:** É. Parece que você foi retirado mundo. Porque parece que o mundo tá lá fora e você tá aqui numa redoma numa prisão. Então, esse é o sentimento, mas assim de revolta não, de desespero, não! Porque eu sei que é uma coisa que era pra ser... tem que ser.

**Pesquisadora:** Como o senhor enxerga estar descaracterizado? Sem suas vestimentas?

**Jacarandá-da-baía:** É um pouco estranho, mas... se eu estivesse caracterizado aqui ...eu me sentiria mal, mal. Porque eu seria...eu estaria fora do ninho, porque eu tô igual todo mundo.

**Pesquisadora:** É. Aqui o senhor está confortável ...porque está igual a todo mundo.

**Jacarandá-da-baía:** Porque eu tô igual a todo mundo. Por que a desigualdade gera desavença, gera rancor, gera inveja, gera ciúme, gera ódio, gera mal querência, gera pensamento negativos pro outro e o ambiente piora. Então você tem que se portar de acordo com o ambiente, eu não posso chegar numa igreja vestido à festa eu não posso chegar num hospital vestido a caráter, então cada lugar tem que ter...

**Pesquisadora:** Nossa! Eu nunca tinha pensado nisso realmente. Mas, de qualquer forma, eu quero agradecer muito. Muito...muito pela sinceridade do senhor, pela disposição. Acredito que o senhor vai acrescentar muito, muito nesta pesquisa e que eu consiga contribuir para o acolhimento a outras pessoas aqui. A única coisa que seu posso desejar pro senhor, são muitos...longos e felizes dias de vida

**Jacarandá-da-baía:** Obrigado. Prazer conhecê-la...muito agradável. Pra nós!

**Pesquisadora:** Eu só posso desejar para o senhor: Vida! Eu fico emocionada por que eu nunca tinha visto envelhecimento dessa maneira, mas a gente deseja que as pessoas tenham sucesso que consiga as coisas, mas não deseja vida. Então eu desejo muita vida aos anos que o senhor ainda tem por vir. Porque é a coisa que a gente mais pode desejar hoje, neste momento, é vida. Mas 20 (vinte) anos, 30 (trinta) anos que o senhor possa ver filha...a neta do senhor crescer, realmente que o filho do senhor alcance a felicidade, que a filha do senhor esteja mais próxima do senhor, que estes encontros possam acontecer, já que o senhor mesmo me disse que isto lhe trazia felicidade.

**Jacarandá-da-baía:** Interessante...você comentou agora, permita-me acrescentar. E sou um pouco vaidoso, né. Em casa toda hora tô vendo o cabelo, passando...tem uma pomadinha que a gente usa chamada vovó Pedro pra pele...maravilhosa, passo toda hora, não fico sem fazer a barba. Porque eu olhei para o lado e tá todo... nesse sentido desocupado. Porque eu vou querer ser diferente num ambiente...e isso que eu achei interessante.

Pesquisadora: Fica até uma dica da gente colocar uns espelhos nos quartos, ter esse reflexo. Eu agradeço dessa liberdade que o senhor me deu de escutá-lo e foi uma tarde de aprendizagem

**Jacarandá-da-baía:** Eu que agradeço. Obrigado. Falei o que meu coração disse num sei se está dentro da proposta da pesquisa...

Pesquisadora: Não existe pergunta...resposta certa ou errada, queria saber o que o senhor pensa sobre o que o coração emite sobre isso! Né.

## **TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA N° 02**

Entrevistado(a): Araucária

Data: 10/07/2023 16:46

Duração: 1'28"42min

Local: Hospital Universitário da Grande Dourados – UFGD

**Araucária:** Aqui não precisa pôr o nome da mãe, não?

**Pesquisadora:** Não. Não precisa, não. É. Entrevista 02, dia 10 de junho, às 16:46.

- Vou deixar aqui próximo do senhor que daí eu capto a voz, tá. Daí eu vou fazendo as perguntas o senhor responde conforme aquilo que o senhor acha que é o entendimento do senhor, não tem resposta certa ou errada, tá bom. Daí o senhor fica à vontade, né. Se o senhor se sentir desconfortável com alguma pergunta, o senhor pode se negar a responder, tá. Daí a pergunta, a questão que eu pergunto pro senhor agora é, o que o senhor entende por Qualidade de vida? O que é qualidade de vida pro senhor?

**Araucária:** Ah...Saúde em primeiro lugar e Deus!

**Pesquisadora:** Isso é qualidade de vida?

**Araucária:** Pra mim é!

**Pesquisadora:** O senhor tem qualidade de vida?

**Araucária:** Eu acho que tenho. Fartura na casa

**Pesquisadora:** ...de alimento o senhor diz?

**Araucária:** ...alimento...bom lazer

**Pesquisadora:** Mora em uma casa boa?

**Araucária:** Moro numa casa...não é tão boa, mas ruim também, não é? É uma casa ...é mais ou menos.... grande.

**Pesquisadora:** O que você chama de mais ou menos?

**Araucária:** Eu falo uma casa com 04 (quatro) quarto, sala, cozinha... tem 2 (duas) cozinha, tem 01(um) fogão lenha, tem churrasqueira ...na verdade a gente tem 03(três) fogão, é...fartura...tem 02 (duas) geladeira, sala...sala boa, sofá...um punhado de coisa

**Pesquisadora:** Tem quintal?

**Araucária:** Tem quintalzinho, uma garagem beira vista... temu mais 01 (uma) chácara...é, tudo isso nós tamu adquirido. Então quer dizer que temos uma vida boa, né

**Pesquisadora:** É. De bens materiais sim?

**Araucária:** Bem materiais ...só falta a saúde, que nós tamu buscando, aí

**Pesquisadora:** Tá buscando...quantos dias o senhor tá internado?

**Araucária:** 20 (vinte) dias

**Pesquisadora:** O senhor veio de outra cidade?

**Araucária:** Eu vim de Naviraí, não... eu vim de Cascavel, fiz uma biopsia lá. Aí...truxi pá... doutora do postinho da nossa comunidade aí ela enviou ...do postinho ela enviou pro centro de saúde da Naviraí, daí em fui lá eles me enviaram pra...pediu a médica, aí

**Pesquisadora:** Isso! Daí o senhor ficou internado, lá? O senhor está em Cascavel a passeio?

**Araucária:** Não! Fui me tratar...

**Pesquisadora:** Ah, o senhor saiu de Naviraí foi pra Cascavel pra se tratar, daí cascavel devolveu o senhor pra gente

**Araucária:** É por causa que essa doença não cura...só no estado...biop...essa leishmaniose, só no estado que cura!

**Pesquisadora:** Ah é. Aqui no Mato Grosso do Sul...hã...nós somos referência pra 33 (trinta e três) cidades aqui ao redor de Dourados, né. Então por isso é que o senhor voltou para gente. É o que o senhor entende por envelhecer bem? O que o senhor acha que o senhor tem envelhecido bem?

**Araucária:** Ahhh no meu ponto de vista, sim, porque eu já tenho ouvir 70 (setenta)... anos. E eu acho que... Te agora? Te essas “artura” eu vim com saúde, né. [que serve pra envelhecer bem...]

**Pesquisadora:** O senhor teve uma...uma... juventude... na fase de criança o senhor foi saudável?

**Araucária:** Toda a vida fui... não tive quebradura, nada, né

**Pesquisadora:** Bebeu ou fumou?

**Araucária:** Fumei...fumei bastante, mais de 20 (vinte) anos

**Pesquisadora:** Fumava o quê?

**Araucária:** Fumava cigarro, masgava fumo, nagueava que fala, né. Então... jogava futebol

**Pesquisadora:** Hã...álcool também? Não?

**Araucária:** Bebia álcool...álcool bebia

**Pesquisadora:** Mas a cervejinha ou pinga?

**Araucária:** Pinga mesmo...bebia de todas

**Pesquisadora:** Todo dia? Ou só final de semana

**Araucária:** Mas... final de semana, mas... todo dia bebia um pouco

**Pesquisadora:** Parou de beber e fumar? Há quanto tempo?

**Araucária:** Parei...Ahhh... faz tempo também já tem uns 25 (vinte e cinco) anos mais, é...

**Pesquisadora:** Então foi só na fase da juventude mesmo.

**Araucária:** Parei com cigarro e com a bebida meio junto, porque peguei uma “ursa no intestino” ...

**Pesquisadora:** Hã. Daí o senhor tratou?

**Araucária:** Tratei...lá em Naviraí...fiz uma ...até esqueço...uma “buscopia” que fala...

**Pesquisadora:** Endoscopia, isso!

**Araucária:** É, fiz uma. Diz que tinha uma... 02 (duas) feridas no intestino, né. E 01 (uma) no esôfago [eu nem sem onde fica o esôfago] é, tava grande. Aí o remédio naquela época era 300 (trezentos) conto...cura. 300 (trezentos) conto uma cartela!!! Hoje deve ser mais de mi... mais de 1000 (mil) e aí... tinha que compra... tinha que compra o remédio, aí consegui compra uma cartela e o patrão deu outra, vinha dos Estados Unidos esse remédio, aí ele era lá de Porto Alegre lá ele tem amigo lá que tem...que é dono de hospital, daí ele pediu...se o cara não ajudava?...O cara ajudou! Aí deu uma cartela, com aquelas duas cartelas eu sarei.

**Pesquisadora:** Sim!

**Araucária:** Daí vim fazer outra... daquela que...que você falou o nome ...

**Pesquisadora:** Endoscopia.

**Araucária:** Fiz a outra deu que eu já tava bão

**Pesquisadora 02:** Hã, esse foi o único problema saúde que o senhor teve ao longo da vida?

**Araucária:** Foi!

**Pesquisadora:** O senhor sempre em serviço braçal?

**Araucária:** Toda a vida é...com maquinário...braçal mesmo foi pouca...

**Pesquisadora:** Ahh, tá, maquinário e braçal. O maquinário é o forte do senhor?

**Araucária:** Sou operador de maquinário desde ...16 (dezesseis) anos...muitos anos!

**Pesquisadora:** E... pra...o que o senhor entende como envelhecer...envelhecimento ativo?

**Araucária:** Essa pergunta eu nem sei te explicar pra senhora (riso constrangido) ...ativo quer dizer...é...não sei nem explicar o que significa isso...

**Pesquisadora:** O senhor não num... faz ideia do que é envelhecimento ativo?

**Araucária:** Não faço!!! [silêncio constrangedor]

**Pesquisadora:** Tá! É... senhor se relaciona socialmente? Tem bastante amigos?

**Araucária:** Tem! Tem... bastante...tem bastante colega... colega, tem...cidade de Itaquirai tem bastante parente, quando pode a gente tá reunido, todo mundo.

**Pesquisadora:** O senhor participa da igreja? De algum evento da comunidade?

**Araucária:** Eu quase não vou por que...por causa por causa do serviço, mas eu sou católico... pago o dízimo certim

**Pesquisadora:** Frequentava a igreja?

**Araucária:** Quando eu posso eu vou!

**Pesquisadora:** É. Pratica algum esporte?

**Araucária:** Não. Esporte eu parei!

**Pesquisadora:** Política...alguma coisa assim...da comunidade? O senhor participa?

**Araucária:** Política não...

**Pesquisadora:** Não é o forte do senhor?

**Araucária:** Não é minha praia...

**Pesquisadora:** O senhor não se interessa pela política ou...

**Araucária:** Não... pá política... não...me interesso muito não, escolho lá um candidato e dou meu voto...acompanho assim...pela televisão...

**Pesquisadora:** E evento da comunidade assim... festa junina, essas, evento da comunidade que tem essas feiras, essas coisas, o senhor costuma ir?

**Araucária:** Não. Eu só vou na missa!

**Pesquisadora:** Só na missa? Encontra bastante conhecido?

**Araucária:** Tem bastante.

**Pesquisadora:** Hã, nessas quermesses...essas coisas, senhor gosta de participar?

**Araucária:** Quermessa? Festinha? Não! Eu...faz tempo que eu não vou, fui umas 02 (duas) vez só...depois não fui mais

**Pesquisadora:** O senhor me disse... que o senhor é casado há...desde 1975 (mil novecentos e setenta e cinco)?

**Araucária:** É.

**Pesquisadora:** Hã. É... como é que, como que foi tudo isso pro senhor? Como o senhor...pode...como posso dizer a palavra certa, qualificar... esse tempo todo que o senhor praticamente envelheceu com a sua esposa? Né

**Araucária:** Ahhh, vive bem! Né

**Pesquisadora:** Namorou bastante tempo?

**Araucária:** Namoro. NÃO!! Namoro foi pouco. Meu namoro com ela foi uns... 20 (vinte) dias.

**Pesquisadora:** Ah é? Daí já se casou e durou tudo isso?

**Araucária:** Daí nós já... robei... você já ouviu falar roubar a moça? O véio era muito brabo, meu sogro ele tinha aquele negócio de pegou na mão... tinha que casar! Povo antigo lá, né. E, aí quando eu ia lá pra namorar aaa...minha esposa [nome da esposa] quando eu ia lá pra namorar ela ele ponthava lá... duas crianças...dois rapazim lá...uma menina e um rapazim... [você cuida da M.!! Cuida pra mim...não sai daí] (imitando o sogro e rindo), não dava nem pra dar um garrim...sabe? Se desse ele contava. E, aí, eu falei pra ela, ahhh nós vamos ter que fugir, que o negócio...ou fugir ou a gente terminar, entendeu? Aí, fizeram uma festa de São Pedro, lá... naquele tempo...um festão! E o véio gostava de tomar uma! né. Aí, eu falei pra ela: Você vai na festa? Pai não quer deixar! Eu vou falar pra ele... deixar você ir! Ai eu falei! Pode ir...mas

eu vou ficar de olho![ risadas]. Falei: Tá bão... aí na festa deu pra gente conversar direito com ela. Eu era sorteiro, né. Tinha vinte...vinte... vinte e dois anos no máximo que tivesse...22 (vinte e dois) anos naquela época...23 (vinte e três) nem lembro direito. Aí, falei pra ela: Vamos fugir porque senão vou terminar com você, não tem jeito, vou arrumar outra e tinha umas oito meninas querendo namorar eu! Eu era meio galazão [inaudível] o cabelo era bem bão! Eu deixava crescer aqui atrás, não sei se você já ouviu falar no pigmaleão?

**Pesquisadora:** Mais ou menos!

**Araucária:** É um cabelo meio cheio aqui assim... e atrás compridão (fez os gestos como se estivesse ajeitando o antigo cabelo)

**Pesquisadora:** ... igual chitãozinho e xororó?]

**Araucária:** É. Meio compridão assim... e aí eu usava...naquele tempo...[João Mineiro e Marciano também usava aquele cabelo assim...] é...tinha a tal de brilhantina, meu cabelo era bão rapaz...mas bão mesmo...eu pintava...passava aquela da brilhantina cheirosa, creme bem...ficava brilhoso e meu cabelo era grande...dava um pentiado assim, dava pra fazer aquela [inaudível] assim...eu não tinha [a voz ficou embargada e entristecida]... eu era bem arrumado na época, andava sempre de roupa boa, né, relógio bão, a mulher calça boca de sino, aquelas calças largona...apertada aqui [gestos explicando]sapato bem lustroso, muié via aquilo ficava doida.

**Pesquisadora:** Conheço [papai também usava]

**Araucária:** Aí. Falei vamo fugir! Aí arrumemos o cara lá, passou a festa falei...sábado que vem nós vamos fugir senão se você não aparecer no lugar marcado...terminemos, aí. Aí eu tava bem perto da casa dele assim...na esquina...era um mato...uma quissassa danada, mato, né. Eu e o [inaudível] veio e o cara tava esperando a nós com uma gomb... fuca...fuquinha! Aí pegou pos dentro, levou na cidade, aí eu falei pra ele: Ô!! Fala que a gente foi láá, por exemplo uma cidade que nem aqui igual Dourados, né. Vamo fala que seja Caarapó, que era mais pequena que nós fomo pra Dourados

**Pesquisadora:** Sentido oposto? Hâ

**Araucária:** É. veio pa cá! Daí o veío bateu lá naquela cidade, caçou... eu mato se eu achar!

**Pesquisadora:** O senhor tava do outro lado.

**Araucária:** Eu tava pra outro lado, posemos, lá, fiquemos dois dias, aí agora eu vou mandar um ofício pro véio, pra vim... pra nós casar. Aí... fui lá no escrivão, ja paguei o casamento, já arrumei ele de testemunha, ele é a esposa dele, duas testemunhas que precisava. Fui lá arrumei ele e a esposa! E aí, mandemo véio...um oficio pro véio vim...mandemo...paguei um taxi pra buscar ...não veio. Não vou [imitando a voz] ...fia minha não vai casar... aí eu fui lá e falei pro delegado, falei pro escrivão, oh juiz: Tem que manda uns ômi lá buscar ele! Por que senão, ele não vai vi não. Daí mandou dois praça.

**Pesquisadora:** Ela era menor?

**Araucária:** Ele mentiu tudo, a mulher já tinha 19 (dezenove) ano. Sabe o que ele fez? Ele jogou a idade dela bemmm baixo, e, o registro das fias muié ele joga fora! Pá, pá enrola, na hora de

casa, nenhuma fiá dele tem registro, tudo tirada de casa. Aí ele mentiu lá a idade dela, eu foi mentindo...mentido...mentido...num ponto ele se perdeu, nós...vai falando o cara [inaudível] aí no fim ele se apurou tudo que daí não bateu o que ele falava, né, aí a fiá falou: ohhh pai, eu tenho eu...o senhor errou aí...eu tenho 19 (dezenove) ano! Não... [palavras incompreensíveis] por que não sei o quê. O que o pai fala...e que escreve! Tá bom!!!!...[incompreensível] então você vai ficar... 08 (oito) mês esperando ela completa a idade, ele deu 15 (quinze) uns...16 (dezesseis) anos a gente casava naquela época, deu 15 (quinze) anos e uns mês lá...02 (dois) mês sei-lá... uma coisa assim, oito mes pra você pode casa! vai ficar marcado aqui [batendo o dedo na mesa]. Beleza. Aí, saiu, falei... veio sai na frente assim... foi no armazém, lá, já fez compra lá...fez compra, comprou coisa, comprou carne, comprou não sei o quê, tam...tam...tam, e eu véiaco com ele! Aí ele veio de lá...ohh genro...ohhh genro!! Tomou umas, bebia umas... ele amansava...ohhh genro...oh genro...vai ter que janta lá em casa hoje. Não! Não! Vai ter que janta em casa hoje [imitando o sogro]. Falei lascou, agora ... pronto! Aí vamo bora, vamo bora, fiz a compra, arrumo um táxi, caímo dentro e fomo. Chegando lá, vixi aquele véio brabo... noooossa! Ficou bom demais, até posei lá [risos] aí pronto!!

**Pesquisadora:** E já foi tudo isso de ano?

**Araucária:** É. Já fico tudo em famiá! já. Cabou o véi brabo.

**Pesquisadora:** Que bom que deu certo, né!

**Araucária:** Eu era bem empregado. Eu já...mexia com trator naquela época, ganhava bem pra caramba, eu trabaia também, né. Não tinha preguiça, né.

**Pesquisadora:** O senhor sempre trabalhou com máquina?

**Araucária:** Tuda a vida com máquina!

**Pesquisadora:** Hâ. Quem ensinou pro senhor a profissão?

**Araucária:** Eu fui trabaia na fazenda lá...ja tinha um irmão que era tratorista, né. Aí eu fui passeá lá um dia...um dia de domingo, eu... nesse tempo ainda era rapazim, ainda. Fui passeá lá um domingo, falei: - Ô chamava Zé meu irmão, Ô deixa eu pegar um pouco esse trator aí, cara? Tava passando o arrastão de terra, lá. Ahh, mas você não sabe! Falei ômi... eu tô vendo... do jeito que você faz aí eu faço igual! Então pega um pouco aí pra mim ver!! Fui... saí lá, fiz a vorta e vortei. Ele falou rapaz ... cê é cabeça boa, hein...cê ...eu acho que cê passa no teste! [imitando a voz do irmão]. Aí no outro dia, falô: Pede a conta lá do seu patrão! Vem aqui que eu te ensino. E a hora que parecer uma máquina o ômi joga prô cê, daí! Haa, na hora eu vortei lá... pedi a conta. O cara: Não!!! Rapaz, cê é um trabalhador bão, cê não pode saí. Eu...aquele tempo eu trabalhava por ano! Parava na casa do caboclo lá por ano! Ele pagava por ano!! Já pensou? Nunca mais vai existir isso, né. Fazer o salário os 12 (doze) mês.

**Pesquisadora:** Pagava duma vez?

**Araucária:** Não. Todo mês ele pagava um pouquinho. Nós era contratado...

**Pesquisadora:** Mas, era combinado aquele tanto?

**Araucária:** É. Aquele tanto... aquele tanto, se você gastasse tudo, cê ficava sem dinheiro, daí...aí quando era dia de festa, ele dava um pouquinho e ia marcando no caderno...[riso]

**Pesquisadora:** Hã...é tipo um vale?

**Araucária:** É! Só que dava dinheiro

**Pesquisadora:** Mas ele não assinava a carteira do senhor?

**Araucária:** Num erra registrado.

**Pesquisadora:** Tudo no fio do bigode?

**Araucária:** No papo. Aí tirou... nem um ano esperei, perdi um tantão, lá, mais...falei não trabaiá com trator, aí trabaiei mais uns dias, logo chegou um trator novo, precisava de um tratorista... era um japonês seu Mamoro chamava...falou pro zé [imitando o japonês]: Ô!! Zé você não sabe onde tem um tratorista, tô precisando de um tratorista! Vai chegar um tratorista novo aí e não tem um tratorista, aí você pega o trator novo e dá esse pro tratorista, que vai vim! Aí meu irmão falou: Você taí perto de um aí rapaz!! Ele oiô bem pra mim...assim... ô Natalino, você sabe trabalhar com trator? Falei seu Mamoro: Eu sei!!! Por que você não falô? Falei não... eu não gosto de se engrandecê não! Aí fiz uma média com ele [risos]. Não. Então... eu fazer um teste no cê... lá. Daí fui lá, meu irmão a...engatou a gra... a niveladora...pra nivelar a terra, né. Ele falô: Eu vou dar uma aula prô cê, aqui. É assim que faz! Subiu no trator (o ômi era doido!). Segura atrás aí, mas segura...o trator dava pulo dessa artura [fazendo os gestos] comigo, nivelando em quinta marcha, você sabe o que quinta marcha? né, anda ligeiro, hein... mesma coisa de andar de carro, trator pulava aquela buraqueira assim... né.

**Pesquisadora:** Perigoso, não?

**Araucária:** Nossssa senhooora!! Eu não andava daquele jeito não!! Pulava e pulava...fazia vorta

**Pesquisadora:** Terreno todo desnivelado, e ele ia...

**Araucária:** Tombado...terra tombada ômi...cheio de valeta, pois o cara fazia daquele jeito, só que o trator é pesado, bate afunda na terra, ia afundando. É. aí ele falô, não, pode ficar, de agora pra frente você é tratorista. Aí eu... Eu... Eu... queria que ele registrasse, sabe? Trabaiei... 8 (oito) mês pra ele... nem 8 (oito) mês foi não foi. Aí um dia eu falei pra ele: o Seu Mamoro, o senhor não registra minha carteira? Que eu fui lá e tirei uma carteira...de trabalho [imitando o patrão]: - Não!!!! Por enquanto não tá registrando! Você fica por dia...

**Pesquisadora:** Isso o senhor já tinha quantos anos?

**Araucária:** Ahh eu já tinha quase 18 (dezoito)anos...dezessete anos eu tinha nas “artura”. Falei...não... quero trabalha por...por registrado, se o senhor não registrar eu sou obrigado sair! Daí eu dei uma praticada boa...pra aprender

**Pesquisadora:** O senhor sempre foi bom de conversa, né?

**Araucária:** É...sempre fui bom de papo. Não rapaz eu vou ter que ver com o doutor lá ... era o doutor que era o dono da fazenda... doutor de medicina era, tem que ver com o doutor se ele vai fa...register gente aqui! Qui nem...só o Canuto que era registrado meu irmão!) vai registrar mais gente porque tem bastante gente registrado...e nao sei o quê..e tetê, vai trabalhando por dia N. [nome do entrevistado], você é “sorteiro”...não tem muito...aí para na casa do Canuto aí, vai trabalhando por dia aí. Eu falei...ele saio...eu falei: Ôh Zé! Eu...eu...tem outr... vou

saí! Vou arrumar outro serviço. O Zé falou: - Tem uma fazenda ali na frente, chama Fazenda São Jorge, lá “regista”! Se não “regista”... pelo menos paga mais, têm mais trator...lá tinha 25 (vinte e cinco) trator e tava...a metade do trator parado “farta” de tratorista...não achava tratorista, naquela época! Aí eu cheguei lá, um tal de Seu Jorge um véiño de óculos assim...falô assim! Falô: Você é tratorista? Sô!! (riso esperteza) eu tinha uma “bicicleta” na época, uma “bicicleta” bem bunitona, a minha bicicleta parecia um carro...tinha espelho, mastrinho [...] (inaudível) farol, era um “troção” muito bem arrumada, aí...é...tem que fazer um teste aí, o mecânico que vai fazer um teste com cê lá. Chegue lá...um caminhão...caminhão véio sem cabine, só direção e motor, lá em cima o banco, eu lá..para um tratorista, lá. Ôh! Dá. Empresta seu trator aí pra gente fazê um teste aí, era no gradão...coisa que eu mais fazia lá, peguei...ele falô aqui tem que dá... marcha ré...aqui nós usa marcha ré... nos cantos, aí a gente vai assim, mesma coisa dessa folha aqui, (mostrando na folha em cima da mesa como deve ser feito!), se vem aqui...vai lá e joga o trator de ré...a grade de ré aqui e saí aqui, lá joga joga de ré e vem prá cá, você fazer o quadro tá bom! Aí fiz o quadro ele junto...não! Dá uma volta só pra nós ver, aí eu dei a volta sozinho, fiz do mesmo jeito, tudo. Desceu! Tá aprovado [inaudível] pode acertar o salário...aí...ele falô: Tem um, porém! Você é sorteiro, têm que arrumar pensão...agora! E, naquele lugar eu só conhecia um caboclo!

**Pesquisadora:** rsrs [risos de constrangimento].

**Araucária:** Que mulherzinha [risos] feiiia, ele tinha...duas... duas criançinha assim...ela não lavava nem penteava o cabelo dos muleques, nem lavava o rosto, do jeito que os muleques brincava na terra dormia e amanhecia no outro dia. Eu cheguei lá...meuuuu Deus!! Eu meio enjoado, falei: Agora lascou!! Aí que um tratorista falô: Ô, N., trabaía un...uns 15 (quinze) dias lá! (sussurrando imitando a voz do tratorista). Aí eu vou arrumar uma pensão miô prô cê! Falei: Então tá bom! Aí falei com cara, me arrumou a pensão só pra mim... pegar conhecimento, né. Aí eu piquei lá só uns 15 (quinze) dias, o dia que eu falei de sair, o ômi quase me bateu ni mim, o cara que tinha dado pensão pra mim. - Mas rapaz cê só me usou! Porque que cê não falô que cê ia ficar poucos dias que não sei o quê. Falei é..., mas achei um lugar mió...lugar mió não! Achei...pra mim vai ser melhor...não sei o quê...tetê! E a mué a roupa dele não lavava, né! Eu inventei essa, a mulher lavava minha roupa também e passava. Nossa! Aí foi bão! Todo sábado minha roupa tava passadinha jogava até um perfume nela, ficava cheirosa

**Pesquisadora:** O senhor gosta das coisas organizada?

**Araucária:** Ah! Eu gosto.

**Pesquisadora:** Hã. O senhor falou que é enjoado, já fiquei imaginando que o senhor gosta de asseio, essas coisas.

**Araucária:** Minhas coisas é tudo bem arrumadinha. Até a mué briga comigo tem vez... que eu sou enjoado, se eu tiro uma chave lá do prego... a hora que eu “vorto” eu ponho lá. As vés ela pega as coisas sim, ferramenta, já larga prá lá, quando eu vou “percura”, lá no lugar. Cadê??

**Pesquisadora:** O senhor foi criado assim? A mãe do senhor era uma mulher organizada?

**Araucária:** Meu pai! Meu pai! Era assim...era. Não deixava as coisas...ferramenta principalmente!

**Pesquisadora:** Tinha muito apreço pelas ferramentas?!

**Araucária:** Agora cê imagina o cara vai carpir...vamu supor, um “labrador”, vai carpir deixa a enxada lá na roça pra não levar, acha pesado! E, se passa outro lá pega. E daí? Vai fazer o quê lá?

**Pesquisadora:** Humm... ficar “batendo a cabeça” pra achar...né

**Araucária:** É, não e outra! O certo é levar a ferramenta e pôr na água, no tambor de água assim... ela incha o cabo, daí você pode trabaíá conforme vai enxugando... vai ficando firme...não saí mais! É

**Pesquisadora:** E desse casamento do senhor, teve quantos filhos?

**Araucária:** Nós tivemos 03 (três) filho. Aí a história é grande, hein?!

**Pesquisadora:** É. São tudo menino...menina?

**Araucária:** Olha! Nós tivemos uma filha...ela têm ...[dúvida] 46 ano...46 prá 47. No primeiro ano a mulher já engravidou. É...nós têm 48 (quarenta e oito) de casado (segue calculando), né...ela tem de 46 pra 47...ela! Chama, Fátima. Aí...Tem a Fátima, tava grandinha assim... [demonstrando com a mão] a muié engravidou dos 02 (dois) muleques.

**Pesquisadora:** São gêmeos?

**Araucária:** Gêmeos!! Aí teve uma operação...uma gravidez de risque, né. Que fala. É. Ela, sabe o que ela fazia? Nós comprava remédio pra...pra...as “pirlula” ... sem receita médica, cara!! Eu ainda falei pra ela... ela comprava... - Não! Vou tomar que eu não quero engravidar, não! [imitando a voz da esposa]. Falei: - Muié para com isso!! Para com isso! Depois até concorde. E, vai... uma hor...um dia ela engravidou! E, ainda tomou mais um pouco de remédio até saber que tava grávida, falei meu Deus do céu!! Quera Deus que essas criança não saia doente. Bão! Foi fazer pré-natal...tá tudo beleza...tudo beleza!!

**Pesquisadora:** O senhor acompanhava o pré-natal?

**Araucária:** Eu fui umas 02 (duas) vez, aí. Mas era dificir pra ir, né. Quando tinha uma carona ela... ia. Aí tinha um médico que tava na cidade, cidade pequena, menos que Caarapó...bemmmm menos, bem pequena, aquela época bem pequena e tinha só um hospital. E, aí...um..ficou dois...(caguejando) foi inchando...inchando ... aquela mulher inchando, doendo, gemendo noite, um dia eu falei: Eu vou acompanhar ela lá hoje. Aí eu pedi pro patrão, pegou mandou uma camionete, tinha uma Toyota, uma Toyota Bandeirante, fui junto! Cheguei lá o médico examinou, falou: Ô! Cê vai demorar para ganhar esse neném ainda!! E, a mulher com um barrigão, nossa senhora!! E, falou: É dois! Você vai demorar... ganha! Vortô pra casa, vortô pior. Nossa!! Aí a muié não dormia mesmo e não deixô eu dormir

Eu falei!...eu fui no fazendeiro, fazendeiro carrasco, nossa senhora! Naquele tempo tinha gente ruim. Aí eu falei... chamava “Arzirim”, o cara...é...o filho do dono da fazenda. Seu “Arzirim” a minha mulher foi ontem no hospital, o médico disse que (ela) vai demorar ela vai demorar a nascer, os moleques! Vai demorar a ganhar. E o negócio eu tô achando que tá errado! Eu queria levar em notro médico...pra avaliá, fazer uma avaliação. Só que eu queria levar na...por exemplo Caarapó...Dourados tinha um recurso melhor, tinha um médico qui nem...o... o

médico aquele.... especialista memó... de tudo, de tudo as área da medicina, que era muito famoso na região aquele médico, vinha gente de longe, cara! Só que aí a consulta dele era cara! Aí eu tinha um dinheiro... peguei... e ele falou lá eu não posso... meu carro num... num... pra quella cidade num vou... num... mando, lá se quiser cê tem que arruma carro prá ir. Falei: Mas, seu “Arzirim”? Quando eu preciso do senhó... quando o senhor precisa de mim eu tô pronto! Nessa hora o sinhó vai me negar? Não posso ajudar ...não posso! Se virá! Falei: Tá bom! Aí...aí tinha um cara que tinha uma...uma variante... naquele tempo ... variante, chamava Denilson. O sinhó libera o Denilson pra mi levar lá? Ele vai...mas vai perder o dia! Falei: Meu Deus! Aí falei com ele. Ele falô: Não, se pre...cois...perco o dia, perco um, perco dois, perco três...perc...pra salvar...vê se salva os seus filhos. Aí peguemos aquele carro e fomo, chegando lá o médico examinô, falô: Ô! Suas criança já...pass.. tá com uns quatro ou cinco dias que era pra te nascido! E, aí, falô pra mim, ô! Eu vou tentar sarva a mulher! As criança eu.. eu num prometo salvar! E, outra coisa, ela tá com mais de dois litro de água na espinha! Vai ter que drena a espinha dela. Falei: Ave Maria!! A muié tava inchada...muié, não tava nem conseguindo se mexer mais. Aí ele fez a cesaria, né. E, falô! E tem mais outra! Vai ter que cortar o “orvario” dela...não vai poder ter mais filho! Falei: Ô, dotô! O sinhó faz o que o sinhó acha o que tem que fazer, se concentre...fala...castra, né, castra ela! Falei...é, cê precisa ir lá pedir autorização da família...fazê isso! [continuação da falo do médico]. Aí eu falei: Não, eu garanto! Sou responsavi ! Eu sou casado com ela, e...se...pra salva a vida dela...tem que fazê! Né. Aí, fez. Ixi, quando chegô lá, meu sogro sobe, nossa senhora, ficou brabo, menino! E aí nasceu os muleques, aí eu vim imbora, né. Nasceu.

**Pesquisadora:** Dois meninos?

**Araucária:** Dois menino...mais oia! Nunca vi umas criança tão bunita daquele tipo! Uns moreninho du cabelo, cabeludo...meio tipo índio...índinho, aquele cabelo cumprido, eu passava a mão assim [gesto do bebê no colo] dona! Coisa mais linda uns gurizinho. Um chamava Sidney...é...[...] Sidney...quase um nome engraçado, até esqueci o nome do outro, fico até triste de falá [face entristecida]. E, aí, aquelas criança veio pra casa, tudo bunitinho...assim. Eu, ainda vai pra muié amarra uma fitinha vermelha no braço de cada um, porque senão vai pegar “qua...quebrante” ah! Aquele povo da cid...colônia viu... que era fazenda. Nossa!! Que muleque bunito!!! Ai...eu vou ajudar! Ai num sei o quê...eu vou ajuda [afinando a voz e imitando]. E, eu falei pra minha pra minha...esposa...esposa na cama, né, pudia quase nem se mexer: Falô ô...quem quisé ajudá eu vô aceitá! Falei mulhê na parte do leite...que o cê... tinha que ajuda com mamadeira...o cê dexa só uma fazê! Ah, não! [imitando a voz fina] aí tinha outra mulhê lá...não!! Eu sei fazê porque eu tive dez filho, porque nao sei o quê... itetê!!! E, um dia ela fez o leite meio...num sei se num desmanchou direito?! “Delatou” “Laton” [incompreensível]. E, o mulequinho já amanheceu ruim, chorando...chorando...chorando...com um mês, hein? Chorando e não tinha jeito! E, eu peguei o carro...

**Pesquisadora:** Mas, era leite de vaca?

**Araucária:** Leite em pó!!

**Pesquisadora:** É. Leite em pó? Que ela deu pra eles?

**Araucária:** Leite que o médico tinha receitado

**Pesquisadora:** Ah. Sim! Das latas, antigamente tinha muita lata de leite, né. Até colecionava, as latinhas...né

**Araucária:** É, é... tinha...Uma marca de leite..lá. Nós comprava...Não era tão barata, mais também não era cara, não! Aí, comprei duas latas dava pra ele tomá o mês todo! Aí adoeceu um... levemo pro hospital, chego lá...ficou internado... lá no hospital que nasceu! E vai de cá...e...vai de lá!! Naquele tempo pru sindicato, né. Que nem fosse o SUS hoje, não pagava nada. Aí ficou internado uma semana, aí manda...avisaram que tinha morrido e outro tava em casa! O outro tava bonzinho! Aí dali uns dias adoece o outro, 01 (um) mês e 15 (quinze) dia, [voz fica embargada] que nasceu um do outro, morreu...morreu os 02 (dois).

- Rapaz! Daí eu falei pro fazendeiro: Perdi os muleque! [Afinou a voz e imita a frase do fazendeiro] Ôh! Que pena! Pena...num sei o quê!! itetê... falei tá bom! Daí eu pensei comigo, vô trabalha até... tinha emprestado um pouco de dinheiro dele, né. Vô trabalhá até pagar a conta, aí depois eu vazo. Aí dia do pagamento perguntei pra ele: Ôh seu Arzirim, não devo mais pro sinhô não, né? Não! Cê num...num me deve mais nada, tá. Tudo quites agora, tamu tudo certo! Falei: O senhô bata meu aviso que eu tô indo embora [voz engrossou]. Não! Mas cê não pode sair, não! Agora que eu preciso do cê. [afinou a voz - imitando o patrão]. Falei: Agora o sinhô precisa de mim? Aquele dia... aquela vez que precisa tratá dos meus muleques o sinhô não precisô...não precisa, né. Então, embora... aí peguei mudei prum sítio perto da cidade[inaudível]

**Pesquisadora:** Foi...foi a coisa mais triste que aconteceu na vida do senhor?

**Araucária:** Foi! Foi! Mais triste! Perder dois fió é triste, né?

**Pesquisadora:** Diferença pequena.

**Araucária:** É, quase perde a muié ainda.

**Pesquisadora:** Hum...foi a fase mais difícil do casamento do senhor?

**Araucária:** Foi...foi duro. Aí mudei pra quele sítio lá... parecia que nada prestava! Cara! Nada prestava. Ixi... não ia certo, fui trabalhar com um ricão lá também, o cara cobrava tudo, tinha uma granja de porco no fundo assim...num... nem 01 (um) kilo de torresmo ele deixava nós pegá...Homí ruim! Dava nada! Aí... eu mexia no trator dele, fiz a “pranta”, eu prantava, passava veneno...fazia tudo! Né. Quando chegou na “coieita” ele...eu...o cara falô: Ô! Vou dar uma” gorja” boa pra você no final do ano...no final da safra, “gorja” boa. E, eu...ah...era sábado, domingo direto trabalhando, fui...acabou o “coleita” fui lá pra recebe. Ôh...N. não posso te dá esse ano! Só o ano que vem. Eu falei: O quê? Tudo tratado em conversa, também. Ainda falei pra ele: Bens...naquele tempo, já...bem disque que...que conversa hoje não ta valendo nada, né, Seu José? Chama Zé também! Conversa não hoje não vale nada! Se o senhô tivesse assinado no papel às vez pudia até podia procurar a lei, mas trabalhei um ano de graça pro cê, minhas horas extras, domingo, feriado foi tudo de graça! Não! Mas, ano que vem eu te “mioro”, eu te...o senhô, falô...prometeu que ia fazer uma casa...nova... não fez! E agora ainda me corta minha renda. Não. Vô embora! Falei pra ele: Vou muda amanhã! Mas, você não tem?...Tem serviço arrumado? Falei: Eu me viro! Alugo uma casa em algum lugá e saio, cuida

do seu sítio lá agora! Era um barracãozão. Falei: Vô deixa a chave lá na porta do barracão, vou fechar a casa e a chave vai tá lá junto com o jogo de chave. O senhô vai busca, lá! Que amanhã eu vazo de lá. Não...você não pode me deixar na mão! Aí de tarde passa esse fazendeiro, tava numa caminhonete aquelas D10 naquele tempo tinha tinha tal de D10 roller aquele roncão bonito [imito o som do motor] foi á na estrada e parô. Tô precisando de cê lá! Rapaz. Tô precisando do cê lá! Eu vai: Então vamo! Que dia você quê pegue a mudança? Podi busca amanhã! Amanhã cedinho o cara do caminhão tá aí! Carreguemo e vortemo di novo. E aí, fui...vortei com o trato de colhe. Ser colhedor já! Já era tratorista, virei colher...também. Daí colhi dois anos, pagava comissão... falei: agora ta bão!

**Pesquisadora:** Melhorou a vida?

**Araucária:** Miorô! Daquele tempo pra cá foi só miora.

**Pesquisadora:** Passou...os tempos dificeis ficaram pra trás.

**Araucária:** Ficou! Aí eu mudei...não! Aí...aí mudou...depois de...de uns três anos mudou outro cara...o filho, do...aí...a irmã desse cara, desse fazendeiro mais nova caso com um caboclo lá. E o cara diz que era...como é que eles falava, é... tinha cursado administração de empresa. Mas só no estudo, dona... sabia naaaaada que era mexer com gente. Aí, a primeira coisa que ele falô: ôh no meu...no meu mandato eu vou administrar aqui, não pago mais nenhuma comissão pra ninguém, vai ser tudo com hora extra. Falei: Se a hora extra for boa? Não tem probrema. Ixi, a hora que valia por exemplo: dois...dois reais, ele pagava trinta centavo, nós trabalhava de graça, de graça, de graça, de graça e “ixigia” até meia-noite, uma hora da manhã, nós lá domingo e feriado, nós lá. Aí, que ele foi pagá...aquelha mixaria em dinheiro, eu peguei, falei: Não. Não vou nem recebê, sinhô, já encrenquei com ele, o sinhô combinou e não honrou prá mim não é homi. Xinguei tudo o homi, ele falou, é... se você não quiser... colhe não tem lugar para você aqui. Falei não preciso! Eu tenho profissão. Aí peguei e vim pra Naviraí...Naviraí não... Itaquiraí... meu cunhado morava ali que era motorista, né. Ele falou: A hora que de... que num der certo aí você vem pra cá que eu arrumo serviço pro cê, meu irmão é administrador da fazenda ali tem muito serviço...e eu gostava de caçar aquele tempo... menino do céu...! Vinha alí pro mato pru mato assim...

**Pesquisadora:** Mata fechada?

**Araucária:** Matão! E, eu entrei lá, era roçá pasto com trator, hoje fala em roçá pasto ninguém faz, né. Mas, não era pasto, era saroba, quiçaça [incompreensível] dessa artura, assim, cortar só a quiçaça, memó, mato. Daí, fui trabalhando lá, nessas arturas triinta e três anos!

**Pesquisadora:** O senhor ficou lá? 33 (trinta e três) anos?

**Araucária:** Nessa fazenda. E, a minha mulhê ela...ela depois de uns... cinco...seis anos ela passou a cuidar da sede também, empregaram ela. Ela aposentou por tempo de serviço também!

**Pesquisadora:** Quem bom...que bom

**Araucária:** Ela é cozinheira de primeira!

**Pesquisadora:** E nisso a filha do senhor ia com o senhor pra tudo que é lado?

**Araucária:** Ah...minha filha...

**Pesquisadora:** Pequeninha, ia acompanhando?

**Araucária:** Acompanhado aí arrumou um casamento, fugiu também! Parece que o destino é esse!

**Pesquisadora:** Parece que a fruta não cai longe do pé?

**Araucária:** [risos]. Arrumou um caboclinho lá. Eu lá... num queria, porque o caboclinho era cheio de xexê, não sei o quê...muito namorador, eu falei: fiá. Esse cara não vai ser bom pro cê! Ah, não! Porque eu gosto dele [imitando a filha] e aí fugiu! Fugiu aí passado uns tempo, uns...03 (três) semanas o cara pega e manda um bilhete lá em casa, e eu era brabo, hein...hamm!! Pensa num véio brabo!

**Pesquisadora:** Ciumento também da filha?

**Araucária:** Sabe o que o cara falô? Ôh. Vê se isso tem cabimento? Mando o bilhete bem escrito assim! Ôh. Véio, vô sábado que vem eu vô lá devover sua filha! E não quero que você acha ruim! Aí eu peguei e fui lá, falei, não vou manda recado não! Eu vou, lá. Tava lá o véio bobão...dá até vergonha de falar..o véio e a véia muito atencioso. Aí, eu...conversem, tomamo café, aí eu falei; ôh seu...chama Anastácio... Seu Anastácio (e eles escondido lá no quarto...nem me dar bença pra mim veio!) Seu Anastácio eu vim aqui... o motivo que eu vim aqui. É pra o senhor dá conselho pro seu filho! Mas, o que quê ele fez? Peguei mostrei o bilhete. Olha o que ele mandou... aqui. No seu lugar o que o senhor fazia com ele? Me diga? Ah. Mas, ele tá muito errado, isso não é papel...não criei fió, pra fazer um papel desse com a fiá do zotro ...e aí o véio e a véia revortou contra ele, não! Se ele robou, vai ter que assumir, aqui...vai ter...pode deixar Seu N., pode deixar que eu vou falar com ele! Vô pô esse cabra na linha, vou pô esse cabra na linha! Então o sinhô me promete pra mim que o cê vai “curiji” ele?! Não manda ele me entregá fiá lá não, hein! Se não for lá ele não vai vortá! Aí o cara escutando lá de dentro. Aí peguei e saí, fui embora. Aí, cheguei lá falei pra muié, fui lá fazer uma visita pro Anastácio e pro...Cê viu a....a....a.... Fátima lá? Não vi e nem vi nem buxixo, não teve coragem de sair lá, tudo com medo, eles achou que eu tinha medo de ir lá,né. Fui lá e expliquei a realidade, falei: se não queria, porque que roubou? Agora, depois de três semana quer...vem... devolver? É, doido, é?? Falei: Quem come a carne, rói o osso (hehehe)

**Pesquisadora:** Rs (constrangida)

**Araucária:** Aí ...rapaz a menina ganhou... teve uma menina mais velha, depois ganhou mais um moleque, uns netos maravilhoso, nossa!

**Pesquisadora:** O senhor tem 01(um) casal de netos?

**Araucária:** Tem três! Aí o rapaz o...chama Tiago, apelidava de Tiago, o nome dele e Jeferson. O rapazinho foi crescendo..foi crescendo. O pai dele, é aquele negócio, fió não pode trabalá! Fió tem que estudá! Não pode trabaíá!. Eu ia lá de vez enq...nós passeá no domingo, falava. Tião, chama Tião... Sebastião, Sebastião põe esse moleque pra...pra...pra nas horas de “forga” tem tanta oficina aí, lava peça. Mas, o cara não vai pagar! Lava de graça, num...num...vai lá fala com o don...com o proprietário esse moleque virá um profissional, Ah. Não! Porque ele é muito novo, eu tenho...[inaudível] meu fió vai trabalhar depois que tiver dezoito anos! Falei: Cê tá muito errado, cara! Bão! Foi...foi...foi...foi que nêm o moleque tinha dezesseis anos,

ele larga da minha filha, brigaram lá, largou! Daí ficou tudo desamparado! Moleque já ficou criado meio froxo, lá. E, a menina uma...se... ficou andando prá vida, casa da vida também, né, a mais velha. Eu dava ia...dá conselho não adiantava nada! Ah! O sinhô não sabe nada. Ah que não sei o quê [afinando a voz imitando a voz].

**Pesquisadora:** Neta do senhor? Hâ. O senhor amparou o senhor a filha do senhor? Ela voltou pra casa do senhor ou não?

**Araucária:** É. Daí...daí o pai pegou, ela ficava meia...pra casa da vida, né. Um dia ela foi pedir abrigo pro pai. O pai falô: Aqui, não! Aqui, não e some...some...some, vai curtir a sua vida prá lá. Aí, chegou um dia lá, o vô! O pai não quer eu em casa, e não sei o quê, [imitando a voz dela de forma triste], eu falei: Chama Carol! Falei Carol! Cê... eu vou te ajudar, eu vou arruma um...aqui em casa eu também não quero! Cê saí... começa trazer namorado, essas coisas, né! Mas, eu vou pagar um quarto pra você...uma [...] como é que fala?

**Pesquisadora:** [...] kitnet?

**Araucária:** Uma Kitnet. Vou pagar uma kitnet ali num lugar bão! Que eu posso tá passando lá. Pergunta pro homi, né. Como é que tá! E falei: Não deixa vim malandro aqui! Não deixa! E, eu vou paga, aí eu paguei 02 (dois) mês adiantado, era duzentão, paguei di quatrocentão, vou paga dois mes já. Aí ela... dormia lá, dormia...dormia lá! Aí um dia ela falô: Ôh. Vô, vou embora! Disse, vai embora pra onde fiá? - Vou pra Caarapó! Falei: menina cê tem que... arruma um casamento! Ela era bonita demais. Ela tinha dezesseis ano, pensa na menina bonita! Pareceu um fazendeiro querendo casar com ela...ela não quis! Porque o cara era fedido, que não sei o quê...o cara fumava. Falei: Moooço do céu!! Você era pra tá uma rainha, né. Um cara desse aí, você ia tá andando só de caminhonetona, e...e...pintada de ouro, rapaz. Mas, você é boba, hein... burra! Ah, porque não sei o quê [afinando a voz, imitando ela] se prefere...ah...eu quero divertir [afinando a voz novamente].

Falei: - Meu Deus! Cê, tá errada menina! Bão...aí, vai de lá, vai de cá. Vortô! Lá brigaram, lá. Expulsaram ela de lá. Aí, vem ela de novo. Ôh vô! O sinhô deixa em ficar em casa, falei: Não! Vou pagar seu kitnet de novo, vô pagar mais 02 (dois) mês, e, vê se arruma um casamento! Que tá hora de arrumá um casamento, rapaz! Mas ela era muito bonita, né. Aí, o rapaz lá... interessou nela, tal de Adriano, vai de cá, vai...não caso? Não deu um neto coisa mais linda pra nós? Bisneto agora. Bisneto!

**Pesquisadora:** Bisneto?

**Araucária:** É. Bisneto, é!

**Pesquisadora:** O senhor nem viu o tempo passando?

**Araucária:** Nem vi. E, aí, cá pequena, a mais nova, do mesmo jeito. Aí, ela a menina começou, a menina mais nova daquela, que ela estudava, né, que ela é formada, ela tem 02 (duas) faculdade... mesmo...o pai fez do mesmo jeito, cara! [fala parece de indignação] porque a menina...ela estuda...e... ela ia pra academia e aí...vortava ...sempre... vô, cê sabe como é que é, né? Aí vortava tarde[...]

**Pesquisadora:** A outra neta do senhor?

**Araucária:** É. Mais nova. Caçula dele! Caçula dele, morava com ele! Ele pegô “expursó” que não queria ela lá! Porque? Aí, ele arrumó mulhê lá! Muié foi no ouvido dele que não queria a menina lá...queria a menina, lá. E, aí ela foi lá em casa se queixando também. Falei: Mas, seu pai, rapaz! Seu pai tá errado, ele tinha...que...Ah, porque ele arrumó uma muié, lá...que prefere a muié do que eu...não sei o quê, e, ela morava com ele! Falei: Ôh. Maria... vou... o mesmo que eu fiz pra Carol vô fazê pro cê, só que cê trabalha. Aí, ela falou, vô! Não posso trabalha! Porque meus horário não dá pra trabalhá, é cedo é de manhã que eu estudo, estudo de manhã ...estudo de tarde... dois período, não tem como eu trabalha, vô. Falei: Tá bom! Eu vô te ajuda! Aí eu vou pagar o Kitnet pra cê, aí paguei o kitnet, dei fogão, dei cama, arrumemo um quarto bem arrumadinho pra ela. A minha esposa comprou um guarda-roupa daquele grandão! Dessa largura assim [gesto demonstrando a largura do móvel] de vidro, coisa mais linda!! [...] o guarda-roupa... aí..fiqu...Paguemo 02 (dois) mês, eu falei: Mulher! Acho que em vez de tá pagando lá...trazer ela pra dentro de casa, aí tinha um quarto vazio, falei: vamu arruma esse quarto pra ela! Aí, 02 (dois) ano ela morou lá sem dá um centavo, e, eu pagando...e, vai...vai...aí ela se... formô... ela...ela é formada naquele negócio de ver...ver carimbo de carne assim...pra exportação!

**Pesquisadora:** Nutrição?

**Araucária:** É. Acho que é. Ela fez o curso, passou. Tá empregada! No Bertil... ela fez também de...aquele de...aquele laboratório de análise[...]

**Pesquisadora:** Análises laboratoriais, né...bioquímica, essas coisas?

**Araucária:** É. Ela fez também... passou.

**Pesquisadora:** Bioquímica, essas coisas?

**Araucária:** É. Ela fez 02 (dois) curso bão. E, fez um comercial também, fez um estágio comercial, ela trabalhou numa loja, lá!

**Pesquisadora:** É. E a relação era harmoniosa, assim? Todo mundo se dava bem dentro de casa, esses dois anos foi bom?

**Araucária:** Dava. Só que ela não gostava muito de ajudar em casa! Ela partia pro estudo dela chegava fim de semana ela vazava, só que eu falei: Ôh. Maria! A sua roupa ...nós...a muié não vai lava, não! Sabão tá aí...a máquina tá aí. Tem uma máquina grande de bate, né, cê se vira, aí ela começou a fazê, lava as coisa dela e tá morando lá com nós! E, agora namora um rapaz...um dotôzinho, lá!

**Pesquisadora:** É do gosto do senhor?

**Araucária:** É. O cara...o cara é tão chiciente, que a hora que ela chega ...do serviço, o cara tá esperando lá já.

**Pesquisadora:** Ele gosta mesmo dela...

**Araucária:** Vai pra casa dele, vorta meia-noite. Falei: Não tenho nada com sua vida, mas já falei pra ela...ôh vê cê cata esse cara, aí, cara!! Vai que ele enjoa da tua cara! Né. Já tá com uns 03 (três) anos namorando,e fala pra casar, o cara fala que não quer casar. Falei: iiiii [emitiu

som]. Ela falou: Vô, vou namora ele mais um...mais um ano e pouco se ele não quiser casar eu vou arruma outro! Falei: - Ele vai morrer de saudade, porque a menina é bonita, hein!

**Pesquisadora:** E, tudo isso que o senhor viveu...essas coisas que passou, o tanto que o senhor trabalhou, o senhor se considera uma pessoa feliz?

**Araucária:** Ah!!! Eu acho que sou...tanto no lado familiar como... vida pessoal tá...tô feliz!  
Não tenho o que fala não!

**Pesquisadora:** O que é Qualidade de vida pro senhor?

**Araucária:** Qualidade de vida?

**Pesquisadora:** É!

**Araucária:** Ah! É o que eu falei prô cê! Primeiro lugar saúde, saúde boa e a parte...cois... financeira, né, segundo. Não! Primeiro lugar Deus e segundo a saúde e a terceira a parte financeira e boas amizades.

**Pesquisadora:** Essas são as coisas importantes?

**Araucária:** É. Boas amizades em casa! Né. Amar bem a esposa...ser amado! Né

**Pesquisadora:** E, que o senhor passou por fases bem difíceis, né?

**Araucária:** Foi... foi muito difícil nossa vida!

**Pesquisadora:** O senhor acha que o senhor envelheceu bem?

**Araucária:** Eu acho que já tô bem... maduro...né. 70 (setenta) ano, já tá.

**Pesquisadora:** O senhor consegue se ver assim? Como o senhor se sente hoje? Com que idade o senhor se sente assim?

**Araucária:** Não gosto que me chame de velho, não! Me sinto um cara de cinquenta e cinco ano...

**Pesquisadora:** De vigor de cinquenta e cinco? É?

**Araucária:** É. Só “rapa” a barba que é o mais...né... fica mais novo, dá outra visão [risos]

**Pesquisadora:** Quando o senhor se olha no espelho assim que o senhor vê que já passou os anos assim, igual o senhor comentou no começo da nossa conversa, né. Que o senhor tinha um volume de cabelo maior...

**Araucária:** Meu cabelo era bonito! Muito bão...

**Pesquisadora:** Ainda, é bonito Seu N.!

**Araucária:** Mas, agora eu tô careca...qui era cheio [mostrando na lateral da cabeça - a localização] eu penteava play boy, cabelo muito bão...

**Pesquisadora:** E, quando o senhor se olha no espelho que o senhor vê que o senhor... já passou. O senhor sente orgulho da pessoa que o senhor se tornou?

**Araucária:** Agora eu me sinto... [não concluído a frase]. Eu...eu...eu acho que sim. Falo: Graças a Deus! Eu tenho orgulho da minha pessoa! Também me acho bonito, primeira coisa os “cara” pergunta: Cê tá bão? Eu falo: Bão e bunito! [rsrs] é brincadeira! Né [rsrs]

**Pesquisadora:** Hã. O senhor é um homem maduro e bonito! Sim! É... vai passando o tempo...perguntei isso pro senhor porque a gente às vezes...eu também! A gente tá envelhecendo juntos, quando a gente pisca... já tá envelhecido...e já passou...a gente olha pra trás a gente já fez tanta coisa...né!

**Araucária:** Vai envelhecendo! É.... passou e a infância passa e passa ligeiro...hein

**Pesquisadora:** Como foi a infância do senhor?

**Araucária:** A minha infância foi boa...nós era...

**Pesquisadora:** Eram muitos irmãos?

**Araucária:** Nós era em 07 (sete)irmão, é...teve argum contratempo... o pai era muito bravo, mas...

**Pesquisadora:** A mãe do senhor era uma pessoa amorosa?

**Araucária:** A minha mãe eu perdi ela com cinco ano...ela era amorosa [voz também saí com maturidade], de vez em quando eu falo prá turma assim... que mãe...mãe é mãe!Né. Eu era tão “bardoso” quando era pequeno que...

**Pesquisadora:** Bardoso é bagunceiro?

**Araucária:** Não! Bardoso ...manhoso, não saía da cama, tinha que ir buscar. Aí, eu ficava lá na cama chorando, fazendo manhã, né. Aí que eu falo que é manhoso, ficava fazendo manhã pra ela ir lá me pux... buscar...trazer no colo, ponhá na mesa...na cadeira... pra tomar café. E, eu era enjoado eu gostava do pão no leite assim dentro... pra comer com a colher...

**Pesquisadora:** Tipo um mingau?

**Araucária:** É, não comia pão seco, não!Tinha que fazer tudo isso prá nós! Oiâ! Mãe é mãe, né! E, aí, nós perdeu essa mãe...eu tinha um irmão...eu tinha cinco, meu irmão tinha três pra quatro, ele era bem piquininho assim ... [demonstrando o tamanho dele]. E, essa madrasta, rapazz.

**Pesquisadora:** A mãe do senhor faleceu do quê?

**Araucária:** Parto! Nós arrumemos uma briga lá...briga com o cara da serraria, né. Ela precisava fazê almoço e, tava meio chuviscandinho...antigamente dava uma serração, umas garroínha, né, ficava semana...semama garroando hoje não existe mais isso!? É, aí ela falô: os criança vai lá buscá lenha pra mim... na serraria, lá. Mas, pedi lá pro omi, que ele tinha um pedaço da coberta assim...lá coberta assim, a lenha lá de baixo sequinha, né. Pedi uns paus secos, lá prá mim. Aquele dia o cara tava com a macaca...eu acho! Fiquemo lá, falemos pra ele. - Não vou dá lenha, não! Que lenha pega lenha lá do monte, lá [afinando a voz]. E, tava moído, chuvido bastante! Né. A mãe, quer ... menos uns 03 (três) pauzinho seco, sinhó! Não vou dar nenhum! E, some daqui...se não eu bato nos céis ...correu atrás de nós. Aí, cheguemo lá...assustado, moleque pequeno, né. Falei: Mãe! O pai...o cara quê bate em nós! Seu fulano lá!

- Ela era uma baiana. A bicha era braba, hein. Ela tinha uma foicinha dela assim, no canto do fogão, foicinha...foicinha pequena assim, vortinha pequena, lá..., mas, o cabinho curtinho assim... era a arma dela, o véio tinha o facão e ela a foice. Aí, ela falô: Deixa que eu vou lá acerta com esse cabra, vê se ele é macho mesmo, vê se ele é valente...comigo e, nósis atrás... eu ainda falei: Mãe, não vai não! que...não vai que tá chovendo, põe um pano na cabeça. Ela falô: Não vou ponhá nada, não! Quando eu fico nervosa! aí... e tava de quinze dia que tinha perdido uma criança.

- Aí foi... ficou nervosa...recoieu... o parto é... como fala? Mal de parto que pega, né. E, aí foi lá brigô com o ômi ...aí meu pai entro no meio, deu uns tiros no caro. O cara ôoo [sinalizando que com as mãos que fugiu] parou a serraria, ha!! Faltou fogo, parô! Era vapor, né ...paro!! Aí veio o gerente, quis saber porque que foi, o pai contô...virô um rolo, ele pegou mandô o pai embora. O pai falou: vô embora, só que eu...enquanto eu não mata esse cara cabra eu não vô, a minha mulhê ta doente lá...se ela morre, aí eu vô mata ele!

- Aí falô...o omi falô: Não Seu Pedro, muda...muda...muda daqui, se não o cara não vai vir trabalha. Falou: vô muda, mas eu vô vir aí... Daí o cara...falaram que o véio vim, daí o cara na noite carregou a mudança, de...sumiu, ninguém sabe aonde foi...

**Pesquisadora:** Quantos dias depois a mãe do senhor faleceu?

**Araucária:** Daí ela ficou um mês de cama...um mês...

**Pesquisadora:** Daí quem cuidou do senhor depois?

**Araucária:** Veio...um mês..dia...nós...aí bagunçou tudo [imprecisão]. Nós tudo pequeno! Um irmão meu que fazia comida pra nósis, o mais...

**Pesquisadora:** O mais velho “cuidava dos menor”?

**Araucária:** É tinha dezessete anos, mas ele trabaiava também...ele pulava cedo fazia comida deixava pronto e ia trabaía...nós era...o pai tinha dois filho grande que trabaiava e ele, e nósis tudo pequeno... o mais velho tinha casado, né. Daí pau...pau..pau. Aí um dia o véio soube que tinha uma mulher que tava separada do marido, tinha...tinha morrido o marido, era viúva. Até o cumpade dele que falô.

- Ele falô: Vou lá visitá. E é uma gaúcha...vou lá visitá essa gaúcha! Chego lá o véio era...metido a besta, também, cavalo bão, trintaoitão do lado, e tava de terno, meu pai só andava de terno, terno e gravata, naquele tempo parecia um doutor (terno e gravata). Chegou lá... conversô com a véia, a véia que mandava em casa, uma gaucha! Aí ele expricô a realidade que precisava de uma mulher...por que tinha as criança pequeno e, ia fazer dela uma rainha, e nao sei o quê...aquele papo, né o cara quando quer as coisa faz...tem um papo bão!

- Aí... não...!!!! Fica dois dias aqui! Pra conhece o senhor melhô. Aí... o véio ficô lá dois dias na casa deles, depois o senhor vai e ja leva ela! Falô nósis vamo... eu levo de carroça...as coisa dela! Nós tava lá um dia chega aquela mulherzona né... meio gordona, morena...é meu “fizinho” agradando nósis, não sei o quê ...até acostumar..... mennnnino, dali uns ela começou ooôh couro e, ...couro [sinalizando com as mãos]. O véio falô: educa eles! Educa eles que eles tão muito bão...muito bardozim, tem que tirar essa barza, pau!! He... E nósis fomos crescendo naquele sistema... de louca dela!

**Pesquisadora:** Quando o senhor começou, quando a gente começou a conversa o senhor...o senhor falou que foi difícil para o senhor estudar! Foi por causa dessas coisas também?

**Araucária:** Foi!! Foi difícil...aí, o pai não parava! O meu... o meu no pai no começo tinha um armazém, ele era pra ser rico! Se não fosse... cabeça dura, ele...ele...ele tinha um armazém, que ele vendi pra duas serraria, o Senhor de um armazém...e, esse véia que cuidava das notas, né. Mas, o duro era o fiado, cara! Ele tinha tanto conhecido, tanto cumpradre que eu nunca vi daquele jeito. Comé que o seu cumpadre chega pra pedir fiado pro cé e você não vai vende? E, depois do dia de receber o cumpadre não ia pagar! O viajante vem recebê! Era dia de pagar...dinheirinho que tava juntando tinha que dá pro viajante, ficava sem dinheiro. Foi indo...um...mudava...um... tinha peão que ia mudando de noite, nem sabia pra onde ia!

**Pesquisadora:** Ficava devendo?

**Araucária:** Ficava devendo!!! Foi quebrando, foi quebrando, foi quebrando... foi quebrando...no fim teve que abandona, vortâ a trabalha de empregado. Aí... essa gaúcha tinha parte dela de herança, né, aí morreu a véia...o véio falô: Opa!! Tem cinco alqueires de terra lá, né. Que ele casou com ela no civil, né. Com a minha mãe era casado só na igreja...aí casou com essa gaúcha [imprecisão]... não com a minha mãe era...igre... no civil...é... minha mãe é no civil...com a gaúcha na igreja...casou com ela na igreja, mas, tinha parte do mesmo jeito, né! Casado, vai...vai. O véio falô assim! Vô separá cinco alqueire aqui, é... você faz um rancho ali e muda pra cá e muda para cá, e, toca roça. Aí nos mudemos pra lá e, ôh! Ixi, mas, o primeiro ano nós sofreu, no segundo ano que tava fartura o véio pega é fala lá: Ó.... Vô embora...vô vende isso aqui e vô embora!! [imitando a voz do pai] eu mesmo fui um que falô: Pai!!! Não vende não! Nós ta tão acostumando aqui, aí nós tinha...entrando numa escolinha, perto...era perto a escolinha, aí todo domingo...ia...todo dia ia... “borcinha” estudá. Não!! Vou embora...vou embora! Vixi, nós nem aprendeu quase nada! Já mudou veío aqui pro lado Ubiritá...Paraná...aqui, perto de Cascavel ali...já, dali ficou uns dias, mudou de novo, daí voltou [inaudivel] Falei: Meu Deus!!! Aí não vai!! E, nós foi crescendo desce jeito sem aprender nada! E, o tempo que tinha ponhava no serviço. Aí, que muleque tem que aprendê trabaíá, não é estudar nao! Tem que aprender a trabaíá. Pra ser omi tem que aprender a trabaia!! E, foi desce jeito, ninguém aprende nada!

**Pesquisadora:** E, fez muita falta “prô” senhor?

**Araucária:** Nossa!! Mas faz, hein!

**Pesquisadora:** Ainda, hoje ainda faz muita falta?

**Araucária:** Faz. Quando chega...por exemplo que nem esses...na fazenda lá onde eu trabalho, elas sempre faz...sempras palestra, né. Aí cé tem que “encher”um ditado, uma provinha, lá! De vez, dá fóias pra gente, né, pra “encher” aquelas provinha, ali que eu se apuro! Eu acho que faz falta, né?!

**Pesquisadora:** E, como o senhor se sente quando dá alguma coisa “prô” senhor preencher que o senhor vê que tem mais dificuldade que os outros?

**Araucária:** A gente... só que eu já falei pra eles...eu já avisei ...pro... pro administrador! Falei: Ôh, eu... meu estudo é pouco, eu sei ler, escrevo meio mal... eu leio mais do que escrevo!

Que sempre farta alguma...alguma uma vírgula... heheh [riso do entrevistado] escreve bem não é fácil, não!

**Pesquisadora:** Mas se precisar mandar o senhor mexer na máquina?

**Araucária:** Ahhh, não!! Máquina..não!! É tudo mais fácil!! Né

**Pesquisadora:** Quando o Senhor faz esse trabalho, aqui (tem gente mais nova que o senhor lá, né?!) Como é o relacionamento do Senhor com eles, porque pode faltar o estudo da escrita, né. Da leitura? Mas de ensinar as coisas o senhor o se relacionada bem?

**Araucária:** Tem!! De vez em quando eu sirvo de maestro, lá. Exprico bastante coisa, né. Eu ensino o cara! O cara...ô seu N. como é tal coisa... assim... o senhor pode me dar uma instrução? Ôh, se for do meu alcance. Eu exprico...assim... assim... assim.

**Pesquisadora:** E, eles escutam muito o senhor? Essa moçada toda.

**Araucária:** Escuta!! [convicto], tudo...querem aprender, né!!! Tem muitos caras que até briga, lá! Não, quero que cê ensine eu! Vô lá domingo pra aprender. Falo: Ômi, eu não posso!! Tem que ter ordi da fazenda. Como o cara chega lá, vê o cê lá vê o cê dentro da máquina comigo?

**Pesquisadora:** O Senhor se dá bem com essa moçada que tá chegando?

**Araucária:** Não, tranquilo!!

**Pesquisadora:** Mas as máquinas também são diferentes, agora... são, de antigamente era mais secas, né?

**Araucária:** É, agora...agora tão vindo umas máquinas mais... piloto automático, controle remoto, GPS, tá tudo mais moderno. Até aí... eu tenho que fazer uns cursos? Tem vez... que tem.

**Pesquisadora:** Hã. Mas se mostrar pro senhor o senhor dá conta? Só um pouco mais complicado às vez se tá em outra língua ou...

**Araucária:** Ah, sim!! É “ingres” não [inaudível] palavra em “ingres” não vai não!

**Pesquisadora:** O senhor aprende conforme vai demonstrando pro senhor? O Senhor vai aprendendo a fazer as coisas?

**Araucária:** Ou aprendendo, mas como diz: Na prática! Né.

**Pesquisadora:** É. Daí o senhor vai fazendo...repetindo, quando vê já faz tudo

**Idoso:** Fico bão!

**Pesquisadora:** Hã. O senhor comentou comigo também...que a sogra do senhor... mora com o senhor? Como é que foi... Ela veio como? Morar com o senhor? Por que ela veio?

**Araucária:** É!! Ahhh. A história é longa dela também, hein!

**Pesquisadora:** Ela tá muito doente?

**Araucária:** Ela tá... velha né...um pouco é a idade, né. É o seguinte, a minha sogra, o irmão tava brigando com ela, brigando lá, não tinha... ninguém queria os fi...os fi num queria ela lá... na casa...

**Pesquisadora:** Ela já é viúva agora, o senhor falou, né?

**Araucária:** Ela é viúva ela faz... muitos tempo... há muito tempo, ta viú... o esposo dela morreu em 87 (oitenta e sete) ... por aí 88 (oitenta e oito) ...faz muito tempo...

**Pesquisadora:** Ah, faz muito tempo já!

**Araucária:** Vai pra quase 30 (trinta) ano... aí, ninguém os filhos, ninguém queria morar com ela, ela sempre morava sozinha! Compro uma casa perto lá. E arguém ficava...aí foi ficando véia...ficando véia, aí eu falei pra mulhe...vamo trazer dona C....chama C. Vamo...traze... Nome dela é J. só que ela não gosta.

**Pesquisadora:** J.?

**Araucária:** Documento dela é J. J. é nome de omi, ela fala! Dá pilidaram ela C.. Dona C. Valei vamu traze dona C.a aqui pra casa. Aí eu fiz um cômodo lá assim [demonstrando com as mãos] numa puxada, fiz um banheiro e, ...moro...moro 02 (dois) anos cum nós. Num gastava um centavo, pegava a aposentadoria dela, ela tinha tanto dinheiro que a cama... o colchão de casal dela forrava nota de 50 (cinquenta), a carrera, outra de 100 (cem) e outra de 20 (vinte), enchia a cama! Ela devia ter uns 15 (quinze) mil guardado. Aí um dia ela chegou cedo lá. Falou...e, eu...vou mand...e, eu brincando lá com ela... vou mandar prender cês...falei porque dona C.? Ocê tão me judiando! Eu quero ir embora daqui!! Falei: - Dona C. pensa bem. Tá boa...andava prá lá...tudo cheio de ouro. Dona C. a senhora não tá gastando nada, nós gosta muito da senhora aqui. Não! Eu quero ir embora, me leva pro Paraná, eu vou mandar prender vocês... se não levar ...falei então vou dar um jeito de levar a senhora né. Não! Eu quero alugar uma casa! Eu não preciso de esmola. Falei Homi do céu...tô fazendo tudo pra senhora, a senhora fala uma dessas...a senhora quê aluga casa! Então tá bom! Pode aluga! Aí pego alugo uma casa lá pra cima, mais aí a mulhê tinha que ia ir lá, de vez enquanto tinha que ir lá, de vez em quando ir lá... aí falei: Mulhê! Já que ela quer morar sozinha, daí mandei buscar a mudança dela, paguei a viagem dela no caminhão, troxe a mudança dela.

**Pesquisadora:** O carro?

**Araucária:** É. paguei o carro de 1.200 (mil e duzentos) pra trazer ...conto do meu borsó. Já que quê morar sozinha põe tinha uma casa grande ali pra baixo...era quinhentos contos o aluguel põe ela lá! Aí moro mais 01 (um) ano na casa, não, não quero morar mais aqui porque tá muito perto dos céis...tranquilo. Aí eu, vou morar pra lá e cê tem que ir lá, ficar comigo lá. Falei: Mulhê se vai ter que arrumar uma empregada pra ela, pra dormir com ela, que ela não gostava de dormir sozinha. Aí arrumo essa Rosa...um ano, dois anos, três anos, eu falei essa Rosa ela vai te colocar na Justiça! Cê não pagava nem um 13º, nenhuma uma férias, nem nada! Aí a mulhê falou!! É mesmo rapaz [sussurrando]...vou combinar com ela... eu vou férias e 13º, falei só que você não assinou a carteira, dá a mesma coisa, cê tá errada do mesmo jeito. Aí combinou com a Rosa. Rosa falou: Não!! Dona M. eu não vou atrás de justiça não! Do jeito que cê ta me pagando tá bão! Tá vai!! Vai...vai de lá..vai de cá! Um dia a véia falou: Não quero mais ficar aqui, quero voltar pro Paraná, falei t bom!! Vamu levar ela então!! Aí, quando falemos de levar, ela falou: Também não vou mais! Falei, mas Dona C.? Aí o filho dela lá falô: Traz ela que eu ponho aqui na minha casa! Tem uma casa...tinha, a casa dele... e a casa de uma filha dele que morava no fundo, assim...[gesticulando] a minha filha muda...o dinheiro do

aluguel, o dinheiro dela nos cobra 500 (quinhentos) reais para ela morar aqui. Tudo bem!! Aí paguei de novo a mudança, aí já foi 1.600 pila, pro cara leva, levou embora. Aí, sab...direto ligava! Ah... por que a mãe não tá boa, os fí lá!! Vai ter que ajuda!! E, a mulhê pegava mandava cenhão! Todo mês, 100 (cem) daqui, 100 (cem)... aí direto ligação porque ninguém quê ajuda a mãe!! porque não sei o quê...e têtê. Falei: Mulhê, vamo trazer ela aqui pra casa, só que agora sem mudança agora! Fala cum ela lá. Ah, eu vorto mais e a minha mudança tem que ir junto. Mudança então não! Falei, faz o seguinte, traz ela e a mudança cê extravia pra lá, que aqui tem tudo, tem cama, tem cama, tem...tem geladeira, tem tudo pra ela aí... que quê ela quer? Tudo...tudo ah...televisão é ponhamo televisão no quarto, tudo...a véia tinha tudo, aí vai, vai, vai, vai e todo dia: Quero vortá!! Quero vortá. Falei: Agora não! E a minha mudança? Que você dis... ia troxe?

Dona C. a senhora... daí ela foi... começou a lavar carcinha na pia, foi ficando caducona, né. Falei mulhê vai ter que ter um cuidado mais especial cum ela! E aí, a mulhê pegou e falou não: Eu vou...eu vô paga uma babá pra ela... já, já tá precisando! Daí foi...foi uns 8(oito) mês já começou a fazer as necessidades na roupa, quando ela queria ir no banheiro... ia sujando tudo prá lá, aí mulhê já ia atrás limpando. Na hora de tomar banho “meu deus”!! Num vô tomar banho, num vô toma banho [imitando a voz da sogra] todo dia uma briga, aí levava meio na marra, aí dava banho. E, agora por úrtimo ela caiu! Ela caiu um tombo... ela já tinha... platina assim [mostrando na própria perna] cheio de platina...

**Pesquisadora:** Quantos anos ela tem mais ou menos?

**Araucária:** Ela vai ter quase 100(cem), já! Tá bem véia! Mas é... a cabeça tá gente...de...vou falar gente de 50 (cinquenta), 60 (sessenta)! Ela sabe tudo!

**Pesquisadora:** É boa de conversa.

**Araucária:** Bão!! Conversa bem

**Pesquisadora:** Daí ela ficou acamada depois de caiu?

**Araucária:** É, caiu, acho que trincou, acho que é a bacia dela que tá trincado! Mas o médico disse que tem que ter cuidado que sara disse que não sara não sara mais, não. Por causa dos osso que tá fraquinho, né. Não tem mais jeito! Falou: Essa aí... E, agora ela tá...tem dias que parece que deu...é aquela bobeira nela assim...? [como é que fala...?]” mar de [estralo da boca, tentando lembrar o nome]

**Pesquisadora:** Ela tá com Alzheimer? Alguma coisa assim na cabeça?

**Araucária:** É. Parece que tem dias que dá mal de alzheimer, um dia parece que ela tá ruim e outro 02 (dois), 03 (três) tá boa, sabendo tudo (heh). Eu fico até bobo com ela, só que agora ela não anda! Fica só deitada, come... pão... então ah...por isso que a mulhê foi pra lá, a mulhê chegô lá domingo trasado...chego lá coitadinha comendo deitada, assim na cama, sendo que a empregada podia ao menos pôr ela sentada, né. Ah, falei pra mulhê: Da um jeito de vortá lá. Ela não merece sofrer tanto assim não!

**Pesquisadora:** Daí ficou só prô senhor e a sua esposa ficar dela?

**Araucária:** É. Pede uma ajudinha...aí tava minha cunhada lá, minha cunhada também é tudo lascada do juéio...ponho um marc...não é marca-passo! Tem problema do coração! E...e, diabete! É tudo lascada também a muié, é mais veia que a minha mulhê

**Pesquisadora:** O senhor não tem Diabetes e Hipertensão? Têm?

**Araucária:** Tenho...é [expressão de dúvida]. O que é hipertensão? [dificuldade de pronunciar o nome]

**Pesquisadora:** A pressão alta!

**Araucária:** Tenho. Pressão alta, eu tenho!

Pesquisadora: Tem pressão alta, diabetes também?

**Araucária:** Tenho [rapidamente nega] Diabetes não! Diabetes tá beleza, entendeu...? Sorte que eu tô vivendo aí, né

**Pesquisadora:** Tá indo tudo bem. O que o senhor espera agora... pra vida do senhor, agora?

**Araucária:** Oiá...pra minha vida... [interrompido pela pesquisadora]. O senhor pretende continuar trabalhando até quando tiver força? Como o senhor vê isso?

**Araucária:** Eu tô de...pensado de...trabalhaiá esse resto de ano! É. Porque eu fiz um empréstimo lá. E, tô querendo pagá ele pra eu para, dái eu vou mascatear.

**Pesquisadora:** Vai o quê [dificuldade de interpretar o sentido da palavra].

**Araucária:** MAS CA TE Á [verbaliza separadamente]

**Pesquisadora:** Ser masca... mascate! Serviço de mascate?

**Araucária:** É. Vender as coisa...fruta, serviço de roça, né

**Pesquisadora:** Mas, não pretende ficar em casa?

**Araucária:** Não, não, não! Tem que fazer alguma coisa pra cabeça, se não... se não? Para né!

**Pesquisadora:** O senhor acha que ficar em casa com a esposa ia...?

**Araucária:** Ah! Eu fic...aturo poco! Porque eu não sei ficar parado!

**Pesquisadora:** É. O senhor sempre tá se movimentando?

**Araucária:** Sempre, sempre, sempre! Eu tenho uma picape lá...eu tenho que tá andando, eu tenho que tê uma chacrinha, tem que...pre...fazê um cantero, eu tando lá, eu ixi...trabaió, moió o pano e, sinto bem.

**Pesquisadora:** É. Não é cansativo pro senhor. Não?!

**Araucária:** Agora eu já tô terminando um chiqueiro, comprá uns porquinho. Tô criando porco num terre...lá com meu sobrinho, meu neto, afinal! Achemo uma moleza lá, compremô lá 06 (seis) porco [rindo feliz]. É.

**Pesquisadora:** Que bom, é sempre bom ter os bicho por perto, né. Daí o senhor pretende vender fruta essas coisas, o senhor não pensou no que fazer? Mas, sabe que o senhor vai fazer alguma coisa?

**Araucária:** Eu não tenho um ramo declarado sim...para de trabaíá com maquinário e vou comprar dos sitiante assim...e sai comprando e vendendo. E, de vevi... eu acho que dá dinheiro!

**Pesquisadora:** E, a esposa do senhor concorda?

**Araucária:** Ela acha que tá certo!

**Pesquisadora:** Tá certo. Ela é bem ativa? Bem assim...

**Araucária:** Ela vai fazê pão pra vender, pão caseiro

**Pesquisadora:** E, agora o que ela faz em casa? Só cuida da casa?

**Araucária:** Ela só cuida da véinha e cuida da casa. É. Ela faz pão que Deus o livre! Até o forno já tá feito lá colocar...

**Pesquisadora:** O senhor comentou mesmo que tinha... 02 (dois) fogões, né. Alguma coisa assim...

**Araucária:** Tem 02 (dois) fogão, tem... nós tem ... tem 01(um) fogão, é caipira, né, que fala! Desse pré-montado e temo 02 (dois) fogão a gás

**Pesquisadora:** E como é pro senhor ter uma pessoa ter uma pessoa bem idosa dentro da casa do senhor? Assim...com esses cuidados? Cuidar dela?

**Araucária:** Eu acho coisa mais linda, mais bonita do mundo. Eu queria ter essa lida que ela precisasse

**Pesquisadora:** É. O senhor acha que vai ter isso dos filhos do senhor? Dos netos?

**Araucária:** Eu não sei!! A minha filha disse que vai me ajudar!

**Pesquisadora:** Dos netos?

**Araucária:** Eu tenho fé na... na minha filha...

**Pesquisadora:** É, F. né! Hâ

**Araucária:** A minha filha ela... gosta muito de mim

**Pesquisadora:** Hâ. O senhor se relaciona muito bem...

**Araucária:** Eu já ajudei ela, tirei ela do sufoco punhado de vez! É... Visita. Direito tão em casa, uma já mora lá com nós, né

**Pesquisadora:** Ahã. O senhor falou...

**Araucária:** E a outra visita...a minha filha. Ô loco...ela... Fui para casa dela um dia, pra fazer ess...esse tratamento lá em Cascavel, ela levava pra cima e pra baixo, bicha sabida! hein. Cascavel ela dirige dentro coisa de...

**Pesquisadora:** Trabalhadeira?

**Araucária:** Trabalhadeira...ela trabalha agora nu...numa formação de... técnico lá na... [estalando a boca] esqueci o nome da empresa rapaz...é uma coisa de polícia, lá, que forma os universitários, o cara vem...vem de fora e forma ali, é. O negócio lá bem arrumado, bem no

centro de cascavel, e, ela conseguiu, pegou um serviço lá de... de zeladora...né, mas, pra ela tá bom! Né. Ganha 02 (dois) conto e pouco, e cesta, vale compra, né. Ô loco! Tá ótimo.

**Pesquisadora:** Vocês se veem sempre?

**Araucária:** Hã (Parece não entender ou ouvir a pergunta)

[Repto a pergunta]

**Pesquisadora:** Vocês se veem sempre?

**Araucária:** Nóis se vê.

**Pesquisadora:** Se fala sempre...no celular, essas coisas? Celular ajuda, né?

**Araucária:** Sempre, todo dia...todo dia fala com ela, cum genro. Meu genro trabáia na...na Princesa dos Campos, motorista de ônibus...de turismo

**Pesquisadora:** O celular ajuda bastante, né?

**Araucária:** Ajuda!! Ajuda...mata a saudade, né. Aí você vê a cara! [riso]

**Pesquisadora:** O que o senhor gostou de viver, seu Natalino?

**Araucária:** O que eu gostei de vê?

**Pesquisadora:** De viver? Do que o senhor gosta da vida?

**Araucária:** Ah. Eu acho a vida muito bela, né. Deus deu...maravilhoso, né. E, a gente pode vê tudo, a gente tendo a visão, se vê muita coisa bonita, né. É, maravilha!

**Pesquisadora:** De tudo que o senhor já viveu, o que o senhor queria viver de novo?

**Araucária:** Que eu queria viver de novo? Queria vortá a infância...hehehe... [gargalhando] ser mais novo

**Pesquisadora:** Bobo o senhor não é não, né!?

**Araucária:** Pra viver mais um pouco... [segue gargalhando]

**Pesquisadora:** O senhor vai viver muito ainda, senhor [responde: Se Deus quiser... Deus que abençoe sua palavra...]. O senhor já tinha ficado internado antes?

**Araucária:** Assim, não...

**Pesquisadora:** Não. Tanto tempo..., mas já tinha feito...

**Araucária:** Não. Eu fiquei um dia lá na...uns ...acho 06 (seis) dias [estoro]

**Pesquisadora:** Verdade, o senhor falou do esôfago, né. é!

**Araucária:** Estoro a úlça

**Pesquisadora:** Mas é a primeira vez que o senhor fica...já tem quantos dias que o senhor tá com a gente?

**Araucária:** 20 (vinte) dia...20 dias, hoje! Entremo dia 20 (vinte). Hoje é 10 (dez)

**Pesquisadora:** Assusta o senhor ficar internado? Como o senhor se sente?

**Araucária:** Ahhh, assusta! Né. Tem hora que eu penso que eu não vou sair vivo, né? [rindo]

**Pesquisadora:** Mas, o que leva o senhor a pensar nisso?

**Araucária:** Eu tenho medo do coração, eles fala que ta batendo meio baixo...e, é um negócio muito sério... né

**Pesquisadora:** Hum... E de o senhor não tá com a roupa do senhor? De não tá com a roupa que o senhor usa habitualmente, assim?

**Araucária:** Hã, é faz falta também.

**Pesquisadora:** Do senhor... tá com a roupa do hospital? Isso mexe com o senhor? Ou não?

**Araucária:** Não! isso...sobe isso não! Confortável, né. É

**Pesquisadora:** Dormir fora de casa? Da comida da esposa? Essas coisas...?

**Araucária:** Saudade de casa!

**Pesquisadora:** Da comida da esposa? Essas coisas...?

**Araucária:** Eu tenho saudade de uma caminha que eu tenho lá na sala, tenho uma televisão, aí eu assisto o jogo, o que tá fazendo falta é o futebol que eu gosto de assistir.

**Pesquisadora:** Bastante. Que time o senhor torce?

**Araucária:** Sou Framenguista.

**Pesquisadora:** A comida, agrada o senhor?

**Araucária:** A comida tá boa. Ô maravilhosa...nossa!

**Pesquisadora:** O senhor tá conseguindo dormir bem? Senhor dorme bem em casa?

**Araucária:** Durmo...lá eu também durmo. É durmia ...quer dizer...não é muito bem porque eu tinha probrema...esse negócio aqui deixava a gente doído tampava a na [...] é a narina que fala, né?! Tampava e não deixava a gente [...] diz a mulhê disse que eu roncava demais, eu acredito que eu roncava mesmo...porque, entupia, né.

**Pesquisadora:** Tem dificuldade pra dormir?

**Araucária:** É. Tinha! Mas... Deus quiser vai acabar tudo isso aí, né...

**Pesquisadora:** É, daqui a pouco já tá no fim. Daí o senhor volta pra casa, pras atividades do senhor...

**Araucária:** Deus ajuda...né

**Pesquisadora:** O patrão do senhor sabe que o senhor tá internado?

**Araucária:** Sabe! Ele dá tudo...tudo o apoio. Tem tudo gravado ali que eles quê que eu vorti pra trabalhá

**Pesquisadora:** Isso deixa o senhor mais tranquilo, sabendo que o senhor vai se trata e voltar?

**Araucária:** Vai começar...o [inaudível] da coleita, coleita até que não ocupa tanto eu, lá. Quer dizer ocupa! Porque tem serviço a máquina não pára, né. Mas, agora em agosto...setembro é forte do serviço, lá! E, precisa de mim! Se não, vai ter que arruma outro.

**Pesquisadora:** E, o senhor quer tá lá!!

**Araucária:** Eu quero tá lá! Se Deus quiser...

**Pesquisadora:** Se Deus quiser...

**Araucária:** Se Deus quiser...nós para no alojamento bem arrumadinho, lá... eu paro num quarto sozinho...um quarto desse tamanho aqui [demonstrando com as mãos] tem uma televisão no meu quarto

**Pesquisadora:** Tem muito funcionário da mesma faixa etária que do senhor, da mesma idade? Tem bastante gente?

**Araucária:** Mas vê lá só tem uns 03 (três). Tem um senhor que cuida da balança, do secador, é... o M. que é o gerente! E, o dono que é bem véio também (rs) é. Mas, o pov... é...eu nunca vi um rico tão popular daquela gente, ele faz questã de fazer festa, cabou a colhetá, faz a festa, pros empregados cumé, a família, famílias, sabe? Ele tira foto no meio, a mulhê [inaudível] pega as crianças dos funcionários ...

**Pesquisadora:** E, o senhor se sente bem “tando” do no meio assim...da rapaziada?

**Araucária:** Ahh, eu me sentia é meio... eu ficava assim meio constrangido, por causa do nariz, né. Nestas festas eu ficava meio...né, mas eu tenho foto no meio do povão, lá

**Pesquisadora:** É. Mas eu digo assim... é pôr o senhor ter mais idade, ser mais maduro, né. O senhor se sentia feliz por estar no meio deles?

**Araucária:** Não. Do mesmo jeito! Lá ninguém liga pra nada não!!

**Pesquisadora:** Não? O senhor acha que eles não veem a idade do senhor?!

**Araucária:** Ele não repara... não repara...lá não repara isso não. Não, é tudo é... eles falava famia vaca branca, é da família

**Pesquisadora:** Não?! Que bom que o senhor se sente assim...acolhido, né

**Araucária:** Não! Lá o homi é muito bão!

**Pesquisadora:** O senhor não vê isso? Não tem dificuldade de se relacionar

**Araucária:** Não [estranhando a boca] ...Lá ele trata todo mundo igual

**Pesquisadora:** O senhor se sente tratado igual?

**Araucária:** Mesmo jeito, tanto como ele como a esposa dele

**Pesquisadora:** E, entre os funcionários? também?

**Araucária:** Mesmo jeito, cada um nas suas função, mais... o respeito tá em primeiro lugar.

**Pesquisadora:** Que bom, que bom que o senhor é bem acolhido

**Araucária:** É muito bom lá, até os escriturário são tudo educado, cê chega no escritório precisa assim [imitando a voz] cê entra assim, Oh... seu Natal o que cê deseja? Precisa de alguma coisa? Nós podi ajudá? São muito educado! O povo... a fazenda que eu mais achei o povo mais educado, que eu trabaiei em três fazenda só! Até hoje, né... mas aquela lá ... 10 (dez)!

**Pesquisadora:** Tanto tempo, é por que o lugar é bom, né.

**Araucária:** É, eu tô indo para 06 (seis) anos ... nessa fazenda

**Pesquisadora:** 33 (trinta e três) anos em 01 (uma), 06 (seis) na outra, foi bastante tempo

**Araucária:** É. Lá eu trabalhei 08 (oito) lá no Paraná, né. Lá trabalhei 08 (oito) ano...num fiz acerto, num interessei atrás do acerto

**Pesquisadora:** Mas, era um direito do senhor

**Araucária:** Era um direito, só que eu...num...aquele tempo é ...é o tar do sindicato. Não é igual agora, cê vai na lei cê resolve. Aquele tempo num tinha negócio não! A lei era do rico, cê ia lá...o cara nem comparecia lá pra te pagar, fazia cê de bobo! Agora hoje é diferente! Hoje cê arruma um advogado...

**Pesquisadora:** Mais rigoroso, né?

**Araucária:** É. Hoje é mais certo! Hoje cê precisa de 01 (um) acerto, cê vai arruma um advogado põe na mão dele dá lá os 30% que ele pede, né. E, aí ele resolve... é só vai na audiência, cê vai pode trabalhá

**Pesquisadora:** Tranquilo, né

**Araucária:** Tranquilo, é assim...eu trab...ah... eu esqueci de falar pra senhora...eu trabalhei 08 (oito) ano na usina

**Pesquisadora:** É? também?

**Araucária:** 09 (nove) ano!

**Pesquisadora:** O senhor não ficou parado na vida? Né (rs)

**Araucária:** Não! Eu saí da fazenda entrei na usina, trabalhei 09 (nove) ano, dessa usina era do Nelson Landel...faliu, aí eu entrei na vaca branca [riso]

**Pesquisadora:** O senhor quando tirava férias fazia o quê?

**Araucária:** Férias?

**Pesquisadora:** Viajava?

**Araucária:** Eu ia passeava... primeiro passeava

**Pesquisadora:** Viajou bastante com a esposa?

**Araucária:** Aah...nóis ia pra Cascavel, ia pra todo lado

**Pesquisadora:** Hâ. Ela é bem companheira?

**Araucária:** É. A esposa é boa!

**Pesquisadora:** Hâ. Por que esposa boa é a que tem que ser companheira, né?

**Araucária:** Companheira... tu vê ela ficou aí comigo dormindo ali na cadeira ali...cê eu não peço pra ela num ia...não queria i...falei minha velha vamo...vai lá, que lá tá precisando agora, né. Eu me viro aqui, nóis se vira agora, do meio pro fim... né o tratamento. Ela tava com medo que eu.... não! E, cê você não guenta? Vai medicando até que dá certo, né

**Pesquisadora:** O senhor tá satisfeito com o hospital aqui?

**Araucária:** Bão, muito bão, na hora que for sair vô ponhá um 10 (dez) [rindo alto].

**Pesquisadora:** É(riso). Vai dar um 10 (dez) pra gente? A gente agradece. É. Que bom que o senhor se sente assim...

**Araucária:** Tem...tem ...tem a folhinha que deram lá pra nós, vê...fala como é, que é o procedimento, o acolhimento tem que dar 10 (dez), todo setor!

**Pesquisadora:** Mas se for necessário dá um 0 (zero), também dê, também dê! Que o senhor ajuda a gente progredir.

**Araucária:** É. Eu não tenho pra onde me queixar, né. Todos os enfermeiro muito bons

**Pesquisadora:** Mas eu digo assim... que a... as vezes a queixa, o apontamento ele não é ruim pra gente não! Viu Seu N.! Por que ajuda a gente melhora, ajuda a gente a se adequar, às vezes pensa...a gente .... pensa...que tá acertando...e, a gente não tá acertado, e aí a gente melhora! O senhor que ajuda a gente a melhorar

**Araucária:** E, bão que, saber o erro! Né. Tem um errinho, descobre um errinho, né. Mas é assim mesmo, que nem o cara percura numa empresa o senhor trabalha há tantos anos, o que quê falta pra miorá nessa empresa? Às vezes, o cara fica com vergonha de falar, né?

**Pesquisadora:** Então. Aí gente fica pensando que tá tudo bom

**Araucária:** Ah, precisa disso, precisa daquilo, né. Eu se pedi a opinião ...se eu tiver...se eu ver que precisa... eu falo, precisa disso daquilo e tal, pra miora, né!

**Pesquisadora:** Seu N. eu agradeço muito, muito, muito, muito...pelas palavras do senhor, eu aprendi muito, muito, ouvindo o senhor

**Araucária:** A vida é essa (Heheh)

**Pesquisadora:** Eu lamento pelas...pela perda...

**Araucária:** Eu também tô aprendendo

**Pesquisadora:** É? Eu lamento muito pela perda dos filhos do senhor, é...eu lamento muito pela perda dos filhos do senhor, eu lamento a gente ter que tocar nesse assunto, não sei quanto...que isso é.... sensibiliza o senhor

**Araucária:** Se eu falar pá senhora que era pra ta com 45 (quarenta e cinco) ano... hoje! A minha filha tem 46 (quarenta e seis) ...47 (quarenta e sete) eles é um ano e pouquinho de diferença.... era! Era Craudinei e Sidnei eu alembrei...era...é era

**Pesquisadora:** É...eu lamento muito que o senhor tenha passado por isso! Né. Mas aí vieram os netos? Também né.

**Araucária:** Aí veio o neto...E outra eu não falei: Nós perdeu neto, 01 (um) neto... se acidentou de moto

**Pesquisadora:** Já mocinho? Já?

**Araucária:** É...Cum 23 (vinte e três) anos, tinha. Ele começou trabalha 05 (cinco) horas, né. Ele trabaiava na parte de construção e aí ele foi trabalhá ali pro lado de...de Bonito... ele falava... vô tem uma cidade lá que chama Bonito mais é bonita, mesmo... [imitando a voz do

neto...e não sei o quê] ... eu não conheço! E, aí... ele...ele foi fazer a carteira de motorista dele que tava atrasado, né. Foi lá... i, voltando de noite, se perdeu a curva lá com a moto, bateu assim... na galeria que sai a água ele voou... quase 30 (trinta) metro, vinha correndo muito...quebrou o peito e quebrou o pescoço, foram acha ele tinha 02 (dois) dias...quando acharam coitado [voz baixa] fico até cum dó. Aí dexou 02 (dois) muleque, 02 (dois) mulequim...tem...o Pedro tá desce tamaím [demonstrando com a mão], mas é a cara dele, cê olha assim, é a cara dele! E, o outro puxo do outro vô, lá...meio buguinho, assim...são uns muleque bunito [rindo] danado, muiito bunito!

**Pesquisadora:** Parece que a família do senhor só tem gente bonita? [brincando com ele]

**Araucária:** É!! Minha filha era muito bonita, né... porque ela puxô [não completou a frase]

**Pesquisadora:** Tem beleza...a beleza são os olhos da gente...né, a gente olha com beleza nas coisas...

**Araucária:** E a pele né, a pele também...a pele manda muito, né. Cuidado também. E, oia que eu...eu... andava muito pro mato, eu fui um cara ...qu.. que não cuidava com minha saúde não! Eu ficava pescado, na beira de rio, nossa! Eu posei muitas noites, dentro de barco, pior loucura que um homi faz, ...qualquer homi... mulhé que fô fazê um negócio desse, fica...dentr...madrugada de barco... atrás de peixe, oia que loucura!

**Pesquisadora:** O senhor acha que é loucura?

**Araucária:** Eu acho!

**Pesquisadora:** Perigoso, não!

**Araucária:** Perigoso, agora cê imagina: um rio pequeno, qui nem nós andava lá, só alumiado no cilibrim, aquela serraçãozinha assim... cê bate um pau naquele barco ali, cê vai caí...cê...dentro daquela água... de noite cê vai sabe o que tem lá ...te esperando, não eu achava...depois que eu vi que era loucura... daí eu parei de andar...falei não...num vô mais não! [silêncio pensativo] doidura!

**Pesquisadora:** É...isso aí é sabedoria, o senhor vai ganhando a sabedoria com o tempo, né

**Araucária:** É. Sabedoria! O cara num pensa, qui nem esses problema que eu tenho! Isso aí e de infância, jo...juventude! Não cuida da saúde. Se eu morasse na cidade eu num tinha isso! Né? Esses problema num tinha...

**Pesquisadora:** O senhor acha que isso foi do senhor morar mais na...na área rural? Foi isso?

**Araucária:** É. ô...isso aqui... é poeira...causo... de poeira, de nalar poeira! Veneno! Passar veneno...e...trabalhá com máquina agrícola aí perdido pro mato aí... passá frio, tá louco! Tudo isso é muito antigo

**Pesquisadora:** Daí, o senhor passou por tudo isso muito tempo?

**Araucária:** Tudo isso! Muito tempo...uma vez eu saí...não sei se...se a senhora lembra que teve uma geada preta, acho que foi em 90 (noventa), já? Anos 90 (noventa)! Uma geada, qu...naquele tempo geava demais. Daí o patrão falô: Natal, eu quero que você saí 05 (cinco)

horas da manhã! Cê vai lá perto de Iguatemi cum a máquina, e, a máquina num tinha cabina, só a capotinha! Uma pá nova...

**Pesquisadora:** O sereno batia tudo no rosto.

**Araucária:** É! Peguei visti... achei duas meias, a bota, meião...e gazaiei bem, visti dois moletom...brusa ponhei pra vale... a toca, cê acredita que eu fui até uma certa artura, tive que parar, aí eu carregava uma estopa assi...enfiei no tanque, de óleo diesel, nem o fogo queria acender aquela estopa. Tão frio que tava [abraça o próprio corpo como se estivesse com o frio mesmo], aí esquentei, esquentei esperei, daquele dia.... eu peguei a sinusite que eu tenho hoje, o nariz escorria sem querer assim ... gelo, nossa mãe! É a vida! Não é vida! Né!

**Pesquisadora:** Mas agora o senhor da se cuidando, né?

**Araucária:** Agora tem que se cuidar! Agora vou poupa mais a minha saúde...

**Pesquisadora:** Eu agradeço muito as palavras do senhor, eu vou encerrar, aqui.

## **TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA N° 03**

Entrevistado(a): Cedro Rosa

Data: 13/07/2023 às 14:03

Duração: 2'15"25

Local: Hospital Universitário da Grande Dourados – UFGD

Deixar aqui mais próximo da senhora. Já tá gravando.

A pergunta. É, o que a senhora tem como entendimento? Não? Existe uma resposta certa? Não existe uma resposta errada. Eu só quero saber o que a senhora entende por aquilo que eu vou perguntar pra senhora

**Pesquisadora:** É. Como eu disse para a senhora, é a respeito do envelhecimento e qualidade de vida. Daí eu queria que a senhora descrevesse para mim. O que a senhora entende como Qualidade de vida?

**Cedro Rosa:** O que é a qualidade de vida?

**Pesquisadora:** Isso no seu entendimento. O que a senhora entende por Qualidade de vida?

**Cedro Rosa:** Qualidade de vida é... ter saúde na velhice, ter condições de... viver bem, trabalha, fazer seus afazeres, como eu! Domésticos. E... viver bem...andar...bem [voz embarca muito rapidamente]. Esse é minha qualidade de vida

**Pesquisadora:** A senhora acha que tem qualidade de vida?

**Cedro Rosa:** Não!

**Pesquisadora:** Por que?

**Cedro Rosa:** Porque... eu num consigo andar, eu tenho artrose, a úlcera na perna, né. É, sempre me pedia pra fazer repouso...repouso, então eu nunca fui uma mulher de fazer caminhada, de fazer uma é...ginástica...nada! Nada! Porque eu nunca pudia. Então...é sempre eu fui obesa, mas depois eu virei mórbida, há 40 (quarenta) anos atrás e... daí eu venho até hoje, então eu não tenho nenhuma qualidade de vida, eu tenho muita dor nas...nas articulações, né. Então nem consigo hoje fazer essa caminhada, mesmo que eu queira, dentro da minha... casa eu ando! Porquê... é um espaço menor, e eu sento a todo minuto que eu preciso sentar eu tenho um lugar para mim senta, né!

**Pesquisadora:** A senhora foi uma criança obesa?

[parece que não escutou a primeira vez que foi perguntada]. Repito a pergunta.

**Pesquisadora:** A senhora já foi uma criança obesa ou ficou obesa? Ou a senhora ficou obesa?

**Cedro Rosa:** Fui uma criança, uma adolescente “obeso”, uma moça obesa e... uma idosa obesa [sorriu constrangida]

**Pesquisadora:** Os pais da senhora também eram obesos?

**Cedro Rosa:** Também! É, quase toda a minha família é obesa! Né

**Pesquisadora:** Tem problemas de saúde...

**Cedro Rosa:** Todos com problemas de saúde, é meu pai diabético e tudo...e um monte de problemas. É... apesar que eu não fui criada aqui, em Dourados, né. Eu fui criada em São Paulo, né... longe de todos e de tudo...né

**Pesquisadora:** Quando a senhora diz que não fazia ...os é... os exam...os exercícios era já... nessa condição? Ou porque não se sentia estimulada a fazer atividade física?

**Cedro Rosa:** Não. Lá...por que eu não conseguia, não podia!

**Pesquisadora:** Lá aonde a senhora diz?

**Cedro Rosa:** Em São Paulo! Porque eu num tinha...é ... lugar...eu ninguém pra me ajudá, eu tinha que trabalhá, né, na época... eu morava no trabalho, que dizer morava no emprego de... de doméstica.

**Pesquisadora:** A senhora morava na cidade ou na zona rural?

**Cedro Rosa:** Não! Na cidad... na capital, na capital! Porque eu fui lá prá tratá das pernas, da úlcera...das úlceras, né. Então eu morava assim do lado da Santa Casa, ali no Lar Santa Cecília, sabe? Largo do Arouche, era os lugares assim que eu morava...era próximo...

**Pesquisadora:** Hum, a senhora tem das úlceras nas pernas desde quando?

**Cedro Rosa:** Desde 07 (sete) anos de idade.

**Pesquisadora:** Nossa! [sussurro].

**Cedro Rosa:** Que eu venho sofrendo com isso...nê. Até hoje

**Pesquisadora:** Então... é uma longa jornada que a senhora tem passado...

**Cedro Rosa:** [...] é uma vida! Uma vida, então eu não tive nenhuma qualidade de vida por conta...disso, dessa enfermidade...

**Pesquisadora:** O que a senhora entende por envelhecer bem?

**Cedro Rosa:** Envelhecer bem...é aquele idoso que... tem aquela atividade física, tem a sua alimentação correta...tem sua alimentação correta, que hoje, é quase dif...impossível e difícil também, né. Porque? Uma. Porque as condições da gente não ajuda, tipo financeiro. Você tem que jogar pra cima e escolhe se você come ou compra remédio. Por que a medicação não existe! E a....as farmacinhas públicas não tem toda a medicação e, geralmente as mais caras piorou né?! Você tem que compra! E, é eu e meu esposo!

**Pesquisadora:** A senhora não teve filhos?

**Cedro Rosa:** Tive 03 (três) filhos...tenho 03(três) filhos!

**Pesquisadora:** Tem 03 (três) filhos...eles são daqui de Dourados? Moram aqui na cidade?

**Cedro Rosa:** Todos aqui, mas nasceram todos na capital também, né. Eu fui daqui cum 16 (dezesseis) anos...15 (quinze) anos mais ou menos eu fui prá São Paulo, né. E lá eu voltei em 2000 (dois mil) ...cum...casada!

**Pesquisadora:** A senhora disse que casou já... com uma certa idade. Quarenta anos.

**Cedro Rosa:** Casei com 40 (quarenta) anos! Lá em São Paulo

**Pesquisadora:** Foi uma escolha de vida, casar tarde?

**Cedro Rosa:** Não! Não. É porque ninguém queria casar comigo mesmo! Não.

**Pesquisadora:** A senhora encontrou pessoas que não tinham bom gosto, então? [Tentativa de elogiá-la]

**Cedro Rosa:** Achava que num ia...achava que eu não ia casar mas...achava que eu num ia casar, mais, né mas casei!!

**Pesquisadora:** Sério? Era importante pra senhora casar?

**Cedro Rosa:** Era?

**Pesquisadora:** Era!

**Cedro Rosa:** Porque eu era muito sozinha, eu me sentia muito sozinha, muita solidão, morava sozinha, né. E, mesmo que você tenha assim...vários muito amigos, você não tem ninguém assim... da sua família, você sente sozinha! Por que é...no fritar dos ovos... lá! Quando você for dei...for dormir, que você for pra sua casa, você vai sozinha, você está sozinha! Né. Então, por esse motivo. Eu podia sair cum amigos e tal... tal mas ele tinha que ir embora eu ia estar sozinha...então era muito difícil pra mim

**Pesquisadora:** A senhora sempre teve muitos amigos?

**Cedro Rosa:** Tive...tive. Mas é... aí eu bebia, né...eu caí na bebida, né quase caí na droga... mas graças a Deus ...

Pesquisadora: Chegou experimentar?

**Cedro Rosa:** Cheguei!

**Pesquisadora:** Qual droga?

**Cedro Rosa:** Maconha

**Pesquisadora:** Maconha e o álcool? Era cerveja? ou...que tipo de bebida? Drinks essas coisas?

**Cedro Rosa:** Não!! Bebida assim...vinho...vinho...é, é... pinga, mesmo...a própria pinga, né. pinga com a batidinha com limão, com...com...licores, né, que aquilo cê tomava, já subia e já esquentava, né. Bebi bastante...bebi MUIITO [enfatizou] né

Pesquisadora: Saía muito à noite?

**Cedro Rosa:** Chegô... na noite! Cheguei uma época... da minha vida... que... eu tava bebendo demais e tava, ia pra casa sozinha conversando cum os cachorros na rua, né

**Pesquisadora:** Alcoolizada...

**Cedro Rosa:** Alcoolizada! Aí, eu chegava em casa...uma vez eu amanheci com a porta aberta...né. Então, eu caí a conclusão assim, que eu tinha de para! Olhei no espelho, falei comigo mesma, olhei, falei: Não! Eu preciso para eu vô para! Eu sou uma mulher bonita, eu vou trabalhar, e não vou mais beber! Cabô. A bebida aqui, hoje! Não bebo mais!

**Pesquisadora:** Conseguir fazer isso?!

**Cedro Rosa:** Aí, não bebi mais!

**Pesquisadora:** As drogas entraram por amigos? Como que foi?

**Cedro Rosa:** Foi! Por amigos...em rodas de amigos [...]

**Pesquisadora:** [...] curiosidade...

**Cedro Rosa:** [...] em rodas de amigos... por curiosidade, mas aí foi prova e cabô, também né...graças a Deus não peguei vício nenhum, né, tipo de droga! Mas, tudo é droga, né. Hâ... a bebida é uma droga. É...é o cigarro é uma droga, né. O cigarro eu fumei por muito tempo[...]

**Pesquisadora:** E, no caso, que a senhora me fala que sempre... foi uma criança gorda...e, depois veio a obesidade, a obesidade mórbida. A senhora também usava a comida como um recurso por tá solitária?

**Cedro Rosa:** Não...não...não [soou como dúvida]. Eu parei de estudar por causa da obe...por causa da obesidade e da úlcera, né. Eu parei de estudar por isso!

**Pesquisadora 03:** E, não frequentava a escola por causa de dor?

**Cedro Rosa:** Por causa da...da, por que eu era criança quando começo. Então...as criança... criança é criança. Quando um fala, os outro tudo falam! né. Então, eles...eles [hoje chama *bullying*], né. Antigamente, dava risada todo mundo e ficava por isso memo, né. E, aí eles riam muito de mim, porque eu era gorda, eles falava que eu era a jamanta do pneu furado, aí estourou a outra perna, aí pronto! Estourou os 02 (dois) pneu da jamanta. Aquilo pra mim era uma morte [rosto avermelhou de raiva] até hoje essa palavra me faz mal. Até hoje! Quer dizer hoje eu tenho 67 (sessenta e sete) anos e eu fu...fui criança... na época, e até hoje ... a palav... eu não aceito essa palavra! (expressão de raiva)

**Pesquisadora:** Nem um adulto acolheu a senhora? A senhora não se sentia acolhida?

**Cedro Rosa:** Não!

**Pesquisadora:** O pai e mãe da senhora sabiam disso?

**Cedro Rosa:** Não. Minha mãe...eu não tinha mãe, assim...para me acolher, porque minha mãe me abandonou quando eu tinha 04 (quatro) anos, né, então eu não tinha mãe! Então, meu pai era um homem muito duro, muito rígido, muito bravo, né. E eu tinha... madrasta e não é a mesma coisa! Ela era uma pessoa maravilhosa, mas num é a mesma coisa! Eu só vim reconhecer que ela era uma pessoa boa depois que eu amadureci, depois que eu tive meus filhos, depois de muiiito tempo, ela morou comigo em São Paulo, ela foi daqui de Dourados, morou comigo, cuidou dos meus filhos é a avó que os meus filhos conheceram! Mãe eles não conheciam, né. Porque minha mãe abandonou a gente[...]

**Pesquisadora:** Quantos irmãos D. Maria?

**Cedro Rosa:** 02 (dois)...eu e meu irmão. Eu...nós, deixou nós dormindo em casa, e avisou pra minha tia i busca nós, que nós, ela tava indo embora, porque meu pai judiava muito dela, bateu muito nela... ela não aguentou mais...

**Pesquisadora:** A senhora chegou a ver algum episódio?

**Cedro Rosa:** Nunca...num lembro também...não, não, não lembro! Não lembro. E, aí minha tia foi buscar nois, a irmã do meu pai, foi buscar a gente e ajudou, meu pai a criar. Cada um ajudava um pouco, né, foi igual... andorinha, um ficava aqui um pouquinho, um..um batia; aí meu pai vinha a gente contava! Pai, fulano me bateu! Ah. Pegava levava pra outra casa. Chegava lá, ficava um pouco...ah pai...fulano. E assim... assim, nós fomos[...]

**Pesquisadora:** Mas sofreu violência verbal e física por essas pessoas?

**Cedro Rosa:** MUITO, MUITO, MUITO por todos!! Né. Porque um era...aí você não quer fazer isso[...] nós...eu e meu irmão só falávamos assim: Um dia nós vamos sumir no mundo meu irmão, nós vamos sumir no mundo maninha, ela falava pra mim. Aí a gente chorava junto, a gente...um dia nós fugimos mesmo, criança, né. Aí, eu não lembro hoje a onde que era! Que lugar que era... eu sei que tinha bastante eucalipto, umas árvores bem grandona, né. Aí a gente fugiu os dois, pegou na mão do outro e fomos embora! Aí... acharam a gente, acharam a gente, claro que acharam, porque num sei hoje...não sei pra onde que era porque a gente morava lá Ponta Porã... ali...é, tem aquela...eu sei que a terra da minha vó fazia divisa com uma fazenda da Geni Milan, né. E, é, esquina, passa como chama a Ponta Porã e aqui tem a Balbino de Matos que desce pra Unigram, hoje eu sei disso, mas antigamente não! Não sabia de nada! Então [...] a gente morava ali...era aquela imensidão [...]

Pesquisadora: Só só o terrão...né

**Cedro Rosa:** Só o terreno da minha vó, era muito grande! Então, não sei acho que a gente entro memô nu mato dali perto de casa, né. Aí... eles acharam a gente e, ...deram...bateu muito...meu pai bateu muito na gente, sabe? A gente entrava debaixo da cama, ele tirava a gente, né, chutava, batia, espancava na verdade, né. Então, até hoje eu tenho assim, eu sou...eu bexiga solta, por que quando eu via ele, eu já fazia xixi, cum medo, medo, medo! [choro]

**Pesquisadora:** Eu lamento muito que a senhora tenha passado por isso!

**Cedro Rosa:** Medo... Sabe!. Eu já fazia xixi na roupa, assim!

**Pesquisadora:** De pavor!

**Cedro Rosa:** De pavor, d'ele!

**Pesquisadora:** Nenhum adulto acolhia vocês?

**Cedro Rosa:** Não! Porque quem morava lá, era minha avó! Já idosa, que não aguentava nada! E, a mulher dele que era a minha mãe de criação, né.

**Pesquisadora:** Ela teve outros filhos com?

**Cedro Rosa:** Teve 05 (cinco)...

**Pesquisadora:** Então, ficaram 07 (sete) crianças

**Cedro Rosa:** São.

**Pesquisadora:** 07 (sete) crianças!

**Cedro Rosa:** Eu e meu irmão, é.

**Pesquisadora:** E como a senhora se sentia quando ele batia assim na senhora, assim?

**Cedro Rosa:** Ah. Vontade de ir embora, prá onde ninguém sabe, mais era sumir no mundo! Essa é a palavra certa. Eu e meu irmão falava: Um dia a gente vai sumi no mundo! ...vai acabar esse sofrimento[...]

**Pesquisadora:** E, como foi a adolescência da senhora?

**Cedro Rosa:** (silêncio) na época nem existia esse nome, né! Então, foi ruim...foi mal...assim...aí as feridas, essas úlceras eu peguei lá pra baixo pro lado da Calarge pro lado da Unigram lá pra baxão! Que a gente como criança nós éramos obrigado a manter a casa com lenha, então a gente ia buscar lenha no mato, a gente embrenhar naqueles matos pra buscar lenha, então eu sempre fui muito branquinha, né. E, aí, eu entrava no mato, e aí um dia eu vim de lá com a perna coçando, coçando muito, aí quando eu cheguei em casa tinha uma bolha! Uma bolha com um pingo preto no meio, aí... eu sentei no batente da porta e arranquei aquela pele, furei... com espinho e arranquei...assim aqui...essa aqui [mostrando a úlcera ainda na pele] ... ranquei assim, aí, aqui, saiu aquela água quente, escorreu! Aí, quando foi mais tarde, aquilo tava tudo sujo de pó, terra, aí mais tarde...ela tava tudo cheio de pus, aí eu fiz a mesma coisa! Eu peguei aquela pele de novo e puxei... puxei...aí já tava assim...um buraco embaixo [...]

**Pesquisadora:** Foi arrancando... [daí nunca mais fechou]?

**Cedro Rosa:** Aí, demorou muito pra fechar. Aí, dali, com a minha mão, com a minha unha, eu espalhei...eu acho que era um veneno! Que nunca ninguém falou nada. Aí, eu cocei, cocei, cocei, cocei, aí estorou tudo! Do joelho pra baixo, nas duas pernas... eu sofri a minha vida inteira com isso! A minha vida inteira eu sofri com isso...

Pesquisadora: Daí a senhora era responsável por todo serviço da casa? Tudo isso... era a senhora que fazia?

**Cedro Rosa:** Era responsável pela lenha...pela lenha.

**Pesquisadora:** E, as outras crianças também?

**Cedro Rosa:** Não! Os mais velhos... Eu sou a mais velha de casa! Então era que era responsável...

Pesquisadora: Por esses cinco filhos também? A senhora ajudou?

**Cedro Rosa:** Ajudei também... que eu tinha que dá banho...que eu tinha que esquentar a água, e, dá banho também neles, né. Ajudá... dá banho nas crianças, também! Eu sempre tive que ajuda em tudo, lava as panelas, lava as louça, né, varrer casa assim...tudo! Eu era responsável...

Pesquisadora: Daí quando a senhora foi pra São Paulo...? A senhora foi com quantos anos?

**Cedro Rosa:** Ah...eu fui mais ou menos...com uns ...não lembro! Não lembro...não...uns 15 (quinze)...eu fui e voltei...né

**Pesquisadora:** A senhora foi pra fazer este tratamento?

**Cedro Rosa:** Foi...

**Pesquisadora:** Especificamente pra fazer o tratamento?

**Cedro Rosa:** Foi...pra fazer o tratamento das perna. Por que aqui em Dourados meu pai já tinha recorrido tudo...tudo, meu pai já tinha... me levado é...era...não era o evangélico...não era...era o evangélico? Não!? Tinha um posto, tinha um posto de saúde, né, que fazia o tratamento, né. Aí me levo fez tudo os exames, porque achava que era ferida brava! Antigamente tinha muito ferida brava. Mas, fizeram o teste, rasparam ali de dentro, mas, num era!

Pesquisadora: Daí recomendou que a senhora fosse pra São Paulo?

**Cedro Rosa:** Não! Ninguém recomendou!

**Pesquisadora:** Foi ideia dele!

**Cedro Rosa:** Ideia dele mesmo! Porque aí tinha os curadores, benzedor e cada um falava uma coisa e ensinava cada remédio...sabe, macabro! E, uma vez, ensinaram a pô pólvora com limão, fazer um mingau de pólvora com limão e pôr na ferida, eu fiquei que nem... um animal selvagem! Eu urrava de dor! Eu me jogava no chão... arrancava os cabelos e saía correndo! Correndo, entrava dentro do mato e...corria, corria, ninguém me pegava! De dor [...]

**Pesquisadora:** Pra não passar por isso!

**Cedro Rosa:** [...] a dor era muito forte! Certo! Me levava em...em macumba, em centro de...de coisa...de magia, né, e, ali eles punha remédio muito, muito, muito... muito que doía demais, sabe! E aí eu me sujeitava a tudo, eu queria ficar bem! Porque aquilo pra mim... era hum...não dá nem pra te explica! Eu tinha vergonha das minhas pernas, sabe! Tinha vergonha, porque antigamente nem enfaixava a perna, não tinha faixa, ataduras pra ficar bonit... sequinho...bonito não! Sequinho...assim...limpo, né!

Pesquisadora: Tinha mau cheiro?

**Cedro Rosa:** [...] como eu era criança [...] tinha! Como eu era criança, então eu, né. Eles falava prá mim cuidar, prá mim cuidar! E, eu não tinha aquela responsabilidade de cuidar de mim!

**Pesquisadora:** Nem os recursos, né!

**Cedro Rosa:** De nada! Então, cozinhava aquelas raízes pra mim lavar, até aí eu lavava, sabe. Mas, tinha galinha, galinha...eu tava descuidada a galinha vinha dava bicada assim, sabe! Pintinho, nossa! Que dor, que dor! E o sangue descia [face de dor] sabe? E, chegou a pegar bicho de mosca, chegou pegar outro tipo de larva...chegou pegá...eu não dormia a noite inteira, eu sentia que tava comendo a minha carne, [fala devagar como se estivesse sentindo], sabe. Aí no dia seguinte eu pedi pra minha mãe de criação.

**Pesquisadora:** Qual o nome dela?

**Cedro Rosa:** Olívia. Olívia! Falei: Olivia olha a minha perna pra mim...eu acho que eu peguei bicho, porque eu tava lavando roupa, e, tava muito calor aqui em Dourados. E, aí eu vi a mosca varejeira...passando, eu batia com a mão, ela ia e voltava, batia. E, eu não vi a hora que ela pousou sobre aquele paninho que tava amarrado! Mas, o paninho era coisa mínima, ela pôs ali e ele vazou do paninho, eu ranquei o paninho na hora que eu vi o óvulo, aquela...o óvulo na...na... no pano, eu tirei aquele paninho, joguei fora! né. Mais ela já tinha...já tinha penetrado, já, pelos buraquinhos do tecido, já tinha entrado o bichinho e eu passei a noite inteira

sem dormir...em claro, né. Aí no dia seguinte, ela fez uma água de creolina e pôs eu sentada com a perna assim...e foi limpando pra mim, sabe ...limpando...limpando, [ela demonstra o gesto com aparente carinho] ... tirou muito bicho! Quando meu pai viu. Que ele foi atrás de medicação, de um pó lá, mesmo, de matar bicheira, né. Pra pôr! Ela já tinha tirado tudo os bichos, ela tirou, era mínimo. Mas já tava comendo, já tinha os caminho deles, sabe! Já tava tudo assim o caminho.... deles comendo... minha carne.

**Pesquisadora:** Essa fase de ser criança até a fase adulta a senhora sofreu bastante?

**Cedro Rosa:** Sofri...sofri

**Pesquisadora:** E, não namorava? Não tinha essa possibilidade?

**Cedro Rosa:** Não! Não...não tinha assim...não tinha nem...nem, aí meu pai me deu prum casal, que esse casal fazia magia, magia negra, baixava espírito lá...sei lá. Com esse casal eu sofri MUITO [suspiro] SOFRI MUIIIITO que tem coisas assim...que passou pela minha vida que eu não contei pra ninguém...assim [choro comovente] assim...

**Pesquisadora:** Se a senhora não quiser falar sobre isso não tem importância...eu respeito! E eu lamento muito!

**Cedro Rosa:** [...] que ele fazia comigo assim, sabe! ...mexia comigo, por que eu era assim...muito gordinha...bonita! Sabe! Branquinha...[choro]

**Pesquisadora:** Ainda, é!! Muito bonita!

**Cedro Rosa:** E... ele um negrão sabe, bem forte! Não por ele ser negro [eu gosto, da...eu gosto!] [inaudível]. Mas, pelo fato em si...do abuso, né. E... eu passei um tempo com eles que meu pai deu eu com meu registro, por que eles eram negros e eu era branquinha então não tinha como mentir que eu era filha deles! Aí...meu pai...eles falaram pro meu pai assim: Eu vou curar essa ferida da perda da tua filha, daí meu pai deu eu! Eu sofri demais, sabe! ...Eu era escrava daquela mulher. Eu tinha que dá conta de todo trabalho doméstico e ainda participar lá...do negócios deles...participava...[choro]

**Pesquisadora:** Rituais?

**Cedro Rosa:** Rituais... eu participá ainda, tinha que participa.

**Pesquisadora:** Mesmo não querendo

**Cedro Rosa:** Mesmo não! Por que não tinhá querê? Não tinha!

**Pesquisadora:** Quantos anos a senhora tinha?

**Cedro Rosa:** Ah! Eu era menina! Né...não lembro...não lembro quanta idade eu tinha...não lembro!

**Pesquisadora:** Tinha violência sexual também?

**Cedro Rosa:** Também... mas não chegou assim ...

**Pesquisadora:** Por parte dos dois...ou só dele?

**Cedro Rosa:** Só dele [...] é não chegou assim... a penetrar nada! Assim... né. Mas, eles fizeram coisa comigo, sabe! Fizeram... de me examinar... se eu era virgem ou não! Sabe! Então! Foi muita humilhação, sabe!

**Pesquisadora:** Eu lamento muito!

**Cedro Rosa:** Muita humilhação! Isso eu nunca contei pra ninguém [choro] nem pro meu marido... nem pro meu pai... [aí disseram...]

**Pesquisadora:** A senhora não se sentiu segura em contar pra eles? Pedi ajuda?

**Cedro Rosa:** Não! Num sei por que eu tinha medo! Muito, medo... por causa da violência do meu pai, mesmo. Quando meu pai arrependeu. Viu mais ou menos o que ele tinha feito, ele foi atrás de mim, mas não me achava! Por que ele mudavam de casa, de lugar, de cidade... eles mudava a noite!

**Pesquisadora:** Fugiam...

**Cedro Rosa:** Amanhecia em outro lugar! E, eu não conhecia nada! Que eu era criança...

**Pesquisadora:** Só tinha a senhora? Ou tinha outras crianças?

**Cedro Rosa:** Só tinha eu e eles dois! [ela chamava Maria e José...] a única coisa que eu lembro...não lembro o sobrenome...é aí... quando, meu pai se arrependeu e foi... deu foi...deu queixa na polícia, mas não era rapto...não era! Não era! ...aí nós mudamos pra uma cidade, hoje eu acho, parece era um lugar que o ônibus que ia pra São Paulo passava no meio da cidade, mas sei-lá, não sei que cidade de era...se era Porto Epitácio ...vicentina, não sei! Não sei, mas era próximo de Dourados, porque eles me largavam na casa e vinha em Dourados, fazer compras. Que eles tinha, a onde eles morava eles formava um... na época chamava bulicho, na frente... um bulichinho, um bulichinho na frente da casa! Pra vender pinga, vender mais algumas coisas...

**Pesquisadora:** Eu peguei a época do bolicho! Ainda...depois que veio à mercearia! Depois que foi crescendo um pouquinho mais!

**Cedro Rosa:** Isso!! Aí eles vendiam as coisas, eles vinha comprá em Dourados...sempr! Aí meu pai deu queixa na polícia e ...aí eles vieram em Dourados fazer compra, foi aonde eles foram presos, né. Foram presos e eles chamaram meu pai, e aí... eles ficaram presos uma noite e eu fiquei lá...sozinha neste lugar, né. Fiquei nessa casa sozinha, só que eu fiz amizade assim...mais ou menos com a dona da casa que morava no quintal que tinha umas meninas, que eu não tinha amizade, não podia ter coleguinhas, né. Mas, assim mesmo... eu fugia d'ela, assim... dava um escape, conversava com as meninas.

**Pesquisadora:** A senhora brincava?

**Cedro Rosa:** Não! Não!

**Pesquisadora:** A senhora nunca brincava... [a senhora nunca brincou ...como criança? ...essas coisas?]

**Cedro Rosa:** Não! Não! Não! Não! Não. Eu tinha que trabalhar, né...eu tinha que ariar as panelas, eu tinha que ariar o chão, né. Não!

**Pesquisadora:** A senhora teve boneca?

**Cedro Rosa:** Não? Nunca! Nunca! Então, é... eu falei pra ela: eu tô sozinha! Eu tenho medo de dormir nessa casa sozinha... essa casa parece que estrala tudo! Era criança também... [eu tinha medo!], aí ela falou: Não! Vem aqui dormi aqui no quarto das minhas meninas... comigo, com as minhas filhas! Aí era irmã do dono da casa, aí eu fui durmi, eu passei ir dormir lá cum as meninas dela, né. E, antes tive que fazer minha obrigação lá na... na casa onde eu morava, né, com a mulher e ali ela me deu umas tarefas, prá deixá pronto, tudo, deixei tudo pronto... eu me, me esforcei, limpei tudo, porque ela me batia muito, se eu não bat... se eu não fizesse. Ela batia só no meu rosto, ela tirava sangue do meu nariz e eu não podia mostrar pra ninguém, não pod... chorar, não pudia nada. EU NUNCA PUDI CHORAR! Sabe? Porque ela não deixava pra não fazer escândalo, pra não chamar atenção dessas pessoas [...] então eu tinha que sufocar[...]

**Pesquisadora:** Ninguém via a marca no rosto da senhora?

**Cedro Rosa:** Não! Não. Eu não saía pra fora [...] eu não tinha amigos! Eu não saia pra fora!

**Pesquisadora:** Nisso a senhora já não estudava mais?

**Cedro Rosa:** Não, eu só vivia... os 03 (três) ali [...] dentro de casa...

**Pesquisadora:** Nisso a senhora já... já não estudava mais?

**Cedro Rosa:** NUNCA MAIS! Não! Já tava fora da escola.

**Pesquisadora:** E, quem é que cuidava da senhora nas pernas, já que era a madrasta da senhora que cuidava antes?

**Cedro Rosa:** Eu mesma! [...]

**Pesquisadora:** Daquele mesmo jeito que ensinaram prá senhora?

Cedro Rosa: [...] Eu mesma! Eu mesma! Eles lavavam cum pinga... cachaça, né... que eles falam! Eles lavava na hora dos rituais, lá. Eles lavava... com... aquela... aquelas bebidas, lá, né. Então, invés de ficar bem... ela foi abrindo, é, quando meu pai me encontro eu tava assim [...] minha perna... (voz embargada) [...] a ferida tava podre, sabe? Ela criou uma casca... uma casca assim grossa... preta, e rachada assim... parecia aquelas.... quando tem aquela uma água... que seca um brejo. Ali, por baixo tava azul, tava tudo assim... tava tudo assim... podre por baixo! Cherava muito mal!

- Quando ele... seguiu ele, né! Na verdade! Meu pai mand... solta eles que eu vou seguir, né. E, antigamente, né? Se tinha amizade, ele tinha amizade com delegado, soltou! E, aí ele foi no mesmo ônibus, mas eles perceberam, né. E aí quando eles desceram... na frente de casa, eu tava esperando já ali, aí eles desceram, passaram por mim, olha vê o que você vai falar! Porque, seu pai tá aí [...] ele vai descer do ônibus agora, primeiro desceu eles... o casal! Aí, falei tudo bem. Pode ficar tranquilo! Eu não vou falar nada! E, realmente não falei nada! Né.

- Aí meu pai desceu. Aí falou: Filha eu vou te buscá e inventou uma história pra eles, falou: Eu vou levar el... a (cita o próprio nome) porque os irmãos dela tá com saudade d'ela, tão chorando! Então, só vô leva para matar a saudade e... vou trazer novamente, vou devolver ela pra vocês, mas foi mentira! Né. Foi o contrário, ele me trouxe me deixou aqui. Eu contei ALGUMAS

(eleva a voz) coisas pro meu pai, não todas as coisas! Porque eu conhecia ele! Né. Assim, mesmo, ele pegou um amigo dele...um jipe na época...era jipe...nê, um carro, e, aí se... armaram de revólveres, e foram atrás deles. Ele falou: Vou chegar lá e eu mato ele! O casal. E, chegou lá... só tava a casa[...]

**Pesquisadora:** Já tinha ido embora?

**Cedro Rosa:** [...] com todos os móveis, montados! Saíram com a mala cum roupas, fugiram...até onti! E, aí eu fiquei...mas também...fiquei...aí a minha...minha mãe de criação, fez uma..um remédio, aí ela ia molhando aquilo, sabe? Ela ia molhando...molhando até... solta aquela casca...

**Pesquisadora:** O que a senhora sentiu quando voltou pra casa?

**Cedro Rosa:** Ah...mais segurança! Mais segurança...

**Pesquisadora:** Ainda bem que a senhora conseguiu volta!

**Cedro Rosa:** Mais segurança! Porque? Meu pai batia, mas ele era meu pai! Sabe, como é? Né. Eu apanho, mas apanho do meu pai... eu não apanho de uma pessoa estranha! É, aqui eu tô com meu pai, com meus irmãos e minha avó...nê.

**Pesquisadora:** Tinha momentos que ele era amoroso com a senhora?

**Cedro Rosa:** Tinha! Tinha, tinha. Até enquanto... não tinha os outros filhos, ele era muuuuito amoroso! Muito...muito

**Pesquisadora:** É?

**Cedro Rosa:** Mas, depois que começou a nascer os outros filhos, ele...ele não soube dividir o amor. E...ele só queria assim...cobrar, só cobrança de nós! Como se ele pudesse cobra isso, né. Um adulto cobra alguma coisa de uma criança, né. E...até hoje. Meu irmão... ele tem problema, né. Até hoje ele tem problema, ele.... é um homem...é...ele não reconhece que tem problema! Mas, ele foi um homem muito agressivo, judiou muito dos filhos dele, muito, da esposa, muito, muito, bateu muito na esposa, foi prás drogas...meu irmão...então, ele era muito violento, com todo mundo [...] meu irmão...

**Pesquisadora:** Álcool também? Ou não? Álcool também?

**Cedro Rosa:** Meu irmão? Meu irmão sumiu também! Ele foi pra Alta Floresta [...]

**Pesquisadora:** Hum... mas, a senhora falou que ele foi pras drogas? Mas, ele também bebia?

**Cedro Rosa:** Não! Ele usava e... vendia [...] passavam pra ele vender ... ele vendia... sabe? Ele foi muito, muito, assim...um homem muito agressivo...

**Pesquisadora:** Sim. Vocês têm contato ainda?

**Cedro Rosa:** Tenho! Mas aí... ele sumiu! Ele sumiu. Eu sumi... que eu fui pra São Paulo e de lá... aí...eu... eu fiqu... meu pai deixou eu na casa duma família, que eu havia conhecido, porque eu passei um ano lá na casa de um primo...uma prima, mas como meu primo teve um acidente, ficou muito mal e não pudia mais trabalhar. A minha prima falou: Eu não dou conta de ficar com você!! Precisando de tratamento e... meu esposo, então você vai voltar pra tua

casa! Vai cui...o seu pai vai cuidar de você, e, eu vou ficar cum meu marido, vou cuidar d'ele! E, ela fez assim, mandou embora de volta.

- E, eu fiquei um ano com ela e voltei, aí voltei aqui, pioró...as pernas, dobrou a úlcera de tamanho, né. E, sofri mais aqui ainda, porque tava muita poeira, muito calor, né, na época. E... meu pai, falou assim pra mim: Filha! Você que volta pra São Paulo? Eu disse: Sim! Eu quero volta pra São Paulo! Eu quero volta...aí... eu falei assim: Eu arrumei uma amizade cuma família muito boa, lá, né! Pobre, mas boa... família boa. Aí, ele falou: Tudo bem! Então, eu vou lá, vou conhece e vou dexá você com eles! Quer dizer, eu acho [...] ele não tinha muita afetividade assim, com a gente! Sabe! Se fosse mãe...não dexaria, mãe não dexaria, se fosse a minha mãe...não dexaria!

**Pesquisadora:** Então, a mãe fez muita falta pra senhora?

**Cedro Rosa:** Fez... muita falta (sussurro) ...[choro] muita!! É... (pausa em silêncio). Até hoje tem um vazio...até hoje tem um vazio aqui dentro...falta de MÃE! Eu nunca chamei ninguém de mãe. Nunca tive braço de mãe. Eu nunca falei mãe: faz comida pra mim! Mãe! Eu quero aquela ropa... aquele vestido! Nunca! Nunca!

**Pesquisadora:** E, como a senhora se enxerga como mãe?

**Cedro Rosa:** Eu tentei fazê o máximo! Até hoje...[choro]

**Pesquisadora:** Dentro das condições que a senhora tem...

**Cedro Rosa:** Eu tentei fazê! Tudo, tudo pelos meus filhos, tudo. Eu guerrei muito pelos meus filhos... eu fiquei sozinha... em São Paulo, doente, mas sempre lutei por eles, sempre trabalhei, fui doméstica, sabe? Saía de casa com dor, nas minhas pernas, mas eu preciso ir trabalhá!

**Pesquisadora:** Com que idade a senhora começou a trabalhar?

**Cedro Rosa:** Ah! Comecei trab[...]

**Pesquisadora:** Assim, trabalhar pra ter o seu próprio “dinheirinho”?

**Cedro Rosa:** Ah. Eu comecei a trabalhá bem cedo, mais ou menos com 13 (treze) anos, eu comecei a trabalhá já [...]

**Pesquisadora:** Com todas essas dificuldades?

**Cedro Rosa:** [...] prá ganh [...] para ganhar meu dinheirinho...aqui mesmo em Dourados, quando criança, aqui mesmo cum 13 anos, eu comecei a trabalha, eu fui trabalha, pra cuida de criança, ajuda limpa casa, tirar água do poço, lava roupa, né. Porque minha vó ficou com Alzheimer na época que eu era criança, aqui em Dourados. Antes, de eu ir pra São Paulo...e ela...num conhecia eu como neta...ela me tratava como cadela e meu irmão como cachorro [choro] e, e... não tinha ninguém pra defender a gente, então ela batia o pé prá nós, falava [bateu o pé imitando o gesto] passa cadela! Aqui você não vai entrar. Sabe? E, a gente tinha fome! A gente queria entrar em casa pá come, então a gente empurrava ela...e pegava uma panela que alcançava e saia correndo, ia comer atrás da casa, cum a mão...não importava, a gente queria comer! E, aí a gente lutava ...por caus...da comida, por causo do comida! Sabe! E, ela num dexava entrar, muitas vez nós empurramo ela da porta, ela sentava, e, ficava sentada assim cum perna aberta pra não dexa a gente entra! A gente empurrava ela e entrava, porque a gente

era criança, tinha... agilidade e ela não... já, já era velha, já não aguentava mais anda mais né [semelhante de raiva]. Mas, ela era muito ruim, ela pegou acho que era Alzheimer... que ela num tava batendo bem da... cabeça, né. Hoje eu entendo que era Alzheimer e aí... a gente passava o dia inteiro na rua, no mato! Procurando as coisas pra comê, ia na casa dos vizinho... é... tinha umas vizinha que gostava muiito da gente, né. Dona Eva, né, Dona Cacilda.

- Então, ela falava: Ah. (cita o próprio nome) ajuda eu lava ropa, né. Tinha muita criança, é... Tira água pra mim? Enche tudo de água, eu tirava água, varria tudo o terrero, né. Tirava tudo aquilo de folha, ajudava ela em casa, aí ela me dava um dinheirim, era aquele que nós comprava pão da dona Cacilda!. Até hoje eu vou... eu vou com... é vê ela... nunca mais eu vi! Né. Aí, ela a filhinha dela, que chama Gleide... hoje é vó, né! E, aí, é o filho dela... arruma máquina, Jânio! Ele é arrumador de máquina, ele foi lá em casa que minha máquina quebrou, ele foi lá! Falou: (cita o próprio nome) sabe quem tá na minha casa? Falei: Não, não sei! Ele falou: Minha mãe... taí! Eu falei: Eu quero vê ela, porque eu nu..num...num consigo esquecer os pãozinhos dela, que matava minha fome. Eu comprava o paozinho e pedia pra ela pôr azeite: Azeite de oliva e sal, sabe? Os pãozinho feito em casa! E, ela fazia e nós comprava... eu e meu irmão!

- Meu irmão do jeito dele, ali! Ele pedi... também, ele ia trabalha na casa do zoutros pra ganhar o dinheirim d'ele, busca lenha no mato, tudo! Né! E, eu... e eu ficava nas casa das vizinhas, assim... ajudando as vizinha... ganhava ropa, né. E, meu pai nunca enxergô nada disso! Aí, quando meu pai chegava... meu pai era... trabalhava cum charrete na rua... tinha uma... bastante charrete, aí meu pai chegava em casa, aí ela falava assim, é... [meu pai chamava Luís, né]. Ela falava .... Lui... ela era paraguaia, minha vê... minha vó! Lui... é (cita o próprio nome), Nirso não fez nada em casa hoje! Porque nós tinhos que trabalha. Não fez nada em casa hoje! Ficou o dia inteiro na rua [mas, falava na língua dela], né!

- Aí meu pai chegava punha as 02 (duas) mão assim na porta! E gritava: (Grita o próprio nome), filhaaaa da puuuuuuta![ demonstrando com as mãos]. Quando eu ouvia aquele grito... eu já tremia na base. Já tremia, e já... muitas vezes nós não tava longe, nós tava ali atrás da casa, os 02 (dois) chorando já, abraçados! Eu e meu irmão. A gente, saia... senhor pai! O que o senhor quê? Pai! Já tremendo! Aí ele... eu tinha um cabelão! Ele me... enrolava a mão no meu cabelo e dava... [batendo na própria mão] murro, chute, tirava a cinta, batia.. como se ele tivesse batendo num animal... num era uma correção, sabe? E, aí... assim... assim foi minha infância, assim era a minha infância!

**Pesquisadora:** A senhora lembra de algum momento feliz que dessa... senhora tenha vivido na infância da senhora?

**Cedro Rosa:** Teve, momento feliz, teve... mas só eram poucos... teve!

**Pesquisadora:** Quais eram as ocasiões assim, que a senhora acha que era um momento feliz?

**Cedro Rosa:** Eram as reuniões assim... de domingo, final de ano, que é... fazia almoço, comida! Eu comia muito, acho que eu desabafava na comida, eu comia muito, muito? Quer dizer muiito! Mesmo, e... ele falava assim, pode comer! O que tem aí é pra comer. Se acabar a gente nós... damu um jeito e arruma mais, sabe...

**Pesquisadora:** Oferecia comida pra senhora?

**Cedro Rosa:** Comida!! Comida, comia muito, sabe! E, a minha mãe de criação ela...ela cozinhava muito bem, sabe. Ela era uma ótima cozinheira, cozinhava muito bem. E, aí eu comia, comia até não aguentar levanta da cadeira [...] sabe.

**Pesquisadora:** Isso eles não negavam pra senhora?

**Cedro Rosa:** Não! Não, não negavam [...] eu comia muito...

**Pesquisadora:** Como é que foi a senhora ir pra São Paulo? Daí a senhora ficou longe dos pais da senhora...

**Cedro Rosa:** Fiquei longe de todo mundo... fiquei longe[...]

**Pesquisadora:** A vida ficou mais suave (Dona Cedro-Rosa)?

**Cedro Rosa:** Eu...[...] muito mais, nossa!! Eu fui...mais fui assim: É...ele me levou, me entregou pra essa família, fomo até o juizado de menores, tirou Termo de responsabilidade, até os 18(dezoito) anos, quando fizer 18 anos, quando fizer eu 18 (dezoito) anos acabou a responsabilidade daquele casal comigo, certo! E aí eu fiquei esse tempo, ele nunca foi lá me ver. Nunca mandou dinheiro! Quer dizer aquela família que tinha que me sustentar com passagem de ônibus, comida e roupa eu tinha! Né. Roupa eu tinha! Quer dizer... tinha o básico! Né. Mas, assim foi! E, aí. Eu comecei a fazer serviço doméstico! Porque? Eu me escondia atrás da calça comprida. Porque ninguém via o que tava por baixo, aí eu... punha minha roupa e saía [...]

**Pesquisadora:** Conseguia trabalha [...]

**Cedro Rosa:** Conseguia trabalha! Escondido!

**Pesquisadora:** [...] mesmo com dor?

**Cedro Rosa:** [...] mesmo com dor [sussurrando] suportando, né... escondendo, chorava escondido, pra ninguém vê...que a patroa não pudia saber, muitas vezes que eu tinha aquilo! Se eles...se soubesse ia me mandar embora! Né. E, aí, aquela família chegou ni'mim e falou assim, prá mim: (cita o próprio nome). Vai passar uma avenida aqui! E vai se ...como chama? [...] indenizado! As famílias aqui, era uma favela ... era barracos! E, aí... falou assim, olha! A gente vai embora! Nós vamo pra Goiás! Vamo pegar esse dinheiro e vamo pra Goiás. Eu falei: Tá bom! Se quê ir com nós ou quê fica? Eu falei: Eu vou fica!

- Eu não sei porque eu achei mais segurança eu fica! Eu i trabalhá e ficá! Trabalhando... e vivendo a minha vida. Já que eles fizeram o que puderam por mim! Daí pra frente eu tinha que... caminha sozinha. Certo! Aí fui, fui caminhá sozinha! Fui trabalhando, morando no emprego, aqui, ali. Até que? Eu acho que cum 19 anos, eu... uma... uma colega de serviço, lá! Que eu conheci, né. No condomínio no prédio que eu trabalhava e...ela me convidou pra nois i num ...num forró parece...um samba, acho que era um samba, aí eu fui...aí nós fomos! Né. Nós fomos! E, lá eu conheci um rapaz. Conheci um rapaz e começamos a namora! E, ... e, logo a seguir já...já fomo po'tel, dormi junto! E, ali eu engravidéi! Do meu pri[...]

**Pesquisadora:** Hum. Mas, namoro? Ou já ..na...na do baile já foram pra?

**Cedro Rosa:** Já! Namorei acho que um 02 (dois) finais de semana e já fui com ele...né. Aí...ele...fui com ele... Ele... eu, quando eu falei pra ele que tava grávida d'ele, ele disse: Não é meu! Né!

**Pesquisadora:** Ele foi carinhoso com a senhora?

**Cedro Rosa:** Foi, foi ...foi carinhoso sim! Foi bacana comigo, eu gostava muito d'ele...eu morria por ele!

**Pesquisadora:** Mesmo conhecendo pouco tempo? Essas 02 (duas) semanas?

**Cedro Rosa:** NOSSA! Eu paixonei por ele! Porque o carinho te incentiva! Né. A pessoa ser carinhosa com você! Te tratar você bem! Coisas que eu não tive ...que eu não tinha! Certo! Ele fazia...comprava as coisas que eu queria! Fazia as minhas vontades...sabe? E, ele me elogiava, então coisas assim que me preenchia, sabe. Então aquilo pra mim...eu apaxonei por ele! Ele era muito bonito, sabe! Ele era muito bonito! E, aquilo ele tinha prazer assim... de apresentar pros amigos! Sabe. Que eu era namorada d'ele! Né, pros amigos d'ele!

**Pesquisadora:** A senhora ficou muito feliz com isso? A senhora ficou feliz com isso? [ela não compreendeu a pergunta, mas deixei seguir...]

**Cedro Rosa:** Fui feliz, por pouco tempo...mais fui feliz!!

**Pesquisadora:** Demorou quanto tempo depois a senhora tava grávida?

**Cedro Rosa:** Ah...não me lembro, quanto tempo! Num lembro, mas demorou um pouquinho ...demoro a gente pra... pra ele ir embora, né! Quando eu falei que eu tava grávida...ainda demorou um pouco, Ele...relutando que não era d'ele...[...] aí ele não me queria mais[...]

**Pesquisadora:** Mas a senhora ainda era moça quando se relacionou com ele? Quando a senhora saiu do baile e ficou essas 02 (duas) semanas com ele?

**Cedro Rosa:** Não! Não era mais[...]

**Pesquisadora:** A senhora já tinha se relacionado com alguém antes [...]

**Cedro Rosa:** Já tinha... aqui em Dourados [...] escondido do meu pai...já tinha... certo cum uma pessoa conhecida...de dentro de casa!

**Pesquisadora:** É?

**Cedro Rosa:** É

**Pesquisadora:** Mas, não foi algum tipo de violência [...] foi por que a senhora quis?

**Cedro Rosa:** Naum....nau...assim...era assim, uma pessoa...eu nunca saia cum ninguém...nunca, nunca ia pra lugar nenhum, então aquele, aquele rapaz ele falava que eu era bonita [...] que eu era...isso

**Pesquisadora:** Hum...dentro dos pais da senhora?

**Cedro Rosa:** Dentro da minha casa [...] escondido...

**Pesquisadora:** Sim!

**Cedro Rosa:** [...] quando el...quando eu passava ele mexia comigo, passava a mão ni'mim, no meu cabelo, então... aquilo...foi m..me envolvendo!

**Pesquisadora:** Ele era da mesma idade que a senhora ou mais velho?

**Cedro Rosa:** [...] mais velho! Bem mais velho... aí foi me envolvendo, fui, fui me envolvendo...foi muitos anos...me envolvendo, uns olhares, sabe. ... e aí foi indo, até que um dia, é...conforme minha avó implicava muiito e queria muito me bater. Aí, meu pai falou: ... aí minha madrasta tinha uma irmã que morava perto...de casa, mais um perto não muito perto, né, uma quadra. Aí, falou assim: Ah! Vai pa casa da Zélia, é...mor...vai fica lá com a Zélia! Aí, eu fui pra casa da Zélia[...] irmã da minha madrasta, quando eu fui pra casa da Zélia eu conheci uma mulher que morava de frente pra casa d'ela! Alí! Por exemplo: du...du lado de lá, dá [...] daquela rua que desc... eu acabei de fala o nome!

**Pesquisadora:** [...] da Ponta Porã?

**Cedro Rosa:** Não! Da outra! Balbino!! Do lado de lá da Balbino... a casa d'ela era...nós morava do lado de cá, e, ela do lado de lá da Balbino...é? Eu acho que o nom...o nome da mulher era Dona Creuza! Aí eu me envolvi com a Dona Creuza, eu ia pra lá, ajudava ela na casa...ela me dava uns trocados, ela tinha...duas criança pequena, né, o marido era caminhoneiro, né...viajava... ela ficava sozinha cums meninos... Aí...a gente pegou assim... envolvimento assim...uma amizade.

- Aí, ela falou assim pra mim...um dia: É. (cita o próprio nome)! Dorme aqui comigo, tenho medo de ficar aqui sozinha, né, us menino, tudo...aí eu falei: vô fala co...com a mulher ali, que eu tô na casa d'ela, que ela é irmã da minha madrasta, né, cum a Zélia...se ela deixa! Eu venho. Aí ela dexa! E, eu fui! Mas eu não sabia que já tava montado um esquema por fora! Eu não vi! Eu não sabia! Porque ela tava gostando do irmão desse cara! Eles combinaram dos dois i pra lá mais tarde, pra um fica com um e o outro ficar com a outra, tá. Mas, eu não sabia...e, ela sabia que eu gostava, porque eu me abria cum ela E além disso nem era da família...eu pudia [...] falá: sabe o fulano assim, assim [...]

**Pesquisadora:** Ela era uma confidente da senhora?

**Cedro Rosa:** [...] eu tô gostando d'ele, né! Eu tô gostando d'ele, assim, é, mas eu não tenho coragem de fazer nada cum ele...meu pai vai mi matá! Eu só falava assim...meu pai me mata! Aí, quando foi esse dia, aí...quando foi uma hora da noite, eu não sei que hora que era [...] da noite da ...madrugada, eu não sei... E....e...eu acordei cum peso... sabe quando você acorda sufocada assim...com peso em cima de você...o home tava em cima de mim! E, eu não sabia...antes de tudo isso...a gente bebeu! Eles deram vinho, a gente bebia vinho cum água...cum açúcar...a gente ficava brincando de fala verso, não sei o quê, passa anel...era uma lua muito clarinha e, nós ficava tudo sentado...assim fora brincando, de passa anel e fala verso, fala num sei o quê, aí quando terminô tudo eu tava passando mal...eu já tava vumitando, passando mal, qui eu não tinha jantado. Eu tinha bebido bastante! Eú bebia...eles falava: Vai! Vai! Vai, Vai ...eu tum, tum, tum! Até o fim aquele caneção (fazendo o som) cum vinho, água e açúcar, eu sei...eu lembro que eu bebi bastante, porque eu gostava também...aí eu bebi bastante! Aí, falaram não! Vamo bora! Vamo bora! Que já ta tarde e tal. Vamo bora. Aí nós

fomos, eu fui pra casa dela! Ai... quando eu acordei ...aquele home [... mas eu já tinha dormido um sono!]

**Pesquisadora:** Hurum...

**Cedro Rosa:** Já tinha passado... aquela...

**Pesquisadora:** A pior fase do álcool [...]

**Cedro Rosa:** Já tinha passado álcool... aí eu acordei assim...olhei, eu fu... dei de cara com a cara do home, falei: Meu Deus! O que você tá fazendo aqui? Sai daqui! Comecei a empurrá ele, assim... aí ele começou a falar comigo... não! Que não sei o quê, deixa! Que num sei o quê lá! Já tava naquela situação, deixa! Não sei...que não sei que lá! E tal! Num primeiro tempo eu empurrei ele, bati nele gritei, falei que num queria, muitos vizinho ouviram! Ouviram...[...]

**Pesquisadora:** Foi tão alto assim? Que a senhora gritou?

**Cedro Rosa:** [...] gritei...por que é assim. Cê vê aqui em Dourados antigamente...que silêncio na madrugada, sabe? Quer dizer... as casas, tinha uma casa bem do lado, de madeira, né. A minh...a casa que eu tava era de madeira também, quer dizer, a casa que tava do outro lado... que era... onde eu tava, de madeira!

**Pesquisadora:** Dava pra ouvir!

**Cedro Rosa:** Dava pra ouvir [...] sabe! Dava pra cê acordar com os gritos! Eu gritei bastante, chorei, esperneei, falei que não queria que meu pai ia mi mata! Mas, aí...as pouco ele ia me convencendo, sabe? Ele foi... me fazendo carinho, me convencendo...eu gostava dele! Já! Eu já gostava muito d'ele muito e, eu sofria com isso também, né. Aí, eu pensei assim... se eu...seu eu deixar ele vai ficar mais comigo, né. Que ele era um rapaz e eu... era menor, né, no caso! Aí, eu peguei e dexei! Sabe. Não dexei totalmente, sabe! Chego a penetrar um pouquinho, mas doevo muito! Aí eu não...não para, para, para ta doendo! Tá doendo, tá doendo, tá doendo! Não quero! Não quero! Tá doendo! Não quero sabe... aí ele parô, né, parô... aí, mas aí ... ele voltô no dia seguinte! E voltou no outro dia, e voltou no outro dia, até que ele conseguiu, totalmente. Certo, aí, cabou!

- Aí, eu...fiquei ficando com ele. E, a mulhe dava a cama d'ela pra mim! E ia ficar na sala com o irmão d'ele. E, eu não sabia! Vim saber naquele dia...mas, cê vê se eu tivesse um pouquinho de mentalidade no mesmo dia, se eu saísse no quintal e gritas...e falasse com alguém...gritasse o vizinho do lado eu não tinha acontecido ...que eles ia me socorre, mas [...] eu não tive oportunidade... não tive pensamento...

**Pesquisadora:** Mais daí a senhora foi gostando de ficar com ele, foi...se relacionando?

**Cedro Rosa:** Fui...fiquei com ele um tempão, fiquei, escondido...na casa dessa mulhe. Aí eu passei a ir dormi com ela todo dia[...]

**Pesquisadora:** Esse foi o primeiro amor da senhora?

**Cedro Rosa:** O primeiro amor! O primeiro amor...foi escondido [...]muito escondido, mas foi descoberto, nada, nada dura eternamente! Aí...eles descob... meu pai descobriu e veio com revolver 38 (trinta e oito) carregado pra me matar!

**Pesquisadora:** Ele era solteiro? Não era casado, não?

**Cedro Rosa:** Ele queria que eu casasse com ele [...]

**Pesquisadora:** Não... mas, esse rapaz que se relacionou num era casado, não? Ele era solteiro?

**Cedro Rosa:** Não! Num era casado...era solteiro...era solteiro. Aí, o rapaz foi...atrás do rapaz na fazenda... troxe ele e...e, ele falou: Eu caso com ela! Eu gosto d'ela! Eu quero casa! Eu caso com ela, sim... né, aí ele falou: Não! Se não vai casa com minha filha, eu não vou dexa! Eu num criei uma filha pra casa cum você! Né, você traiu minha amizade, que eu tinha com você...então eu não quero você como marido da minha filha! Eu prefiro mata ela! Que saía ao caxao d'ela daqui e não o casamento. Esfregou o revólver na minha cara...falô: eu te mato! Por que cê fez isso? Né, e, aí junto...né minha tia, já veio minha madrinha, entro tudo no meio [...] virou aquele rolo [...] e dá num deixaram...

**Pesquisadora:** Expôs a senhora pra toda família?

**Cedro Rosa:** Expôs...expôs

**Pesquisadora:** E, como a senhora se sentiu?

**Cedro Rosa:** Vergonha...muita vergonha, muita vergonha [...] muita vergonha (sussurrando), aí foi aquilo, né, assim. Teve, teve minha tia que proibiu as filhas d'ela de conversa comigo, que eu ia pôr as filhas dela no mal caminho [...] eu não pudia conversar com minhas primas, aí fiquei mais sozinha ...só eu e meu irmão, mesmo!

**Pesquisadora:** Como foi a primeira menstruação, da senhora?

**Cedro Rosa:** Terrível...horrível...eu não sabia de nada. Eu não sabia [...] eu pensei que tinha me machucado, aí começou...escorreu assim e eu não vi também! Sabe! Sentei...levantei...saí... aí que minha mãe de criação me chamô, falou: Olha o que tá acontecendo com você? Aí... que ela nem... [...] ela só falô assim: vou te dá uns paninhos, você vai usar esses paninhos, né. Isso vai vim todo mês, cê vai usar todo mês, cê não se machucou Falei: Sentei em cima de alguma coisa! Né, que sangrou, né. Ela falou: Não! Isso é dá mulhê e vai vim todo mês. E aí, você vai usar esses paninhos, cê vai agora toma banho, se higienizá e vai usar isso aqui, e, você vai lava! Você! Vai ficar da tua responsabilidade, cê vai lava e vai volta a usa! Todo mês...esses paninhos... ah...tinh... primeira vez eu usei depois já joguei fora, e, aí eu já andava toda suja, sabe? Com as pernas escorrendo, descendo a menstruação, andava...descia nas pernas

**Pesquisadora:** Muitas novinha, né...

**Cedro Rosa:** [...] descia na perna [...] nunca ninguém tinha me explicado o que era uma menstruação...

**Pesquisadora:** Muitas coisas a senhora ia aprendendo pela senhora mesmo...

**Cedro Rosa:** Não! Aprendi com a vida, tudo eu aprendi com a vida... o mundo me ensinou! O mundo[...]

**Pesquisadora:** Porque a senhora falou que não tinha as coleguinhas, não podia se relacionar com outras pessoas [...]?

**Cedro Rosa:** Não tinha! Não tinha! Não tinha! Isto era na minha casa [...] quando eu fiquei com esse casal ...piorou a situação, porque eu não tinha MESMO amizade com outros ninguém... com ninguém mesmo, era só eles mesmo! Então, na realidade eu não tive infância, eu não tive... adolescência, eu não tive mocidade...eu não tive [...] nada!

**Pesquisadora:** E, daí quando a senhora conheceu esse rapaz em São Paulo que a senhora engravidou ...ele é o pai dos filhos da senhora?

**Cedro Rosa:** Ele é o pai do meu filho... mais velho!

**Pesquisadora:** O primeiro filho...Ele não quis ficar?

**Cedro Rosa:** Não! Não [sussurro]

**Pesquisadora:** Quanto tempo depois ele foi embora?

**Cedro Rosa:** Ah...ele foi embora...eu tinh...eu tava mais ou menos uns 04 (quatro) meses de gestação [...] eu chorei muito, por causa dele!! Nossa...

**Pesquisadora:** É! Como foi a gravidez pra senhora, sem ter um companheiro do lado?

**Cedro Rosa:** Ah! Péssima! Eu fiquei na rua... eu virei... mendiga em São Paulo! Eu virei mendiga em São Paulo [sussurro]

**Pesquisadora:** Daí o filho da senhora nasceu...a senhora tava na rua?

**Cedro Rosa:** Porque [suspiro] eu perdi meus documentos, eu não tinha como trabalha[...]

**Pesquisadora:** E, tava gestante também!

**Cedro Rosa:** Tava gestante! E, até perna tava ruim também, né...a úlcera! Ela doía muito..., né, aí não tinha como trabalha e, aí fui pra rua...

**Pesquisadora:** A senhora perdeu o contato com ele ou a senhora tem contato?

**Cedro Rosa:** Perdi o contat... com tudo, perdi cum tudo!

**Pesquisadora:** Nunca mais a senhora viu esse homem?

**Cedro Rosa:** Nunca...mais, nunca mais, nunca mais...

**Pesquisadora:** Não registro o filho da senhora?

Cedro Rosa: Não! Não! Ele se negou, ele se negou. Ele falou: O filho é teu! Se vira! Né, eu fui atrás dele umas 03 (três), 04 (quatro) vezes mais ou menos, mas era só pra mim ficá chorando, né...

**Pesquisadora:** E, o filho da senhora têm curiosidade de saber sobre o pai?

**Cedro Rosa:** Ele sabe todo da minha história ou [...] ou quase todo!

**Pesquisadora:** E num procuro ser registrado...nada disso!

**Cedro Rosa:** Não...não, não, ele não quer... ele toca no assunto. Ele não quê fala sobre isso! Ele não fala sobre isso!

**Pesquisadora:** Depois como [...] os dois filhos da senhora é filho desse marido da senhora?

**Cedro Rosa:** Não... não. De outra pessoa! De outra pessoa...

**Pesquisadora:** Daí como a senhora conheceu essa pessoa? Me conta isso?

**Cedro Rosa:** Porque meu filho... eu cheguei dá ele na minha barriga, porque eu não tinha como [...]

**Pesquisadora:** O primeiro bebê?

**Cedro Rosa:** O primeiro bebê! Eu cheguei a dá ele no ventre... por que é... eu fui para num...num na época era pensionato de moças, né que falava, né. Mas, na realidade era vagas de quarto, alugava os quartos, né. E, quando eu fui pra lá, eu tinha vindo pra cá, eu, eu, fiquei na rua, fiquei na rua e aí eu pedi ajuda, e aí um motorista de ônibus me ensinou...a uma delegacia que encaminha as pessoas, pra trabalho ou senão pra albergues ou...ou prá vim embora pró seus estados. E, aí ele me ensinou lá na Florêncio de Abreu no centro de São Paulo e eles... eu fui até lá!

- Cheguei lá uma delegada muito enérgica, me atendeu. Né, me atendeu. Tava atendendo aquela multidão, sabe? De pessoas e...e falou pra mim: Se eu queria trabalha, se eu quisesse trabalha ela ia me coloca num serviço. Eu falei que não! Que eu não queria trabalha, eu queria vir embora, que eu precisava... da minha família (voz embarga) tava grávida, eu tinha problema...tava doente! Eu tinha perdido meus documentos, e eu queria vim embora... e eu tava cansada também, né. Aí eu vim embora, vim embora pra Dourados, assim...vim de trem, até Porto Epitácio, que num tinha trem...não tem até hoje, né. Aí, eles me ofereceram essa passagem de trem... e, né, no início eu não queria aceita, depois eu pensei, falei: Não, eu vou aceita! E, aí eu cheguei até Porto Epitácio...de trem...[...] era um meio dia de domingo... e aí, eu cheguei. Eu num sabia pra onde eu ando! Porque eu não tinha direção, não tinha endereço...aí eu saí andando, né. Na rua principal...sai andando, aí eu avistei um bar, tinha um monte de homem jogando bilhar...eu chamei um rapaz, falei: Moço você pode me dá uma informação onde tem uma autoridade nessa cidade que possa me ajuda. Tô precisando de ajuda! Ele falou: Olha, vou ser sincero pra você, hoje ninguém tá em casa, porque eles tão numa festa, aqui numa fazenda, e, eles tão todos lá, não tem ninguém na cidade, e, é domingo! Até a assistente social tá fechada, falou pra mim.

- Mas, enfim, eu vou te levar na casa do padre. Aí ele me levou na casa do padre. Aí, o padre me recebeu, eu contei minha situação. E, o padre falou assim: Você tá com fome? Eu disse: Sim! Tô com muita fome e grávida, ainda! Né. Aí ele falou: Entra. Eu entrei, sentei...na mesa, ele me troxe um prato...de arroz, mas aquele arroz tinha tudo, naquele arroz... tinha muito queijo e tinha legumes, sabe. Tinha cenoura, tinha batatinha, tinha bastante legumes ali misturado é... tipo um risoto, assim vamo se fala, hoje! Hoje eu sei que é um risoto... igual um risoto assim...e um copo de leite. Aí, eu comi, aquela pratada de arroz, tomei aquele leite. Agradeci! Ele falou: Filha, é só isso que eu posso te faze, eu não tenho condições de te ajuda mais. Então, né...e, o charreteiro que me levou até lá, o rapaz tava me esperando. Aí, ele falou: E, agora pra onde você vai? Eu falei: Não sei! Eu quero i embora pra Dourados, mas eu não posso ir, eu não tenho como chega até Dourados.

- Aí, ele falô: eu também não posso te faze nada. Porque se eu falá que vô leva você pra minha casa eu vô arruma mais um problema. Eu também sou pobre, tenho minha esposa e meus filhos. Como que eu vô chegar com uma mulhe na minha casa? Fala que eu tô ajudando ela? Eu vô se

ver mal com a minha mulhe. Então, não posso faze nada por você...A gente despede aqui, né. Aí, eu fiquei na rua, aí eu olhei tinha uma praça e, uma igreja católica ...bem grande, era o centro d...da cidade, bem pequena! Ele falou: Só que tem uma coisa, dez horas a luz apaga da cidade, né! ...dez horas da noite, aí entrou o pavor em mim! Eu falei: E agora? A hora que escurecer nesse lugar? São Paulo nunca escurece, São Paulo não dorme! Dia e noite... é o movimento é um só! Né.

- Aí, falei e agora: Aí, eu fui pra praça, sentei num banco, lá. E, chorando, só sabia chorar. O que que eu ia faze? Nada! Aí, chegou um senhor, perguntou pra mim porque eu chorava. Aí eu contei a história. Ele falou: Vou te ajuda! Aí! Vou te ajuda! Aí passava um...ele pedia o dinheiro pra me ajuda. Pra juntar pra minha passagem. Aí pedia.... passava outro, ele conhecia, passava outro...e assim foi...domingo tarde, muito sol, sim, né! E, aí foi juntando pessoas na praça tava se aproximando a igreja, a hora de começa, né, uma missa. Aí, ele...ele falou assim: É!! Não deu! Até agora eu tô vendo que não vai dá até antes de escurecer, e, já tá escurecendo e não vai dá pra compra sua passagem e só tinha 07 (sete) real, nota de 1 real. Aí, ele falô: - Vô sair um poco. Vô dá uma volta! Você não sai daí... eu não te conheço aí... você num saí daí, fica aqui, que eu vou te ajuda! Eu vou resolve!

- Aí, saiu. Arrumou uma bicicleta emprestada de alguém, que passou lá na rua e... saiu! Sumiu! Mas, não por muito tempo, ele voltou cum um rapaz, aí o rapaz falou: Cadê a senhora? Quem é a mulher? Cadê ela? Falo é essa aqui! Aí, ele falou: Vamos até a rodoviária, atravessamos uma rua. Chegamo na rodoviária ele perguntou: Pra onde você que ir! Eu falei: Dourados! Aí...ele pegou e...comprou a passagem pra mim! Não esperou eu nem eu agradecer, virou as costas e foi embora! Quando eu estiquei a mão, ele num tava mais...foi embora. Eu acho que era filho de alguém da cidade...assim, né! Autoridade, né, tava cum terno, gravata, né! Aí foi embora. E, eu fiquei na...na rodoviária, o ônibus falo...vai sair às 10 (dez) horas, vai passar de São Paulo e passa por aqui, pega passageiro e vai...chega até Dourados. Aí...foi assim...

Pesquisadora: Aí voltou?

**Cedro Rosa:** Aí...voltei!

Pesquisadora: Voltou pra casa dos seu pai?

**Cedro Rosa:** Voltei! Pra casa do meu pai!

Pesquisadora: E, como foi a recepção

**Cedro Rosa:** Grávida! [sussurrando]. Foi boa ...foi boa...foi boa...a recepção..., foi boa que, ...eu cheguei, quando meu pai chegô já, né! Já tinha chegado em casa! Porque, aí ...na época [...] já nessa época ele já era taxista, né. E o meu pai sempre foi noturno, sempre! E, ele fazia também...ele...ele era de mulherada, assim...também...sabe. E, minha madrasta sofreu muito na mão d'ele também, ela foi Amélia também, foi a segunda Amélia, a primeira que a minha mãe num aguentou também, saiu fora logo, né. E, aí [pegou] aí eu cheguei, bati na porta de madrugada, eu achei um taxista, eu vi um taxista lá na...na...na Marcelino Pires (eu acho!), aí eu falei: Vô lá! Aí, cheguei bati nu vidro, bati...falei assim [...]...ele baxo o vidro. Falei: Boa noite! Cê, cê... me leva na minha casa? Eu sou filha do Luís, né...do Luís que trabalha com

táxi também...é Luís paraguaio. Ele falô: Te conheço! Fui eu que te levei na rodoviária quando você foi embora!

**Pesquisadora:** Que bom, né?

**Cedro Rosa:** [...] cê não tava em São Paulo? Não! Mas, eu...eu fiquei, fiqu...fiquei com vergonha, a situação que eu tava [...]

**Pesquisadora:** A senhora ficou envergonhada [...]

Cedro Rosa: [...] fiquei envergonhada, tava muito suja, tava fedendo, eu fiquei... fiquei...muito envergonhada, sabe. Quer dizer que eu saí daqui pra ir pra São Paulo e voltei naquela situação? De rua? Aí, entrei no carro d'ele, falei...ele falô: Eu...sei onde você mora! Eu sei! Te levo, lá! Amanhã, acerto com meu pai! Né. Porque, cidade pequena, né. É isso, né? Aí, ele me levô!

- Aí. Cheguei lá...bati na porta, chamei a minha madrasta...e ela...aí minha irmã, mãe acorda que a (cita o próprio nome) tá! Ela: - Vai dormir menina...que cê tá sonhando! Cê, tá sonhando. - Não! A (cita o próprio nome), tá aí. Eu tô escutando ela batendo na porta! Mãe, acorda! Levanta!

- Aí, ela levantou, abriu a porta...a surpresa tava lá! Eu falei: Tô com fome, cansada...cum...quero banho, quero dormir, quero descansar! Aí, me pôs pra dentro, arrumo...uma roupa pra mim, foi lá atiçou (tição) de fogo lá no coifa, já foi prepara uma água pra mim toma banho, esquento lá, pois no banheiro e ali eu tomei um banho, enquanto eu tomei banho ela arrumo a comida. E, aí eu saí do banheiro e fui cume! Fui cume...e, era outra vida! Né. Eu res...respirei outro ar... sabe! Outra vida...[sussurrando].

- Aí...quando eu tava ali conversando com ela...contando pra ela, um pouco do que tinha passado comigo...que eu tava contando ...pra ela...ele chegô, ele chegô! E, a gente não viu! Porque a casa nessa época, era casa grande, lá...lá, né, era a sala, né, depois da sala tinha a ante sala, tinha um quarto, tal...um corredor, a cozinha já era no fundo, né. E nós tâvamos tava na cozinha cum lamparina! Né. Aí, eu tava contanto que tava grávida, tudo! Nem sabia...certamente quanto tempo eu tava grávida, e, eu cheguei naquela situação, tudo. E ele escutou. Mas, nunca me perguntou nada, porque? Como que foi? Nada! Nada! Não perguntou nada pra mim. Eu tinha medo d'ele...até aí...até aí, eu tinha medo d'ele, certo. Da reação d'ele... mas, aí eu fiquei! Eu durmi muito no dia seguinte, nossa! Dormi. Fecharam a porta do quarto, não deixaram ninguém me chama! Dormi...dormi o dia inteiro, acordei de tarde...já tinha comida de novo! Né. Comi de novo, tomei banho, nossa! Era outra coisa! Meu Deus!! Eu tirei assim... muitos quilos das minhas costas, cansaço, sofrimento...aí [inaudível] descansei...fiquei bem...ne, fiquei bem, ajudava ela no serviço doméstico, aí tudo ali, né cum ela. Aí, um dia, eu fui lava a casa, naquela época a gente lavava a casa! E, era de tijolinho, uma parte era de vermelhão e outra parte tijolo...tijolinho. Aí, eu falei: Vô lava a casa, aí eu pedi pra minha irmã ma...mais velha depois de mim, né, filha d'ela! Falei pra ela: Sandra vai... bate a água...bate a bomba aí mim, prá mim lava a casa, que tinha que bate a bomba pra mim, aí...ela começou a chorar, fazer birra! E, num queria! Ela tinha mais ou menos uns 7 (sete), 8 (oito) anos não sei, né... mas dava pra ela bate a bomba, mas era leve! Eu também, nunca ninguém nunca me poupo! Né. Porque eu ia poupa ela. Sabe! Negócio veio por aí. É justamente aquilo... que agressão vira...gera agressão e...aí...ela não quis, aí eu bati nela! Eu dei uns tapas nela, mas

não foi...hum...assim pra machuca, eu bati porque eu fiquei com raiva, [...] que eu queria que ela me ajudasse na água ali ... pra eu poder lava a casa! Né.

- Aí, a mae, a mãe não gostô! Né, aí...ela veio, veio em cima de mim, falou um monte de coisa pra mim, aí começou a jogar na cara! É...eu já criei você, ... porquê... quando meu pai foi mora com ela, ele me levou com 06 (seis) anos e meu irmão cum... 04 (quatro), aí. Ela já...foi...foi morá com ele jovem, e ele era um home separado, pai de 02 (dois) filhos, ela pegou uma carga, né, e... aí ela pegó e começo a falar bastante coisa pra mim...eu não gostei! Falei: Não! Você... na verdade...você, ajudó a me criá...tudo bem! Mas...eu não fui arrumá filho prá você cria. Falo: É, você foi arrumá filho em São Paulo pra vim aqui pra mim cria, também. Falei: Não! Prá você cria, não! Eu vô criá meu filho! Falei pra ela, eu vô cria! Se eu fiz...eu vô criá...

-Aí...eu fiq...também discuti, falei também cum ela as coisa...aí ela fico chorando, fico magoada, e tal...aí meu pai chegô, ela contô pro meu pai, aí meu pai também não falô nada pra mim. Nada! Aí, ela falô pra mim: Cê quê i embora (cita o próprio nome)? Quê volta pra São Paulo? Falei: Quero! Quero! Pra onde não sei...

**Pesquisadora:** Mas ainda tava grávida, ainda?

**Cedro Rosa:** Tava grávida...eu já tava nuns 04 (quatro) meses, né. Já tava cum a barriguinha bem avantajada, que minhas ropa num servia mais, num tinha ropa! Eu vestia as camisa d'ele. Aí... ele, aí ele falô: Tudo bem! Eu vô dá um jeito, vô arrumá um dinhero pro céi. Aí vendeu! Ele tinha uma perua rural, tinha uma rural, na época, né. Aquelas verm...azul e branco, vermelha e branca, né...ele tinha uma rural. Ele vendeu e... comprô minha passage, e me deu 200 reais...num, num era reais... na época! Eu falô...

**Pesquisadora:** Cruzeiro [...] alguma coisa assim...

**Cedro Rosa:** Era! Cruzeiro...me deu [...]

**Pesquisadora:** Teve tantas moedas, né ...a gente não grava o nome, né [...]

**Cedro Rosa:** É. Aí ele pegô [...] me deu, e me levou até a rodoviária, né... colocô eu no ônibus e falô: Mantém contato comigo! Falei: Tá tudo bem! Eu vô mantê contato! Escreve pra mim! escrevo! Vô escrevê! Tá. Fui embora pra São Paulo... num escrevi uma carta. Eu passei...(silêncio) mais de 06 (seis) anos sem da notícia. Eles me tinha morta! Porque São Paulo é São Paulo! Né. Aí...ninguém sabia de mim, não dava notícia, não! Prá ningüém...

**Pesquisadora:** Daí a senhora esperou o bebê nascer?

**Cedro Rosa:** Não! Aí...eu fui, é, eu como sempre, eu...eu, eu peg...eu pegava ônibus na... ali na praça Princesa Isabel pra mim, ir na casa daqueles, daquele pessoal que eu ficava, então eu passava numa rua só, pra mim... não me perde [...] porque eu não conhecia na época... nada. Então eu conhecia aquela rua.

**Pesquisadora:** A senhora faz o mesmo caminho sempre pra não se perder [...]

**Cedro Rosa:** [...] todo dia! A mesma rua, pra ir na Santa Casa pra fazê curativo, voltava, ia lá pegava o ônibus lá praça, atravessava tudo aquelas avenida, chorando muito, rezando pra não se atropelada, é...[...] aí tá! Aí, eu via...sempre tinha uma placa, assim. Aluga-se vagas para

moças! Falei. Aqui deve ser um lugar bacana, né! Moça? Eu vô vim mora aí. Aí eu fui lá! Bati lá. Desceu uma mulhê, uma portuguesa, uma senhora portuguesa já de idade. Aí falei: Cê têm vaga aí? Ela falô: Tenho! Só que eu recebo adiantado. Aí eu tinha! Aí, eu paguei, um mês adiantado, era o dinheiro que eu tinha! Paguei o aluguel adiantado, entrei pá dentro, ela me ofereceu uma cama, um cobertor, um travesseiro, uma cama com lençol. Era o que ela oferecia. Só! Né, só pra dormi também...só dormi, eu pudia permanece o dia, mas eu tinha que me virá [...] né. E, aí...o dinheiro acabo! Fui comendo fora, comendo lanche, comendo comida e tal... o dinheirim acabo, dinheiro não nasce, né. E, aí? A barriga cresceu [...] e o dinheiro acabô. E, a mulhê queria receber o aluguel dela! Dá onde que eu ia tira? Se eu não tinha da onde tira? O dinheiro [...] aí, ela falava vai ganhar dinheiro na rua, se não presta nem pra ser puta! Vai faturar! Você não presta nem pra isso! [voz embargada]. Eu quero dinheiro! Me paga meu dinheiro, aqui não é lar de mãe soltera. Não! Porque antigamente tinha em São Paulo num sei se tem até hoje, lar de mãe solteira...né. Mas é difícil entra, também. Tinha que esperá vaga, né! Aí, eu fiquei numa situação que... eu corria da...da mulhe, eu me escondia...cheguei a entra dentro do guarda-roupa (chorando) pra esconde da mulhê, que a mulhê queria me pô pra fora de tudo gente... pra onde que eu ia?

**Pesquisadora:** Geralda...

**Cedro Rosa:** Aí eu conheci uma mulhê que era colega de porta de quarto, e ela falô pra mim assim! Oh. Maria é...hum...tem um mulhê ali que ta querendo...ela quê, ela quê filho, ela qu..filho! Só que ela não pode tê! Quelá fez uma cirurgia, ela foi impossibilitada de ter nenem, e, ela tem condições, né. Porque você não dá teu filho. Aí, eu vou dá o meu! Ela falou: Tava grávida também!

**Pesquisadora:** Ela ia dar o d'ela?

**Cedro Rosa:** Ia. Já tinha dado, já. Falou: Vô dá o meu! Já dei o meu! Espera nasce...ia dá, eu te levo lá! Aí...ela me levô até o bazar da mulhê, me apresento lá! Falou pra mim, falo cum a mulhe falô [...] ou menino ou menina eu pego! Eu pego! Eu quero. Aí... eu falei assim: Eu não tinha um pano pra pôr, não tinha aonde ir, não tinha dinheiro, não tinha casa, não tinha hera nem beira, nem...não tinha nada! Aí tá! Eu falei: Tá tudo bem...quando eu for pro hospital alguém te avisa, ela te avisa! Ou a amiga d'ela te avisa...fui pro hospital. Aí ficou assim...né...foi só de palavra. Aí, eu fiquei naquele lugar, tinha muita moça de programa lá, e, dançava em boate, tudo, né. Aí, eu comecei a trabalha pra elas, tipo: elas precisavam de uma roupa na lavanderia, eu ia levá, ia busca, ela me dava um dinheirim e cum o que eu comia, né. E assim foi. Sabe, passava uma roupa pra elas! Né. É. Me chamavam, Maria vem passa uma ropa qui pra mim, eu subia! Ia no andar de cima, passava ropa! É...ia compra alguma comida fora pra elas! E, assim foi...

**Pesquisadora:** A senhora ficou perto dessas pessoas?

**Cedro Rosa:** É, sabe! Fiquei lá...lá assim...assim

**Pesquisadora:** E, elas...elas eram bacanas com a senhora?

**Cedro Rosa:** Ah...bacana...bacana, sempre me ajudavam[...]

**Pesquisadora:** É [...]daí a senhora ajudava elas...e, elas ajudavam a senhora...

**Cedro Rosa:** É...teve uma, teve uma... que me levo até o...até o... mappim, tinha o mappim...me levou até o mappin...compro uma calça gestante pra mim, de elástico assim...né, na frente e uma blusa, ela comprô pra mim. E, me levou até...procurando a...a [...] o abrigo de mãe solteira, ela me levou até lá, ela pago táxi é tudo [...]

**Pesquisadora:** [...] pra ajuda a senhora?

**Cedro Rosa:** Foi, foi, pra mi ajuda [...] ela me ajudo!

**Pesquisadora:** [...] E, como foi o nascimento do filho da senhora?

**Cedro Rosa:** Essa mulhê me ajudo! Foi me leva, mas não tinha vaga, tinha que entra na filha! Como que eu entro na fila? Se...eu tinha que espera? Não deu certo! Aí, voltamos...tá. Ela me ajudou bastante essa mulher! Ela era coelhinha duma boate, ela dançava comu coelhinha, eu num sei, ela fazia também as coisa dela, mas, também não era dá minha conta! Né.

- E, aí, um dia bateu na minha porta de manhã cedo, uma mulhê me chamando. Vamu pra minha casa! Vamu embora? Você que é a Maria? Falei: Sou eu! Sou eu! Porque a portuguesa foi na casa d'ela, que ela tinha um centro de macumba, de feitiçaria, lá...de magia negra... sei-lá o quê! Aí... deu meu nome completo, pra ela fazê um trabalho, pago ela pra fazê um trabalho. Pra dá na minha menti, pra mim fica desorientada e saí andado... desocupá a casa d'ela! Aí...diz...diz!!... que depois eu fiquei sabendo dessa história.

- Diz, que essa...que essa pessoa que tava lá cum o espírito incorporado no espírito, falou pra outra mulhe que tava lá, falou assim:Ôh.. Essa pessoa...essa mulher, ta nus dia de i pra casa grande, então não vai fazê nada pra ela, nada. Fala pra meu cavalo ir buscá...essa mulhe...amanhã! Vai..vai...me buscaram, porque ela tinha o endereço da portuguesa! Aí, ela foi me buscá! Lá onde eu tava, chegou lá, me... falo: Vamo, vamo, vamo! E, eu fui! Eu fui...ruim com ele...pior sem ele, vai lá...vai cá, é a mesma coisa! Né. Eu vô! Aí fui sem saber pra onde tava indo. Aí depois ela me contou a história, né.

- Aí, ela me levou pra casa d'ela, chegando de noite o marido dela chego do trabalho, perguntou quem eu era? Né. Quem é essa mulher aí? Aí, contou uma história assim mais ou menos pra ele, né! Ele não aceito! Que ia fica lá pra ela cuida de mim, né. Ele não aceito...não aceito! Aí falo: Dá um jeito, se vira com essa mulhê, não quero essa mulhê aqui! Não! Aí, ela pediu pra outra amiga d'ela ficá comigo, mas ela, mas ela ajudando! Ela sustentando [...]

**Pesquisadora:** Acolhece a senhora...e ela sustentava[...]?

**Cedro Rosa:** Isso! Escondido do marido, que o marido trabalhava o dia inteiro...eu fiquei lá! Até sentir dor, eu não sabia se era dor de parto, que era o primeiro filho! Ou era dor de fazê xixi, que eu segurei muito xixi a noite inteira! Aí, eles me levaram... prá maternidade!

Pesquisadora: Foi parto normal?

**Cedro Rosa:** Não! “Forspes”

**Pesquisadora:** Fórceps

**Cedro Rosa:** Porque eu internada vários dias lá pra desinchar, eu tava cum animia profunda...sabe? E, eu fiquei internada, lá...fiquei internada, lá! Né, nessa hospital...maternidade

**Pesquisadora:** E, o bebê nasceu bem?

**Cedro Rosa:** Nasceu bem! Graças a Deus, muito lindo meu filho!

**Pesquisadora:** Qual o nome dele?

**Cedro Rosa:** Cleber

**Pesquisadora:** Cleber

**Cedro Rosa:** Cleber! [choro]

**Pesquisadora:** Porque a senhora se emociona quando fala dele?

**Cedro Rosa:** Porque.... [choro] porque ele é um filho...[choro] exemplar! Valeu a pena! Tudo o sofrimento... valeu a pena! Sabe, valeu muito a pena!

**Pesquisadora:** Que bom [sussurro]

**Cedro Rosa:** Ele sofreu muito no meu ventre... ele sofreu muita fome! Sabe, ele é um menino [...] eu nunca fiz um pré-natal, nunca tomei uma vacina de nada! Ele também nunca toma vacina, eu não tinha condições, porque eu o deixei bebezinho pâ outra pessoa cuidá, e eu fui trabalhá de doméstica...

**Pesquisadora:** A senhora fez o enxoal d'ele?

**Cedro Rosa:** Nunca, nunca! Quem fez foi essa senhora, que me acolheu [...] quando, quando eu saí do hospital eles num queria me dá, ela mulher foi buscá a criança, i eu me agarrei nele! Falei: Não! A única coisa que eu tenho agora é meu filho...ele ger...ele saiu de mim! (choro). Foi eu que gerei...não! Meu filho não! Não vai levá meu filho...ele é meu [...] sabe. Eu queria amamenta, mas eu num tinha, ... num tinha...o bico, era uma aurela redonda e ele num pudia...e, eu dava pra ...ele sugava...que home, né! Ele sugava... com força, rachó e sangrava...assim mesmo eu dava pra ele mamá, porque ...eu queria muito amamenta-lo, mas eu num conseguia! Assim mesmo eu tracava ali (faz face de dor, fazendo o gestual - segurando o bebe e forçando o seio) assim.... segurava a dor, sabe? Até ele consegui pega bem! Ele pegava, aí eu ia relaxando devagarinho... mais um dia o médico pego, ele entrô nu quarto, e eu tava assim...trancada com o bebê aqui, né. Aí ele mandô tira o bebê! Eu mando tira o bebê e... aí levaram lá pro...pru mater...pru berçário, e aí eu tinha que tirá o leite e mandá pra ele, manda pra ele, né. E... aí eu fazia! Mas eu não saí lá do berçário, eu queria fica com ele direto, sabe. Porque eu num sei, era uma segurança pra mim ele nus meus braços, sabe. Porque a mulhe quis tomá ele de mim messsmo... e, depois a Assistente Social veio me faze várias perguntas, né. E, falo: Que eu não tinha condições de tê meu filho comigo...

**Pesquisadora:** A senhora sentiu medo?

**Cedro Rosa:** Medo! Aí, falo que eu não tinha endereço... que eu não tinha condições de criá uma criança, eu falei: Eu tenho duas perna e dois braços... eu vô lutá...pelo meu filho...e lutei [...] muito [choro] lutei muito [...] e, não me arrependo...nada! Nada! Dê te lutado, nada [...]

**Pesquisadora:** E, a senhora venceu! Né

**Cedro Rosa:** [...] não me arrependo [...] meu herói! Ele é meu filho...tem 48 (quarenta e oito) anos hoje, ele é meu filho! Ele fez, agora em junho e... ele é tudo! Ele é meu amigo, ele [...] eu desabafou com ele, sabe...quando eu discuto com meu marido [...]

**Pesquisadora:** E, o que a senhora sentia quando a senhora olhava pra ele, quando ele era pequeno, que a senhora tava amamentando ele? Em relação à infância...a própria infância da senhora? Daquela criança...

**Cedro Rosa:** Mas! Era... tud...eu...eu vô dá....prá você que eu não tive, carinho, amor, tudo, tudo pra você! Mas não foi bem assim...nê, que a vida troxe! Né. Eu queria tê dado...muit.. amor [...] mas, num era assim... porque num teve pai! Né! Eu tinha que se pai, aí ele cresceu, aí eu...eu tinha que se pai e mãe na hora certa, então [...] eu...do jeito que eu fui educada na pancada, eu também eduquei ele na pancada, eu não tinha dó!

**Pesquisadora:** A senhora batia muito?

**Cedro Rosa:** Batia! MUITO, MUITO [incisiva]

**Pesquisadora:** E, o que a senhora sentia quando a senhora batia nele?

**Cedro Rosa:** Muita pena! Muita dó! Mas, eu amava muito, então eu chorava ...eu sofri mais que ele, ele sentia dor, mas aqui doía mais! Eu doía muito mais em mim do que n'ele, mas eu sentia que eu tinha que educa daquela maneira, eu tinha que se um braço forte! Pra educá-lo. Pra ele ser um homem. Filho! Não vai pro mal caminho. Filho! É! Esses lugares ...tal, cê não pode frequentar, e ali eu batia, batia, batia... Ele sentado na cama, ele não corria! Não fazia escândalo...sentado ele apanhava, sabe! Ele apanhava [...] eu, eu me derreti em lágrimas, ele não! Ele ficava olhando pra mim, e, aquilo doía mais em mim [...]

**Pesquisadora:** Mas, a senhora batia acreditando que aquilo era o certo?

**Cedro Rosa:** Era o certo [...]

**Pesquisadora:** Tinha que ser feito daquele jeito?

**Cedro Rosa:** Isso! Isso! Acredita que eu tava fazendo o correto. Mas, eu conversava! De...depois [...] filho a mãe tá bat... fazendo porque a mãe ama você muito. Porque a mãe não que vê você preso! Que a mãe não que vê você nas drogas! É por isso que eu tô te batendo hoje! Se um dia eu vê um pulícia batendo em você... vai doer muito mais em mim do que em você! Então, quando você nasceu, nasceu um homem. Você vai ser homem. Você é um homem! certo! Certo! Era por isso!

**Pesquisadora:** Como foi pra senhora ser uma mulher solteira com filho?

**Cedro Rosa:** Difícil [...] muito difícil

**Pesquisadora:** Em quais sentidos?

**Cedro Rosa:** Em todos! Né. Porquê... aí, eu não tinha a onde eu pôr ele...aí eu punha prá uma pessoa cuidá! Outra pessoa cuidá...pessoa judiando, né!

**Pesquisadora:** Do mesmo jeito que fizeram com a senhora?

**Cedro Rosa:** Quas... não...não, não...não foi do mesmo jeito [...] porque?

**Pesquisadora:** Não. Eu digo assim...deixa com um aqui, daí cuida um pouquinho, cuida com outro!

**Cedro Rosa:** É...foi um pouquinho. Mas, ele foi bebê ainda, ele era muito bebê, né!

**Pesquisadora:** Prá senhora pode trabalha, a senhora tinha que confiar em outras pessoas...

**Cedro Rosa:** Isso! Eu ia trabalha de doméstica, até que um dia... a mulhê que cuidava ele, chego e me entrega ele, e...desceu do elevador, tocou a campainha e fez assim, segura que o filho é teu! Sabe? Não vô mais cuidá d'ele! Porque ele tinha muita dor de ouvido... muita dor de ouvido [...]

**Pesquisadora:** Então dava trabalho?

**Cedro Rosa:** É, eu no trabalho! Aí, a minha patroa permitiu ele ficasse...mas...não por muito tempo! Né. Porque ele chorava muito, né. Então, eu trabalhava durante o dia... junto com ele e a noite eu ia cuidá d'ele, eu ia lava a roupinha d'ele, dá banho n'ele, e ele dormia comigo, né. Aí, chegou uma época que ela falô: Não vai dá pra você fica comigo, cê tem que arrumá uma pessoa pra ficá com ele! Não vai dá pra você ficá aqui em casa!

**Pesquisadora:** E, como que foi pra senhora Ser uma mulher, no sentido que eu falo...de sexualidade, mesmo, de arrumar um companheiro?

**Cedro Rosa:** Não, passou muito tempo! Passou muito tempo pra mim se relacioná com outro homem, muito tempo depois que eu tive ele. Porque eu deixei de acreditar no homem, né. Sabe. Eu tipo assim...eu coloquei...assim...tipo um... eu me revesti, sabe? De algo forte! Se algum home se engracasse! Eu falava: Não! Não quero nada cum ninguém! Sabe! Não quero! Não gosto! Num quero, e num quero e acabô! E, eu me mantive uma posição assim de homem, também! Sabe. Eu só usava calça cumprida [...] prá esconder minhas pernas! Camisa ou senão ou blusa assim, sabe. Eu usava maquiagem tudo! Mas eu...num... tipo assim, não era muito feminina! Sabe! E... me afastei muito tempo assim...de homem, sabe! Muito tempo...demorô, demorô bastante, pra eu se relacioná com homem...mesmo assim... eu encarava muito coisa, sabe! Não suportava desaforo...de ninguém...eu ia pra cima...não importa ... pra quê [...] que...que, o quê ia acontecer...

**Pesquisadora:** Pra se defender de outras pessoas, também? Eu posso dizer isso?

**Cedro Rosa:** Isso! Isso! Também [...]

**Pesquisadora:** Essa postura de...força

**Cedro Rosa:** Sim. Postura forte! Porque eu gord... não era obesa, eu não era grande, sabe! Eu não era obesa assim, não! Fiquei obesa depois...mórbida, depois! Né. Não era assim, não...

**Pesquisadora:** Daí, como que apareceu essa segunda pessoa na vida da senhora, que a senhora teve os outros filhos?

**Cedro Rosa:** Foi porquê...eu, coloquei ele numa casa, que tinha uma senhora prá cuidá d'ele, essa senhora cuidava muito bem d'ele. Mas, era uma senhora...que eu não sei... por excesso de sinceridade, ela era muito mal educada! Então! Ela era muito mal educada comigo, mas cuidava muito bem do meu filho! Então, uma coisa cobria a outra. Como a minha vida já num

foi fácil, então? Sabe, eu dexava dum canto, se tava cuidando bem do meu filho...tá cuidando bem de mim...no caso [...] então! Ela cuidou muito bem d'ele!

- Aí...eu fui trabalhando de doméstica, chegou uma época, falei: Num guento mais trabalhá de doméstica, vou pará! Vô arrumá um trabalho! Aí, já fazia tempo que ela tava cuidando do meu bebê, eu pagava prá ela. Ia vê ele nas minhas folgas, ficava com ele, mas não era a mesma coisa! Ele tava muito acostumado...ele dormia e acordava com ela! Agarradim nela! Sabe! E, ele era tudo pra mim, era a minha vida, até hoje [choro] é minha vida! Mas, antes era mais, ele era dependente de mim! Né. Hoje ele é um homem, hoje ... ele é até avó!

- Aí...é...eu...um...dia cheguei um dia na casa d'ela, e, eu falei: Vem neném! E chamava ele, neném. Vem neném cum a mamãe! Ele viro a cabeça assim...agarro n'ela, no pescoço d'ela, falo: Eu quero minha iaiá, que ela ensinó ele chama ela de iaiá, pra num chama nem mae... nem de vó...que ela não era! Iaiá...um custume de Minas, também...que ela era mineira! E, o marido dela de papai e os filhos de irmão. Quando ele aprendeu falá! Ele falava: mā...irmão! Māo. E, eles, levava ele pra passeá, eles...sabe! Tinha ele como...tipo um neto... filho, num sei, sabe. Ela dormia cum ele, tinha um cantinho na cama dela que era d'ele...então... ela se apegou muito... e, ele se apegou a ela! Né. E, eu vi que eu tava perdendo meu filho, eu ia perde pra ela! E, já tinha três aninhos, já tava sabendo falá e tudo. Aí o dia que ele não me quis, ele me recusó, mesmo eu levando um brinquedim de presente, ele pegô o brinquedo e me recusó, eu falei: Perdi meu filho! Aí entrô o desespero em mim!

- Quando entrô o desespero. Eu falei pra mim... e, pra Deus: Fui andando na rua, chorando e falando [choro]: O primeiro home que parece na minha frente...vô pegá! Que me ponha dentro duma casa...que eu pare de trabalha! E, vô cuidá do meu filho! Que seja velho..novo, do jeito que vier. E, assim, foi... aí, eu conheci! Um senhor... que era 22 anos mais velho do que eu [...]

**Pesquisadora:** A senhora tinha quantos?

**Cedro Rosa:** [...] pai de 06 (seis) filhos, aí começamo a se relacionar!

**Pesquisadora:** Quantos anos a senhora tinha?

**Cedro Rosa:** Que eu tinha? Só lembro que ele tinha 22(vinte e dois) anos mais velho du que eu!

**Pesquisadora:** Não lembra a idade...

**Cedro Rosa:** É...mais, mais velho do que eu! Eu era nova! Eu era...eu... tava na flor da idade, vamu si fala assim!

**Pesquisadora:** E, ele tinha 06 (seis) filhos?

**Cedro Rosa:** 06 (seis) filhos! A mulhê havia abandonado ele! Ele era alcoólatra! Até aí...eu num sabia, porque a gente só se encontrava à noite, né. E, aí, eu tava trabalhando na época, né. Ele pediu pra i na minha casa, conhecé minha família. Aí, eu falei que não! Não pudia! Não pudiaí. Que eu morava na casa dum tio... e o tio era muito bravo! Mentira! Né. Eu tava morando sozinha, eu já tinha alugado um quarto [...]

**Pesquisadora:** Mas, a senhora não queria que ele fosse pra esse quarto?

**Cedro Rosa:** [...] eu já tinha um quarto, já tava morando sozinha... é na época eu tava bebendo muito, né ... eu saía muito a noite, né...bebia muito... aí eu conheci ele...

**Pesquisadora:** Como...em que momento a senhora viu que tava bebendo muito?

**Cedro Rosa:** Ah...quando eu manheci com a porta aberta e fiz xixi na ropa, que eu, eu tava nu banheiro e num enxergava o vaso...

**Pesquisadora:** Mas, a senhora começou a beber logo depois que a senhora deixou o bebê da senhora com essa família? Foi nessa época?

**Cedro Rosa:** Quando eu comecei a beber? Quando eu saí daquela família, lá... que eu comecei a frequenta...baile a noite...é, que eu comecei a conhecer a bebida. Bom! Conhece...eu já conhecia! Porque aqui eu já havia bebido vinho... cum água, lembra?

**Pesquisadora:** Lembro sim!

**Cedro Rosa:** Na minha infância, lá atrás! Então, eu já tinha o sabor da bebida!

**Pesquisadora:** É. A senhora falou que é gostoso.

**Cedro Rosa:** Já gostava, né! E, aí...eu já comecei bebe é... coca-cola com pinga, já comecei...já, mais bebida doce, sabe. Também dexa mais de fogo... mais rápido, né. Aí...eu...aí, eu, eu quand...eu, eu bebia assim... bebida forte, porque eu queria fica já...de fogo logo de uma vez, prá subi pra cabeça! E...a gente se conheceu, né...num lugar...num samba, e aí começamo a conversa. Eu falei: É ess...vai se esse! Dançamo bastante, tudo. Falei: Vai se esse mesmo! Aí...eu pensei [...] sei-lá o que ele pensô! Aí, dentro de uma semana...ele veio morá comigo, nu meu quartim, nu meu quartim... na cama de soltero... no meu quartim [...]

**Pesquisadora:** E, as crianças dele?

**Cedro Rosa:** Tava cada um na casa de uma família... um na casa da avó, um na casa do tio... na casa do tio [...]

**Pesquisadora:** E, como foi pra senhora ser mulher com essas feridas?

**Cedro Rosa:** Difícil, muito difícil [...]

**Pesquisadora:** Como a senhora se enxergava?

**Cedro Rosa:** Mas [...] eu nem me enxergava na verdade! Porque eu enxergava todo mundo, menos eu! Sabe! Eu sempre...aí eu aprendi a suportar a dor, eu suportei muito a dor na casa daquelas madames...hã...minhas patroas [...] eu tinha que suportá...

**Pesquisadora:** Mas, eu digo assim...é a sua sexualidade...de ver seu corpo com essas feridas?

**Cedro Rosa:** Eu escondia!

**Pesquisadora:** A senhora disse que usava maquiagem. É uma pessoa vaidosa, né, muito bonita!

**Cedro Rosa:** Era! Era! Era!

**Pesquisadora:** O que foi pra senhora [...]

**Cedro Rosa:** Eu escondia! Eu procurava assim... esconder sempre!

**Pesquisadora:** E, nos relacionamentos? Como que foi...

**Cedro Rosa:** Sempre, sempre...

**Pesquisadora:** Sempre se escondendo?

**Cedro Rosa:** Sempre escondendo, sempre escondendo...sabe. Eu nunca dexava vê, né... aquela, aquela ferida! Nunca dexava vê! Aquela visão ali... da minha perna...é...sempre escondia, eu dava um jeito pa esconde, eu dava o meu jeito, sabe, prá esconder! E quando a gente foi mora junto, ele chegô a vê... a faixa, né. Que, aí eu cheguei aí nos hospitais fazê o tratamento [...]

**Pesquisadora:** Curativos [sussurro]

**Cedro Rosa:** [...], mas ele nunca chegô a participá, ele nunca chegô a me acompanhá, ele nunca chegô a me interná em hospitais nenhum... ele nunca ... foi me buscá no hospital, eu me internavá sozinha e saía sozinha ...

**Pesquisadora:** E vocês nunca tiveram essa intimidade da senhora se abri com ele?

**Cedro Rosa:** Nunca! Nunca! Que ele era mais velho do que eu [...] e, ele não me dava oportunidade também, que ele era “coólatra”, ele bebida de segunda a segunda!

**Pesquisadora:** Ele era violento com a senhora?

**Cedro Rosa:** Não, não, não. Então, ele tinha os filhos d'ele, mas cada um num lugar, mais quando ele foi mora comigo...elas vieram me conhece...e, gostaram de mim! E começaram...veio uma, depois veio outra, depois veio mais outra, aí veio as três. Uma era mais velha...e as duas mais novas, os menino... relutou mais um pouco...mais veio, veio dois. Um. Nunca veio morá com a gente. Então, veio 05 (cinco), cinco moró com a gente. Eu já tinha 01(um)...06(seis)!

**Pesquisadora:** Era bom!

Cedro Rosa: Não!

**Pesquisadora:** Não!? Porque?

**Cedro Rosa:** Porque os menino me respeitava...as meninas, não! A mais velha nunca me respeitó! Tinha atrito todo dia! Sabe. Todo dia!

**Pesquisadora:** A senhora era rigorosa com eles também?

**Cedro Rosa:** Não! Não pudia ser...porque, ela num me respeitavá! Se eu por exemplo falava, assim: Me ajudá aqui, lava essa louça pra mim. Ela falava: Eu não! Você não é minha mãe! Quem é você pra me mandá? Faz você empregada! Sabe. Daí eu...já [...]

**Pesquisadora:** Daí a senhora não tentou educar elas ... do jeito que a senhora fazia com o seu filho!

**Cedro Rosa:** Não tinha condição! Não tinha! Não podia! Não...não, porque ela já tinha 16 (dezesseis) parece 17 (dezessete) anos... na época, a menina, né [...]

**Pesquisadora:** Daí a senhora teve o primeiro, depois teve um outro filho com ele? Foram 02 (dois)?

**Cedro Rosa:** Tive! Tive. Mesmo nessa situação, eu acho que...num sei...eu nu...num pensei em nada assim, sabe? Já tinha meu menino pequeno, aí, a minha filha do meio nasceu quando meu filho fez 04 (quatro) anos. Ela nasceu! Mas, eu sofri muito na gestação...muito, muito, muito [...] com as filhas...com a filha... a mais velha, a mais nova não! Mas ela pegava as outra, ela iam jogar bola na rua, i eu tava com louça pra lavá! Ropa pra lavá! Casa prá limpá! Grávida!

**Pesquisadora:** Um monte de criança [sussurro]

**Cedro Rosa:** Sabe? E, cum dor na perna! Aquele monte de roupa, pra lavá no tanque, na mão! Eu passava o dia inteiro no tanque. Certo! Lavando roupa, o dia intero. E, não dava conta! Porque tinha que lavá toda a roupa da casa...era muita roupa. E, eu sempre fui muito exigente comigo mesma, no meu trabalho, sempre eu dava o melhor, queria lavá minha roupa bem limpinha...eu punha de molho, né, prá...eu lavá depois...e, ficava... a gente morava de aluguel também...e [...] cada ano num bairro, porque não tinha condições de manter o aluguel ali, né, que aumentava o aluguel...tinha que mudá!

**Pesquisadora:** Parece que a vida não ficou mais fácil, né?

**Cedro Rosa:** Nunca foi fácil pra mim! [choro]. Não! Nunca foi fácil, nunca!

**Pesquisadora:** Não. Mas...com a solução que a senhora... sentiu que poderia ter dado, parece que não ficou mais fácil?

**Cedro Rosa:** Não! Ficou mais fácil porque eu tinha meu filho comigo! Aí. Eu resgatei meu filho, aí ficô comigo, né!

**Pesquisadora:** Daí compensava todo esse sofrimento de trabalho do dia a dia [...]

**Cedro Rosa:** Ahhh. Isso! Pelo meu filho! Que ele tinha um lugar seguro e eu também pra fica com ele. Né. Que aí eu ficava em casa, e, o home ia trabalhá e trazê o sustento pra casa, né. Pra nós todos! E, eu...

**Pesquisadora:** E, a senhora ficou com ele quantos anos?

**Cedro Rosa:** Ah...muito tempo, muito tempo!

**Pesquisadora:** Ele ainda é vivo?

**Cedro Rosa:** Acho que não mais...

**Pesquisadora:** A senhora se separou d'ele?

**Cedro Rosa:** Separei...

**Pesquisadora:** Tem algum motivo que a senhora se separou?

**Cedro Rosa:** Ele era “cóolatra”. E, ele não tinha puso firme cum as filhas. E, a filha me humilhavá muito [...] e, chego uma situação que perdi o controle [...] eu batí nela, né. Eu batí nela, ela chamo a pulícia prá mim... né...nós fomo para na polícia, né, foi que deu aquela maior confusão [...]

**Pesquisadora:** E, esse atual marido da senhora? A senhora disse que casou com 40 (quarenta) anos [...]

**Cedro Rosa:** 40 (quarenta) anos...eu casei!

**Pesquisadora:** Na igreja, no cartório, tudo isso!

**Cedro Rosa:** No cartório...certinho, tudo!

**Pesquisadora:** Com ele a senhora não tem filhos?

**Cedro Rosa:** Não! Não tenho, eu já era laqueada, eu...eu laquei [...]

**Pesquisadora:** No terceiro filho [sussurro].

**Cedro Rosa:** [...] na minha terceira filha, né. É, eu fui ganhá, fui tê ela no hospital São Pedro e...aí, eu fazia pré-natal lá. E, eu fui, falei pra minha médica assim: Eu tô tossindo muito, deu uma gripe muito forte, né, e eu tava tossindo muito, eu fumava, né, muito também. E, aí eu falei pra ela assim: Quero um xarope! Que eu não posso tomá qualche remédio, eu falei: Receita um xarope pra mim. Aí, ela falô: Não vamuvê. E, falô pra mim: Sobe ali que eu vô te examiná! E, aí, me examinô, falô: Não! Já tá maduro, já, í, você vai ganhá. Nós vamu, nos vamu, fazê uma...uma laqueadura na senhora!

- Quantos filhos a senhora já tem? Eu falei: Tem um monte em casa! Mas, meu mesmo é 02...um casal. Que era minha filha e esse [inaudível] que já tinha nascido, aí, ela falô: Não! Essa vai ser a última, vamu encerra essa fábrica, mas im secreto, porque antigamente pagava. Era 9 (nove) mil...10 (dez) mil! Dependia o médico.

- Aí, ela falô assim: Vô conversa com minha equipe que tá hoje... na maternidade, a gente vai fazê isso pra senhora, mas bico fechado, não fala pra ninguém! Falei: Tá bom!

Aí, fiquei lá. Ela falô [...] vô, tem contato com seu marido? Falei: Sim! Aí tem o telefone, peguei dei o telefone, eles ligaram pra ele do hospital. Ele veio, assino, lá! Tinha que assiná, né. Tinha que ter permissão! Ele assinó...e, fez a laqueadura! Graças a Deus por isso!

**Pesquisadora:** Pra senhora foi um alívio...

**Cedro Rosa:** Foi uma bença de Deus na minha vida! Foi uma bença...

**Pesquisadora:** Como foi pra senhora entra na menopausa?

**Cedro Rosa:** Na menopausa eu já tava com esse marido! Né. Eu já vivia com ele marido... sem casar! Né

**Pesquisadora:** Hurum..., mas, pra senhora enquanto mulher, entra na menopausa?

**Cedro Rosa:** Se sabe que... eu tava vivendo um...eu tava vivendo ... uma situação tão difícil! Que eu nem.... pra mim te falá a verdade [...] eu nem senti! Eu senti assim...a dificuldade, porque? Descia...eu pensava que tinha ido embora a menstruação, voltava! Eu ia fazê xixi tava lá de novo! Uma sujeirinha... e tal, aí um poco, ia imbora, aí um poco tava de novo! Um mês, aí passava um mês sem...dois mes nao tinha, nada! Não descia nada! Aí, foi assim...

**Pesquisadora:** Foi tranquilo!

**Cedro Rosa:** Aí, depois [...] é! Depois passô! Porque? A minha filha do meio me deu muuuuito trabalho em São Paulo. Então, eu tava vivendo assim... uma revolução assim de novo na minha vida, sabe. De novo! Ela não conseguia assim...ela aceitava se corrigida! E, eu sempre muito severa! Sabe, eu dava carinho de mãe, por exemplo: eu ensinava fazê a lição de casa, pegava na mão, mas, fazia alguma coisa errada, apanhava. Duro!

**Pesquisadora:** A senhora conseguia mesmo com a pouco escolaridade da senhora. A senhora conseguia ensina as coisas da escola?

**Cedro Rosa:** Conseguia! Eu ensinava, só que muitas vezes eu perdia a cabeça também! Né. Por causa da dor! A dor me fazia virá uma fera! Muitas vezes! A dor era maior que meu amor...na época...na hora! Eu começava a chacolha a perna! Se vê que eu tô dor...alguma dor [...] eu fico assim cum a perna... chacoalhando a perna. Ái, eu falava uma vez, duas vez, três vez, dez vez, e não fazia!

**Pesquisadora:** E, essa dor acompanhando a senhora[...]

**Cedro Rosa:** [...] a dor direto! Já pegava o caderno, batia na cara (pá,pá). Cê não aprende! Já começava a xinga!

**Pesquisadora:** O que a senhora entende por envelhecer ativo ou ativamente? Qual o entendimento da senhora?

**Cedro Rosa:** Olha! A vida que eu tive...a vida que eu tive...até que eu tô bem, vamu se dizer assim: eu tô bem. Eu sou ativa! Eu faço meu servicim de casa...

**Pesquisadora:** A senhora participa de alguma atividade na comunidade?

**Cedro Rosa:** Não!

**Pesquisadora:** Só fica em casa mesmo?

**Cedro Rosa:** Só, em casa mesmo!

**Pesquisadora:** A senhora cozinha, lava, passa, essas coisas é a senhora que faz?

**Cedro Rosa:** Tudo, tudo...eu faço meu trabalho! Só que... ultimamente, eles colocaram uma, uma moça pra fazê limpeza é, 02 (duas) vezes por mês, né. Prá mi ajudá! Então, ela vem, ela limpá, faz a sujeira mais pesada

**Pesquisadora:** Ái a senhora vai mantendo[...]

**Cedro Rosa:** [...] aí eu vô mantendo, vô conservando...aquilo ali, né

**Pesquisadora:** A senhora passeia?

**Cedro Rosa:** Não! Não...

**Pesquisadora:** Qual a diversão da senhora? O *hobby* da senhora? A senhora faz alguma coisa...

**Cedro Rosa:** Igreja! Eu vô pra igreja! Eu vô pra igreja...

**Pesquisadora:** Quantas vezes por semana? Ou por mês?

**Cedro Rosa:** Olha!

**Pesquisadora:** Qual a frequência?

**Cedro Rosa:** Uma duas vezes... Hã...eu vou [...] lá em São Paulo eu conheci...conheci muitas igrejas, muitos, porque eu ia pra cura a perna, porque eles me prometiam: Cura! As igrejas evangélicas oferece cura pra você [...]

**Pesquisadora:** E, a senhora perseguiu isso, né!

**Cedro Rosa:** [...] então, você se ilude. Você se ilude naquilo você vai cum muita fé, você vai querendo a sua saúde. Você não pensa em mais nada! Eu não pensava em mais nada! É, só em fica boa da minha perna! O que eu queria. Era o meu sonho! É, meu sonho! Né. Até hoje...até hoje! Prá fala pra você! Até hoje... porque as pernas foi impedimento pra tudo na minha vida ou pra quase tudo! Porque, se eu fiz alguma coisa foi por trás... disso daí, escondendo. Nunca fui eu mesma! Sabe. Nunca tive liberdade, assim! Sempre tinha aquilo na minha mente. Eu sabia que eu tinha aquilo. Num importa se alguém num via ou não sabia! Mas, eu sabia...eu sabia! Então, eu ia muito atrás...eu passava numa rua, tinha lá uma placa. Semana de cura e libertação. Ah. Eu vim aí!

**Pesquisadora:** Em função da ferida. E, isso? Eu posso dizer assim?

**Cedro Rosa:** Aí, eu ia, o primeiro dia, o segundo dia, o terceiro dia já ficava meio assim...num tava vendo nada, no quarto dia, fal...quer sabê de uma, aqui não tem é nada! Vô embora, aí saía, saía fora! Procura outra e assim por diante! Alguém ensinava, ali tem um benzedor que benze... que cura, eu tava lá. Ali tem um macumbeiro, que faz...macumba que sara...eu tava lá! Até aquele meu companheiro, que... que tinha os filhos, chegô a me levar... em vários lugares...pra sará a minha perna, né. Mas, não conseguimos nada! Tudo ilusão, sabe...

**Pesquisadora:** O que é envelhecer com qualidade de vida pra senhora? O que seria?

**Cedro Rosa:** Ah, é envelhecer com saúde! Né. É difícil no nosso país também, é cum saúde e você [...]

**Pesquisadora:** A senhora acha que envelheceu com saúde?

**Cedro Rosa:** [...] sem dores, né. Sem...Cum saúde, sem... por exemplo: você envelhecendo seus órgãos vão envelhecendo, sou consciente disso! Mas, é...envelhecer bem é você, é...por exemplo: é você ter uma boa alimentação, certo. Você ter um bom tratamento, que você possa levantar da sua cama de manhã, fazer a sua refeição e saí, toma um banho...saí...dá uma volta, anda...fazê uma ginástica, né. O que você pode! Da maneira que você [...] teu, teu corpo pod... você! Suporta aquela atividade! E, volta pra casa, fazê seus afazeres domésticos, do jeito que você pode! Né. Isso pra mim tava ótimo, mas, isso não passa perto de mim, uma que eu não tive uma infância boa, uma mocidade, nada bom, nada bom! Nada! Eu não queria morar em Dourados, nunca na minha vida! Era o pior lugar do mundo pra mim, porque aqui em num sei nada de bom! Não tem nada de bom [...]

**Pesquisadora:** Pra lembrar...

**Cedro Rosa:** [...] minha família mora tudo aqui. Cê, sabe quem vai na minha casa?

**Pesquisadora:** Hum

**Cedro Rosa:** Ninguém! Sabe que é minha família? Eu tô...vai fazê 20 dias que eu tô internada, sabe. Minhas filhas trabalham, meu filho também! Ele viaja muito...ele é segurança! Meu marido! Meus 03 (três) filho! Meus netos! É a minha família. Eu tenho! Morreu uma irmã, eu tenho a Sandra, a Jack, a Kenida, o Castelo e o Nilson [...] o Nilson é o meu irmão... que ficou, eu e ele em casa! Então, eu tenho quatro e morreu uma, era cinco, né. 05 (cinco) vivos, já tinha morrido, já 02 (dois), né, pequenininho. Então, eu tenho 04 (quatro) vivos, e eles têm filhos...

e, os filhos d'eles têm filhos, quem vem na minha casa? Ninguém! Sabe, e, eu sempre senti falta de família lá... em São Paulo, porque nos finais de ano se reúne as famílias e eu chorava muito, bebia muito por isso! Eu queria uma família! Eu queria alguém perto de mim, que me abraçasse, que me acolhesse, então, é, eu não tinha isso! Eu não tinha isso! E, aí quando chegou [...]

**Pesquisadora:** Teve algum momento que a senhora achou que construiu isso?

**Cedro Rosa:** Eu construí cum a minha família...minha! Dos meus filhos, eu construí!

**Pesquisadora:** Isso a senhora construiu?

**Cedro Rosa:** Eu construí! Eu consegui!

**Pesquisadora:** A senhora conseguiu manter...

**Cedro Rosa:** [...] consegui.... os meus filhos! São tudo na minha vida...sabe

**Pesquisadora:** A senhora tá feliz hoje com seu esposo da senhora?

**Cedro Rosa:** Eu tô...eu estou!

**Pesquisadora:** Ele é o companheiro da senhora no envelhecer, a senhora que...

**Cedro Rosa:** Ele é meu companheiro, eu sou por ele...e, ele é por mim! Sabe, nós 02 (dois), um é pelo outro. Então! É. Eu queria ter uma família, eu queria ter uma relação, família toda assim, meus irmãos, meus sobrinhos! E, aí, eu...meu pai adoeceu aqui, ficou muito ruim, eu vim e meu marido veio, falei: Vamu lá! Pro cé conhecê ele! Esse que mora comigo! Esse que eu casei...cum ele lá em São Paulo...

**Pesquisadora:** Depois de quantos anos de relacionamento, ele ia conhecer seu pai?

**Cedro Rosa:** Ah! Depois de muito tempo! Nós moramo 05 (cinco) anos juntos, depois a gente casou, né. A gente casou...né, 40 (quarenta) anos, né. Depois que eu conheci a Congregação Cristã, né.

**Pesquisadora:** Daí, mas casou por uma questão religiosa também?

**Cedro Rosa:** Tamb...Isso!

**Pesquisadora:** Porque tem igreja que não permite...né.

**Cedro Rosa:** A gente, a gente... não tinha planos de casa, não tinha financeiro, não tinha nada pra casa! né, e [...]

**Pesquisadora:** Que bom...

**Cedro Rosa:** Eu consegui a minha casa própria, né, em São Paulo, eu conquistei a minha casa com muita luta, né. Porque o prefeito, né, tava fazend...derrubando uma favela pr...prá... construindo umas casinhas popular...uma casinhas! Igual faz aqui...as casinha, né. E, aí uma amiga minha que cuido...tinh... aquela senhora que cuidou do meu filho [...]

**Pesquisadora:** Lá atrás, lá... quando ele tinha 04 (quatro) anos?

**Cedro Rosa:** [...] lá atrás... Aquela...isso! Ela pegou e mandou recado pra mim. Fala pra Maria vim que eu quero fala cum ela, tem uma favela que tá pra saí, que é onde ia passá a avenida

Anhaia Melo, ia passá li. Ia passá a avenida e a favela tava no meio, tava construindo a avenida e tinham que tirá urgente, tirá favela. Ela falô: Tem uma amiga que mora lá, amiga vai cede um pedaço, do...da terra, do fundo da casa d'ela...um pedaço muito pequeno, pra... pra mim...pra ela. E, ela me chamou...pra mi pôr lá, e aí assim... foi feito!

**Pesquisadora:** Pra ganhar a casa...

**Cedro Rosa:** [...] me coloco lá, pra mim ganhar a casa!

**Pesquisadora:** Generosa ela...hein

**Cedro Rosa:** Ela me colocô lá...pra mim ganhar a casa, e eu fui prá lá. Fizeram um barraquinho pra mim, montaram um barraco pra mim a noite, porque já não pudia entra mais, quando ela descobriu...já tava...já tinha o maquinário lá dentro da favela e se construísse mais algum eles derrubavam...passava máquina em cima, então, já tava contada as famílias, pras casas contadas lá, em outro bairro. Aí... a gente foi, ela me ajudou, o filho, a filha dela foi, o marido dela. É... esse homem que eu moro hoje é sobrinho dessa mulher, ele também tava lá, ele tinha vindo de minas, e, ele falô: vamô lá! Você é pedreiro, carpinteiro, cê vai lá ajudá. Dá uma mão lá. E, aí arrumei uma tábuia, telha...

**Pesquisadora:** Pra fazer o barraco...

**Cedro Rosa:** [...] tudo! Pra montar o barraco, mas não podia bate prego, porque não pudia faze barulho...à noite, tinha que ser a noite, depois das 10. Aí nós entramos sorrateiramente descarregamo o caminhão na chuva. Aí, montamos o barraco, né. Enquanto eles tavam terminando de montar, eu fui busca minhas coisa em outro lugar, eu e meu filho. O mesmo caminhão, nos fomô buscá! Muito longe...lá na cidade Tiradentes, aí nos fomô lá buscá. Aí truxemos as coisa, minhas coisinhas, muito pouco, mas era o que eu tinhá! Aí, eu coloquei lá dentro! Ali eu fiquei um mês e quinze dias que já tava pra sair as casas.

- Mas aí eu num tava iscrita nu...nu...nu plano deles, da prefeitura, eu tinha que entra. E, aí vinha o papel das reunião prefeitura, das reuniões pra eles e pra mim não vinha nada, porque...eu não existia pra eles. Mas, aí ela me... me falô: Não. Cê vai lá Maria e mente. Mente que cê já tava lá, inventa uma história ... cria alguma coisa...fala [...] aí eu fui na prefeitura. Eu ia todo dia na prefeitura todos os dias, todos os dias! Eu não tinha dinheiro pra pagar ônibus, eu pedi pro motorista pra entrar pela frente, na época ainda entrava pela frente, aí eu entrava...ele dexava, eu ia na prefeitura, chegava lá, procurava a assistente social, conversava! E, falava: Eu tenho três filhos menores, eu tô naquele barraco, eu já tava lá num contaram meu barraco, contavam o barraco da frente eu morava no fundo. E, a pessoa que atendeu num sabia falá direito, foi uma criança que atendeu vocês, e, eu tô lá, eu quero minha casa! Como? Eu vou ficá na rua? Eu só aposentada por invalidez. Tenho esse problema nas pernas [...]

**Pesquisadora:** A senhora é aposentada há muito tempo?

**Cedro Rosa:** Há muitos anos! [...] muitos anos! Conseguí aposentar...Graças a Deus...graças a Deus, consegui! Aposentar por este problema...da perna, eu aposentei em 85 (oitenta e cinco)

**Pesquisadora:** A senhora faz uso de algum benefício do governo?

**Cedro Rosa:** Não! Não! Num me encaixo em nada. Nada! Num... já fui procurá, mas não me encaixo em nada. Sabe.

**Pesquisadora:** E como a senhora se enxerga... a fisionomia...questão da (nossa) fisionomia (não só a senhora, eu também tô no mesmo processo que a senhora - só tô um pouquinho atrasada, uns 20 (vinte) anos, de envelhecer, do cabelo ficar branco? A senhora como mulher...da pele modificar[...]

**Cedro Rosa:** Aceito! Aceito! Aceito! Aceito com naturalidade...muita naturalidade...nunca desejei pintar o cabelo [...]

**Pesquisadora:** Não! Até porque ele é muito bonito...

**Cedro Rosa:** Nunca desejei [...] era muito bonito...meu cabelo [...]

**Pesquisadora:** Não. É bonito! O cabelo da senhora é muito bonito

**Cedro Rosa:** [...] meu cabelo batia assim... (demonstrando com as mãos a altura dos cabelos) eu não pudia cortar...por que meu pai...

**Pesquisadora:** A senhora não se sente pressionada a pintar o cabelo, a questão da imagem, isso não afeta a senhora. Nunca afetou?

**Cedro Rosa:** Nunca, não, não, não, nunca, nunca! Eu, eu usei muita maquiagem, fui muito vaidosa, né. Mas... é... esse marido que eu moro com ele, ele num gostava né, de maquiagem. E, aí, mas eu gostava de lápis e batom, sempre gostei... de lápis e batom. Mas, aí... eu fui parando aos poucos e no baton eu num conseguia deixá né, o baton, o baton. Aí, eu usava escondido d'ele, né. Quando a gente saía eu ficava meio pra trás, levava o baton e...passava na rua. Eu passava a olho! Né. Passava e ia embora! Ele olhava. Nossa! Cê passou baton! Ah. Passei! Cê não viu? E, passava, ia passando, aí chegou uma época, falei: Quê sabe de uma... vô pará também com isso daí ...num faz diferença.

**Pesquisadora:** A senhora já me disse que tem filho. Já tem quantos netos?

**Cedro Rosa:** Eu tenho 08 (oito) netos e uma bisneta

**Pesquisadora:** Viu que história linda que a senhora construiu?

**Cedro Rosa:** Conseguí (respiração profunda) com muita luta! Só eu e Deus sabe!

**Pesquisadora:** Que a senhora não realizou ainda? Que a senhora quer realizar?

**Cedro Rosa:** Sara da perna.

**Pesquisadora:** Esse é o sonho da senhora?

**Cedro Rosa:** Esse é o meu sonho! Esse é o meu sonho. Quando ela tá cicatrizada assim, quase cicatrizada... eu fico hiper feliz. É uma liberdade pra mim...eu respiro!

**Pesquisadora:** A senhora tá feliz hoje?

**Cedro Rosa:** Sou feliz.

**Pesquisadora:** Não. Hoje. Hoje a senhora tá feliz? Com o tratamento que a senhora tá tendo?

**Cedro Rosa:** Sou. Sou feliz hoje!

**Pesquisadora:** A senhora está a mais de 20 (vinte) dias com a gente, né.

**Cedro Rosa:** Já. mais! Já mais!

**Pesquisadora:** Não. A senhora tá mais de 20 (vinte) dias [...] com a gente, né!?

**Cedro Rosa:** Não! Quase 20 (vinte) dias

**Pesquisadora:** Quase 20 (vinte) dias

**Cedro Rosa:** Eu internei dia 26 (vinte e seis)

**Pesquisadora:** Hoje. A senhora está feliz com o que a senhora está recebendo?

**Cedro Rosa:** Sou muito bem tratada aqui e num é a primeira vez que eu sou internada aqui.

**Pesquisadora:** A senhora tá sem dor hoje?

**Cedro Rosa:** Sem dor, totalmente!

**Pesquisadora:** Quantos dias a senhora num sente dor?

**Cedro Rosa:** Ah! Mais...uns 04(Quatro) dias. Eu não tenho dor nenhuma. Tava com muita dor de cabeça, porque eu tossia, tossia, tossia demais [...]

**Pesquisadora:** Eu lembro quando a senhora chegou...

**Cedro Rosa:** [...] doía a cabeça, o olho e o ouvido, né. Eu tomava dipirona de hora em hora...né, não passava!

**Pesquisadora:** E o que a senhora pensa. Porque a senhora ainda é jovem, se a gente for pensar sobre o que é envelhecer e como as pessoas estão envelhecendo hoje e como as pessoas estão envelhecendo. E a senhora ainda tem mais 20 (vinte)...25(vinte e cinco) anos de vida, até mais. O que a senhora ainda quer realizar?

**Cedro Rosa:** O que eu quero? Eu quero viver sem dor, eu quero viver bem, eu quero andar! Eu quero ainda ser útil, eu quero ser útil pros meus netos, que quero viver, assim é... fazê meus afazer. Porque eu gosto da minha casa! Eu gosto de fazer meus afazer. A outra pessoa faz, mas pra mim...eu aceito! Mas, não tá bom pra mim. Porque eu sempre fui exigente comigo mesmo. Acho que me ensinaram a ser exigente, porque trabalhei muito pros... zoutros, então, as pessoas exigiam de mim. Então, eu aprendi a exigi de mim mesma. Sabe, eu sempre quero o melhor! Sempre eu faço o melhor que eu posso pra você. Se você me pedir... qualquer coisa, eu vô me doar! O melhor que eu tive. Pra mim...pra você, não...não ficar contra mim, não me reclamar! De nada! Sabe! Não por defeito no meu trabalho!

**Pesquisadora:** Até hoje a senhora acha que ainda... cabe lugar pra ser tão exigente depois de 67 (sessenta e sete) anos?

**Cedro Rosa:** Exigi?

**Pesquisadora:** Pra ser tão exigente com a senhora. A senhora não acha que já dá pra relaxa? Um pouquinho.

**Cedro Rosa:** Num sei...

**Pesquisadora:** [...] de viver um pouquinho mais relaxada de curti a vida.

**Cedro Rosa:** Ah sim...

**Pesquisadora:** De respirar...um pouco mais calmo... entendeu?

**Cedro Rosa:** É. Eu num sei... é uma coisa, assim. Num sei...é...eu já relaxei um pouco, assim, sabe. Por exemplo essa moça que vem faze serviço em casa, eu olho e vejo que não tá bom, do meu gosto! Sabe. Mas, eu não sei reclamá cum ela, porque eu nunca aceitei ninguém reclamá prá mim! Então, eu não sei fala: Nossa! Isso aqui não tá bom! Faz aqui de novo! Sabe? Limpá esse vidro direitim, tem uma mancha, aqui, tem um sinal de mão. Não. Eu prefiro, eu pegar outro...ela ir embora, eu pegar um panim e lá e fazê, do que eu falá cum ela, pra ela fazê, sabe. Eu não sei mandá.

**Pesquisadora:** A senhora sempre foi mandada. Né. Talvez seja isso?

**Cedro Rosa:** Isso! Não sei mandá! Ninguém. Não sei mandá. Sabe. Os meus filhos eu sabia, porque tinha que fazê, porque eu ia trabalha, eu deixava tarefa...

**Pesquisadora:** Tinha que fazer?

**Cedro Rosa:** Tinha que fazê. Tá, se não fizesse apanhava...e muito...e muito! Né...mais...é assim, por exemplo: os meninos se reuni e pagá, né, a moça. Eu num sei, eu me envergonho de mandá, assim de falá, as coisa, eu vejo que tá errado, mas ...aí eu fico, sabe... P da vida, num falo nada, fico na minha...

**Pesquisadora:** Passou rápido pra senhora...esses 67 (sessenta e sete) anos?

**Cedro Rosa:** Passou! Passou! Passou [...]

**Pesquisadora:** Tem muita coisa pra fazer ainda, né?

**Cedro Rosa:** [...] passou, passou...passou

**Pesquisadora:** A senhora construiu muita coisa!

**Cedro Rosa:** É. Eu consegui minha família, eu tenho minha família, é a minha riqueza!

**Pesquisadora:** Família, os filhos, os netos...

**Cedro Rosa:** É. Essa é a minha família. Essa é a minha riqueza! É minha riqueza...

**Pesquisadora:** A senhora não conta pros filhos da senhora tudo o que a senhora passou, ou a senhora conta?

**Cedro Rosa:** Só pro meu filho!

**Pesquisadora:** As outras 02(duas) meninas...são 02(duas) meninas: a Cibele e a outra é?

**Cedro Rosa:** Cinthia!

**Pesquisadora:** Cinthia. Elas não sabem?

**Cedro Rosa:** Não! Elas sabem ...um pouco! Não tudo!

**Pesquisadora:** Porque a senhora não deixa elas saberem? A senhora têm uma história de vida tão bonita? A senhora não acha que isso ia sensibilizar elas também...no trato de mulher pra mulher...

**Cedro Rosa:** Num sei... talvez, hoje, talvez [choro], porque cada pessoa é uma pessoa, cada ser humano é diferente ... uma personalidade [...]

**Pesquisadora:** Porque a senhora me disse que agora a senhora entende a madrasta da senhora? Depois de um algum tempo a senhora começou a compreender ela?

**Cedro Rosa:** Porque se ela fez alguma coisa ...é...assim... por mim. Ela, ela fez prá me ajudar, ela fez o papel de mãe que eu não tive...

**Pesquisadora:** [...] mesmo ela sendo tão exigente...

**Cedro Rosa:** [...] é...mesmo ela exigindo. Porque? Ela trabalho muito pra nos sustenta, porque meu pai foi muito assim mulherengo, e ela que ficou com a responsabilidade total sendo que ela não tinha nada a ver cum nós.

**Pesquisadora:** Mas, a senhora disse que só enxergou isso depois de um tempo...

**Cedro Rosa:** Depois de um tempo. Então. Porque? Porque a família do meu pai punha nós contra ela, quando a gente ia passeá na casa tia, primo... essas coisa. Eles falava: Essa mulher não presta! Essa mulher é prostituta! Essa mulher fez seu pai separa da tua mãe! Essa mulher é isso! Então, fazia a nossa cabeça, quando a gente chegava em casa, que ela falava alguma coisa ... a gente falava coisa feia pra ela, palavrões, se não é minha mãe! Cê não me manda! Que num sei o quê...sabe!

**Pesquisadora:** Que talvez ela não merecesse...

Cedro Rosa: [...] aí ela se revoltava contra a gente...com razão...com razão...ela não merecia isso! Porque ela costurava... sobra das costuras, ela fazia roupa pra nós, pro meu irmão e pra mim... fazia shortin, um lado aqui de uma cor, aqui de outra, atrás de outra, aqui na frente de uma!

**Pesquisadora:** Eu sei assim...uma manquinha...

**Cedro Rosa:** Isso! Ela fazia infentinho, sabe? Pra... pra disfarçar. Fazia colarim de uma cor assim, pro meu irmão. Então, é... ela lavava roupa fora[...] então! É, aí eu percebi, sabe. Que ela é uma pessoa maravilhosa, esforçada, trabalhadora, sempre lutou muito por nós!

**Pesquisadora:** O pai da senhora ainda é vivo?

**Cedro Rosa:** Não!

**Pesquisadora:** E ela?

**Cedro Rosa:** Também já faleceu! Mas, quando... antes d'ela falece, a gente converso muito ela moró na minha casa, em São Paulo. Ela foi... foi ficá cum meus filhos, que eu fui internada em São Paulo várias vezes, em vários hospitais, por causa da perna, vários hospitais, então ela ia daqui. Ela trabalhava de doméstica, deixava o trabalho d'ela, ia pra São Paulo, ficá comigo. Aí quando ela separó do meu pai, ela foi pra lá. ficó lá comigo.

**Pesquisadora:** A senhora não pensa em participa de associações que tenha outros idosos. Que tenha outras atividades, a senhora não sente?

**Cedro Rosa:** Não. Não, não! E, quando meu pai faleceu eu fiquei...eu quase fiquei em depressão, sabe. Ou fiquei em depressão, num sei! Só que não procurei tratamento, por que eu

assisti a morte d'ele, no hospital, né...eu tava com ele na hora de ele faleceu, né. Aí, eu fiquei muito triste assim, mas, num sei o que eu posso nem te fala o que eu realmente senti, sabe. Eu fiquei confortada mas, ao no tempo...mesmo tempo... eu não aceitava, porque, ele...foi muito rápido assim, ele era novo! Sabe. Ele era novo ainda. Hoje... na época de hoje, ele era novo, né... tinha alzheimer, aí deram remédio errado! Ele começou a convulsionar, aí ficou internado [...]

**Pesquisadora:** Daí a avó da senhora tinha alzheimer - que a senhora acha e o pai da senhora também tinha alzheimer?

**Cedro Rosa:** [...] teve alzheimer. Eu acho porque ela perdeu a memória, né. Por... antigamente falava que a pessoa ficava louca, mas não era louca, né. Era alguma doença mental...e, meu pai foi constatado que deu alzheimer nele, né. Ele me dava bença...ele me chamava de mamãe... eu ia na casa d'ele...eu já tava morando aqui. Aí eu ia lá[...]

**Cedro Rosa:** E, nisso a senhora já tinha perdoado ele?

**Cedro Rosa:** Ah, já! Já. Porque eu...eu me converti, né. Eu obedeci, tudo. Eu entendi, né. Que a gente deve perdoa as pessoas, eu perdoei ele! Tudo! Normal...sem mágoas...

**Pesquisadora:** Isso não é um problema hoje pra senhora?

**Cedro Rosa:** Não. Nada! Nada! Passou... aquilo ficou...eu só não quero...assim muitas vezes, faço força pra não lembra, né. Porque lembra o passado é re...revive ele, é sofre duas vezes, então, é ficó prá trás, sabe. Fico pra trás! Esse passado tá lá, a minha vó judiou muito da gente também, tá. Não interessa mais, né. É...então, ele... a minha mãe de criação, aí, eu chamava ela de mãe, sabe. Falei: Posso te chamar de mãe? Abraçava ela, sabe. Eu queria cuida d'ela. Que ela tava doente, ela ficou depressiva em último grau, sabe. Ela receitava comida, né. Enfraqueceu muito, muito, muito, muito, sabe, fico só o ossinho, dava pra pegar no colo, leva no banheiro, traze, e aí deu uma pneumonia, grudou os dois pulmões e foi embora, né. Mas o meu pai ficou ainda...vivo. Ele ficou vivo, ainda...

**Pesquisadora:** Dona (Cedro Rosa). Se a Dona (Cedro-Rosa) de hoje pudesse encontrar a criança que a senhora foi, o que a senhora falaria pra ela? [emoção]

**Cedro Rosa:** Se eu encontra-se aquela criança antigamente. Olha! Eu a abraçaria somente. Eu aconchegava ela... [choro].

[Levantei pra abraça-la]

**Pesquisadora:** Eu lamento muito que a senhora tenha passado por isso!

Pesquisadora: A senhora me ensinou tanta coisa hoje. Eu lamento muito, muito, muito tudo que a senhora e como a senhora é forte e valiosa! Eu te agradeço muito! Muito

**Cedro Rosa:** O mundo me fez forte! A vida...me fez. Eu tive que ser...para não perde meus filhos...

**Pesquisadora:** Pra não se perder, né!

Cedro Rosa: [...] lutei por todos, lutei. E, tô aqui em Dourados, voltei pra cá, pelos meus netos. Porque meus filhos, eu educava do meu jeito, os meus netos, não! Naum pudia, porque eles

tinha seus pais, eu num pudia, não tava ao meu alcance. E, eu via muita pessoa se perdendo no trâfico, na morte em São Paulo, na minha vila. E, eu falei pro meu esposo: Nós vamo ter que vamo sair daqui! Pelos meus netos! Já tinha nascido dois homens, dois netos homens. Falei: Vamos procurá um lugar, e, ele conheceu aqui e gostou daqui! Lugar calmo, tranquilo, né. Ele falô: Ah. Vamu embora prá, cá! Eu falei: Quem sabe minha família me abraça! Mas foi o contrário. Eu cheguei chorá pru meu irmão, por parte de pai, vai na minha casa! Eu não tô a quilômetros longe...eu moro ali! Vai na minha casa! Você passa na rua...cês não vão na minha casa! Eu queria muito ter família, vocês tão aqui! Eu tô aqui, agora, mas não!

**Pesquisadora:** Eles tão perdendo muito

**Cedro Rosa:** [...], mas, não! Ninguém vai na minha casa... Eu senti muito! Muito [choro]

**Pesquisadora:** Eu te desejo a cura! Eu te desejo que você tenha mais uma semana, um mês, um ano, o resto da vida sem dor e tudo que eu posso te desejar! A dor da ferida e a dor da sua alma! Eu te desejo a cura! Muito, muito, muito, mesmo. Você me ensinou muito hoje, nem que eu leia todos os livros do mundo, eu nunca vou aprender tudo que eu aprendi aqui, hoje. Você me ajudou pro resto da vida! Você me ajudou pro resto da vida!

[entrevista foi encerrada, mas a gente seguiu conversando]

## PROCESSO DE CRIAÇÃO DO PUXA-CONVERSA

No âmbito da produção de conteúdo educacionais, há um foco bem claro, o desenvolvimento de um produto de natureza educacional que possam ser aplicados em condições reais de atuação profissional que é o objetivo e exigência do Programa de Pós-Graduação em Educação em Saúde da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul - PPGES, não somente o trabalho de dissertação como trabalho final, haja vista que contempla o Mestrado de natureza profissional.

O material educativo é um objeto que proporciona e facilita a experiência de aprendizagem e não se trata apenas de uma ferramenta informativa (texto, audiovisual, multimídia ou qualquer outro) que proporciona informações, mas sim, em determinado contexto, um meio de fomentar e desenvolver uma experiência de aprendizado. Melhor dizendo, um processo de transformação e enriquecimento em algum sentido, seja conceitual ou perceptivo, axiológico ou afetivo, de habilidades ou atitudes, entre outros (Kaplún, 2003).

Segundo Filatro e Cairo (2010) deve ser respeitados seus conhecimentos anteriores, seus estilos de aprendizagem, seus interesses e suas motivações), do contexto institucional (condições temporais e espaciais, recursos humanos e financeiros, cultura dos grupos e das

instituições) e da própria natureza do conhecimento a ser aprendido na garantia de uma compreensão mais profunda e relevante (Filatro e Cairo, 2010 p. 243).

Sendo assim, para a construção de um Produto Educativo as pessoas idosas internadas determinaram-se a partir das seguintes perguntas? Como criar um produto que ajude a desenvolver reflexões nas pessoas idosas e seus acompanhantes (formais e informais) que tenha uma relação direta com o trabalho, mas de forma leve, assertiva, reflexiva, equilibrada e enriquecedora? Que tenha condições de aplicabilidade dentro das instituições hospitalares ou fora dela por outros profissionais?

Tomamos por decisão uma estratégia de aprendizagem a elaboração de um produto educativo com design atrativo que possa ser aplicado em condições reais às pessoas idosas internadas na clínica médica por meio da sensibilização da educação, da formação do senso crítico dos sujeitos amparados na análise do material analisado e construção de uma reflexão crítica e transformadora.

No contexto deste projeto, abandonamos a ideia de produtos ditos mais complexos com p. ex. a criação de aplicativos ou games. Assim, empenhamo-nos na construção e produção de um Produto Educacional em Saúde nomeado com: *Caixa puxa-conversa Envelhecimento Humano – Qualidade de Vida*, apresenta 179 cartões aleatórios (folhas soltas abarcando perguntas diretas, abertas, em linguagem popular e, em português,) para que sejam retiradas da caixa e trabalhadas tanto individualmente quanto coletivamente com finalidade educacional orientada para a valorização das pessoas idosas e dos seus saberes.

Trata de produto reproduzível, de fácil utilização, portátil, dispensa recursos materiais extras, pode ser utilizado em diversos ambientes de aprendizagem com grande mobilidade e flexibilidade. Por outro lado, existe uma fragilidade inerente ao produto que é a possibilidade de esbarrar porventura no declínio da capacidade cognitiva ou no analfabetismo uma realidade brasileira e ao risco de tornarem-se “datados” ou desatualizados.

## **1. A identidade visual**

A partir dessas explanações, o primeiro desafio foi a construção de uma identidade visual – um logotipo, algo identificável, porém simples, que transmitisse confiança e leveza à temática abordada. Consideramos a utilização da imagem de árvore em decorrência do seu forte simbolismo cultural e espiritual nas mais diversas culturas associando o desejo dos indivíduos de transcender, da interação dinâmica e resiliente diante das adversidades experienciadas (Ribeiro, 2018).

A árvore: simbólica é muito utilizada como uma metáfora para compreender a jornada dos indivíduos em busca do autoconhecimento, equilíbrio emocional e crescimento espiritual; desde a semente, o desenvolvimento e a evolução, a árvore guarda em si o potencial de vir-a-ser, dos ciclos, da obra, da relação com meio, da força das suas raízes e dos diferentes ciclos (fases) pelo qual passamos no percurso da vida, seus ramos que sobem em direção ao céu para receber à luz (a direção) e o caminho do céu, os anéis de crescimento do tronco registram tudo que a árvore passou demonstrando inclusive os desafios enfrentados e a sua superação, já suas raízes prendem-se na terra para absorver os nutrientes necessários ao seu crescimento e também para manter a estabilidade durante as tempestades. No âmbito espiritual, perante a face de Deus é visto como símbolo de resignação e virtude.

Quando transportamos essa metáfora para a vida do Ser humano, representa a vida e sua perpétua evolução, sempre em ascensão, que evolui ao longo da jornada e se torna capaz de ultrapassar todas as adversidades (simbolizadas pelos ramos encruzilhados) e segue em frente, em direção à luz – a uma vida bem-sucedida.

Para criação de uma identidade visual foi necessário à contratação de uma profissional (Designer de Marcas), contactada através de indicação e realização das tratativas via WhatsApp, discutidas as ideias, com definição do título e subtítulo da logomarca, a imagem desejada e cores. Com apoio dessa profissional foi possível aperfeiçoamento das ideias e confecção conforme imagem abaixo.

Imagen 01: Identidade visual



Fonte: Desenvolvida pela Designer de Marcas, 2023.

O critério para a escolha da fonte foi a transmissão de seriedade, confiança trouxessem leveza e fluidez para a composição. A escolha das tipografias foi feita com o objetivo de encontrar um equilíbrio, assim no layout final onde lê-se: Envelhecimento Humano utilizado a fonte: Geomatrix e GnuOlane Rg (Qualidade de Vida), respectivamente.

## **2. O produto educativo**

O *insight* para o desenvolvimento e construção de um jogo de cartas (baralho), surgiu de uma inquietação decorrentes da prática profissional, da percepção referente os idosos internados e seus acompanhantes às vezes presentes à beira leito e que percebemos certo grau de dificuldade de dialogar e em alguns casos pouco conhecem aquele “indivíduo” sobre o leito, mesmo sendo filho(a), esposa(o), irmã(õ), cuidador(a) formal e até amigos, assim, surgiu o *insight* para a proposição do produto como a possibilidade de disparador de conversa à beira leito.

Contudo, desde o início com foco foi a viabilidade do produto, empenhando-nos na construção de algo simples, prático, de baixo custo, portátil, reproduzível e que estivesse relacionado diretamente com o seu dia a dia, o passado e as expectativas para o futuro. O intuito da construção deste produto educativo é facilitar as interações dos cuidadores formais e informais relacionados às pessoas idosas internadas, otimizar e potencializar a sua permanência à beira leito além do potencial em proporcionar uma melhor compreensão do seu modo de agir ou reagir a determinadas situações a partir do seu estilo de vida, suas alegrias, das suas dores e angústias.

O enfoque do material é justamente tornar-se um disparador para o início de conversas através de perguntas norteadoras e da Escuta Ativa com a finalidade educacional, orientando-os para a sua autovalorização, o reconhecimento dos seus saberes e valores por meio da sensibilização, da educação, da formação do senso crítico direcionando-os a autorreflexão sobre o envelhecimento humano e qualidade de vida.

As perguntas foram construídas a partir da análise das entrevistas, dando origem a 179 (cento e setenta e nove) cartões sobre vários aspectos da vida; saúde física, intelectual, socioafetiva, profissional, espiritual, econômica e financeira que possibilitará o desencadeamento de um diálogo mais compassivo entre o(s) paciente(s), acompanhante(s) e profissional(is) de saúde.

Foi adicionada a fonte sem serifa tanto na capa quanto nos cartões. Quanto à utilização da cor, de acordo com o Heller (2000), cores claras remetem a leveza e harmonia, a cor verde

é o símbolo da vida em seu mais amplo sentido – não só com relação à humanidade, mas a tudo que cresce, é a cor da primavera. E, faz acordo entre as cores que simbolizam felicidade, esperança, harmonia, confiança, amizade e frescor, adicionada ao branco, denominada como uma “cor pura” e exprime o sentimento de transparência também escolhida neste projeto (Heller, 2000 p. 255). Quanto ao código das cores utilizadas foram os tons de verde e cinza (gradiente).

Quadro 1: O código das cores da logomarca.

R: 144	C: 50	L: 74
G: 197	M: 1	a: -33
B: 76	Y: 98	b: 51
#90C54C	K: 0	
H: 86	H: 87	Y: 168
S: 61	L: 53	I: 104
B: 77	S: 51	Q: 76

Imagen 02: Layout do título e subtítulo da logomarca Envelhecimento Humano – Qualidade de vida.



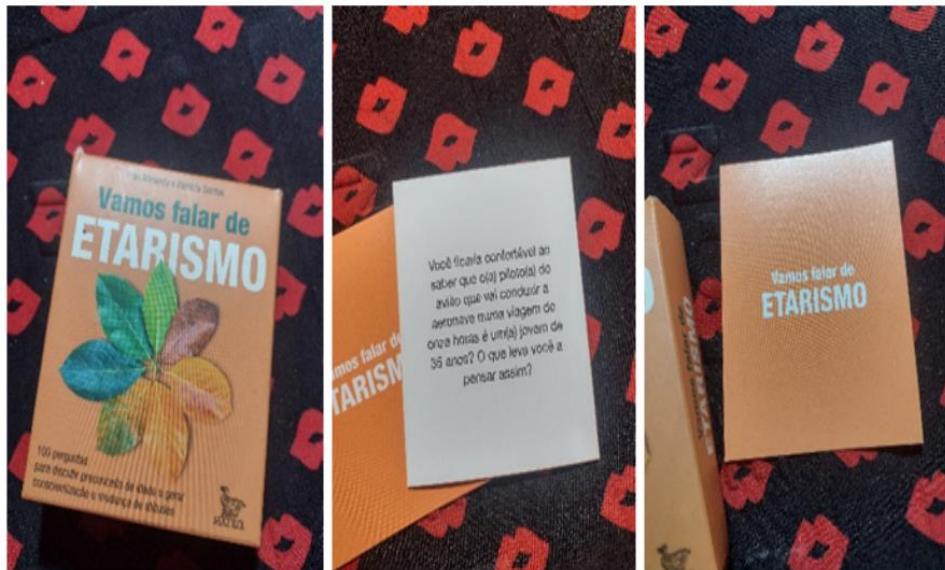
Fonte: Desenvolvido pelas autoras.

A caixa puxa-conversa nada mais é do que uma oportunidade de interação e reconexão entre a pessoa idosa através da possibilidade de interação e escuta por parte acompanhante, cuidador e/ ou profissional de saúde que demonstra cumplicidade, interesse genuíno, respeito e amorosidade sobre as respostas adicionando inclusive outras perguntas para o desencadeamento de outros assuntos com base no que foi dito através da pergunta disparadora. Desta forma, sentindo-se ouvidos e acolhidos, entendemos que as pessoas idosas estarão mais aptas para continuar compartilhando seus conhecimentos e saberes individuais oferecendo a oportunidade de ser escutado e valorizado.

### **3. A caixa puxa-conversa**

Inicialmente foi confeccionado com molde base em papel cartolina (amarelo-ouro) a partir de uma embalagem de um produto similar, da editora Matrix, a qual vende uma série de produtos semelhantes com inúmeras temáticas, chamados de “livros-caixa”.

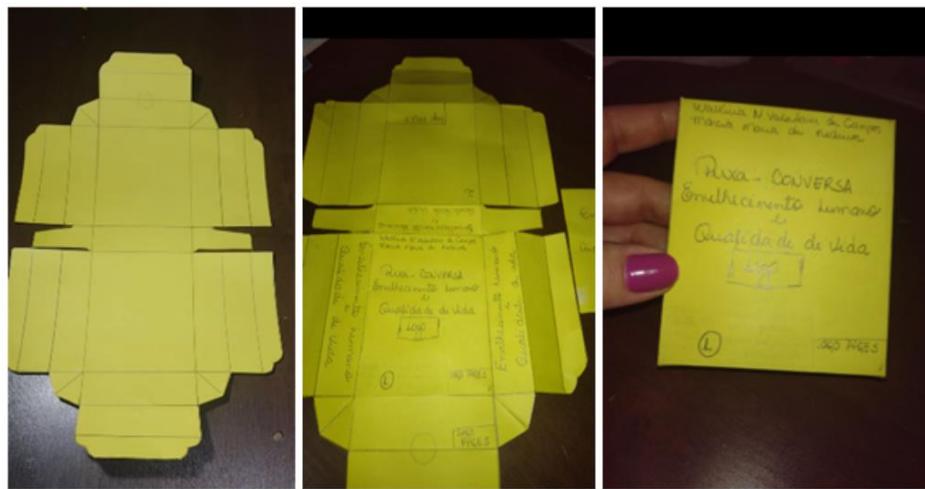
Imagen 03: Livro-caixa Vamos falar de Etarismo. Editora: Matrix



Fonte: Desenvolvido pelas autoras.

Essa etapa de construção nos forneceu subsídios para a percepção das dimensões, os encaixes necessários para facilitar a organização e ordenação das imagens (logomarcas do PPGES, da UEMS e da identificação visual), a possibilidade de ordenação das informações como, os nomes das autoras e o texto descrito (face posterior da caixa). O esboço base construído foi construído em cartolina amarela sobre o molde do produto similar e apresenta: C x L: 33,3 x 20cm. Conforme figura abaixo.

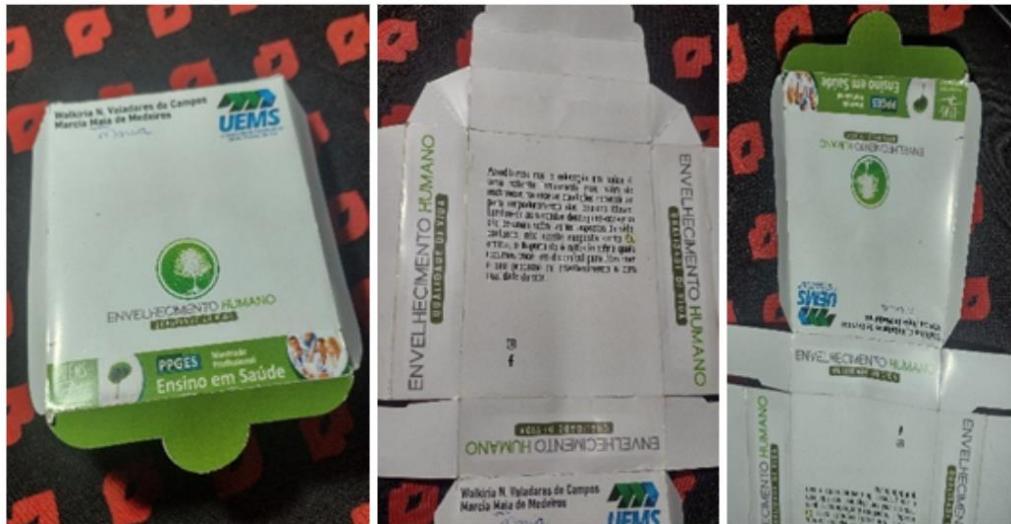
Figura 04: Esboço base da caixa.



Fonte: Desenvolvido pelas autoras.

Após o envio das informações textuais via e-mail para a gráfica foi desenvolvido um modelo preliminar do produto educacional impresso em manufatura simples, apenas 01 (uma) impressão colorida que possibilitou a avaliação da estrutura da caixa, a disposição dos elementos gráficos, a avaliação das cores, momento que possibilitou a observação de erros de digitação e relocação dos elementos textuais, das imagens e reorganização do produto.

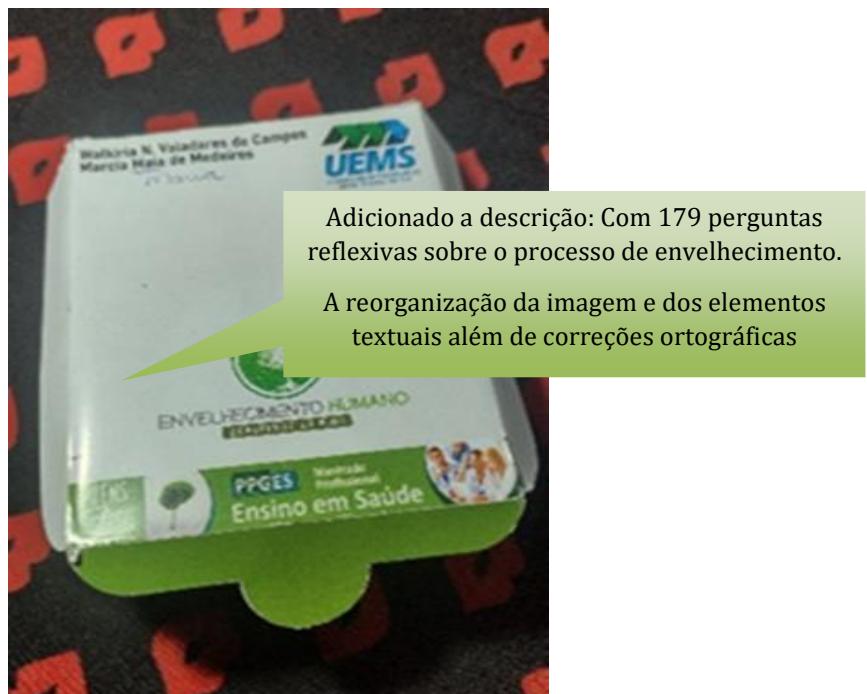
Imagens 05: Modelo preliminar impresso.



Fonte: Desenvolvido pelas autoras.

Nesta fase, foi observada a ausência da descrição do conteúdo da caixa na face anterior e a possibilidade de adição de conteúdo na face posterior da caixa, devidamente corrigida e acrescentada para impressão final.

Imagen 06: Face anterior da caixa.

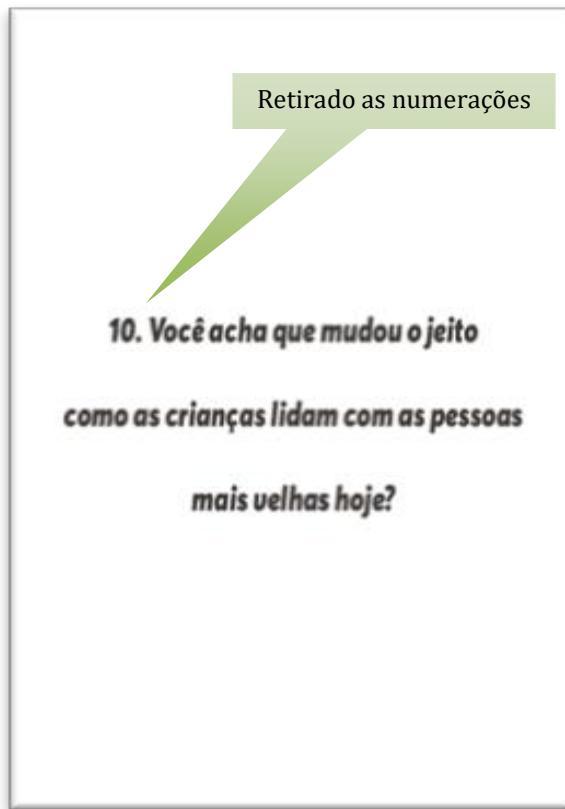


Fonte: Desenvolvido pelas autoras.

#### 4. Layout dos cartões de perguntas.

O próximo passo tratou da construção layout dos cartões de perguntas, momento que foi possível a identificação de erros de interpretação, causados pelo envio das perguntas por e-mail, digitadas e enumeradas do 01 (um) ao 179 (centro e setenta e nove), numeral que foi adicionado rigorosamente pelo designer em todos os cartões e retirado na proposta final para impressão.

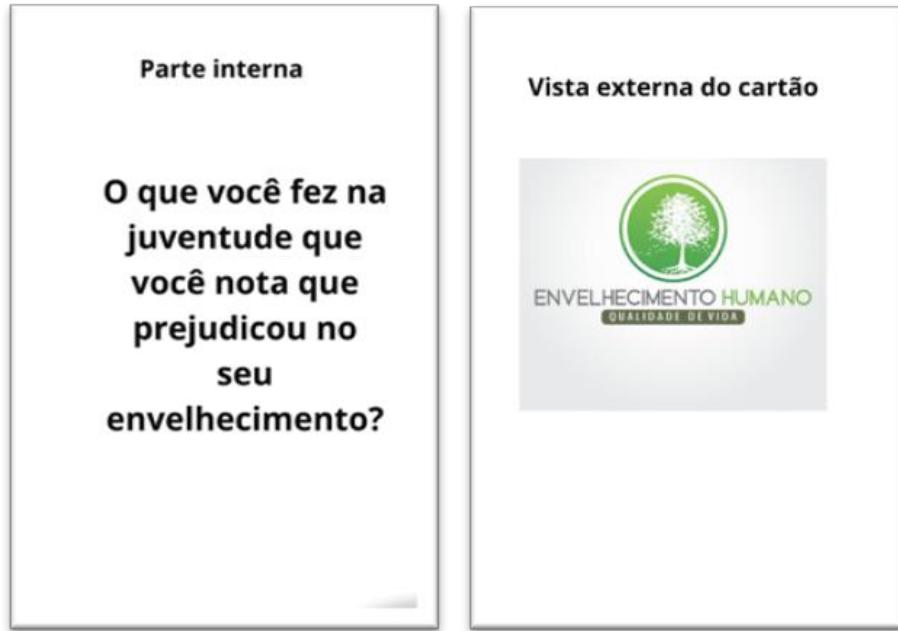
Imagen 07: Layout dos primeiros cartões de perguntas



Fonte: Desenvolvido pelas autoras.

Cada cartão apresenta L x A: 7,3 x 8,8cm em papel Couchê 170gr, possui 01(uma) pergunta curta e aberta, com padrão centralizado, fonte Bahnschrift tamanho 11 pt, cor preta, que não pode ser respondida com um simples “sim” ou “não”, incentivando respostas mais elaboradas pelos indivíduos. Destacamos que se bem aplicada pelo facilitador cabe, a pergunta, a resposta, a réplica e a tréplica durante a aplicação, ação que contribui para conhecer ou re(conhecer) coisas novas sobre a pessoa idosa e sobre si.

Figura 08 e 09: Layout da face interna e externa do cartão de pergunta, respectivamente.



Fonte: Desenvolvido pelas autoras.

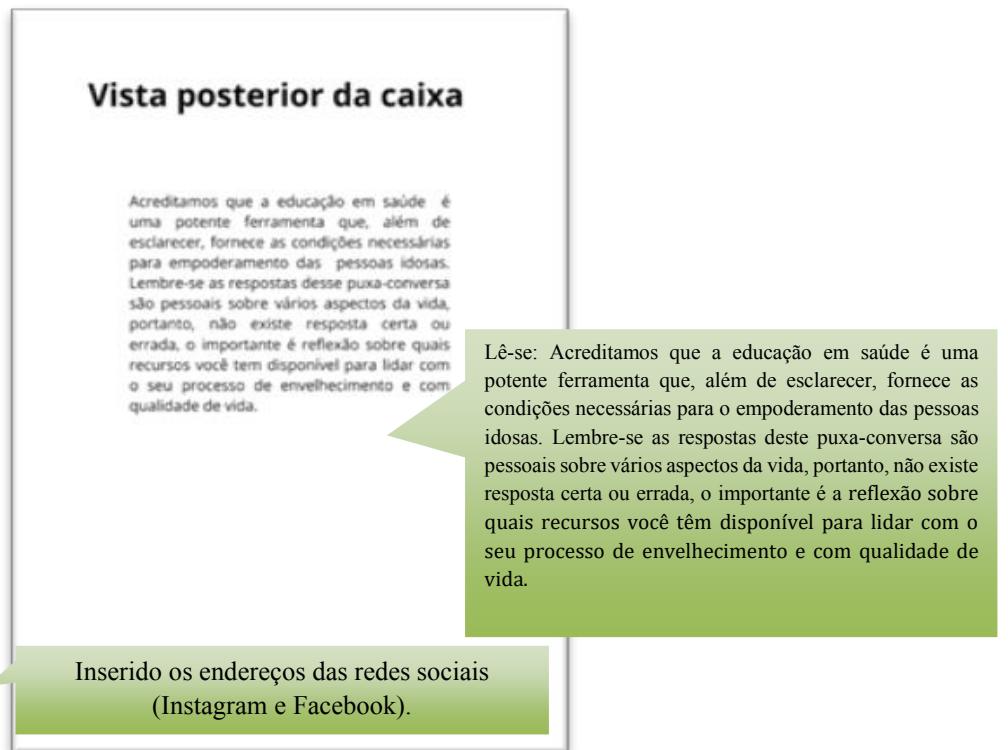
Imagen 10: Esboço do primeiro layout realizado pela gráfica.



Fonte: Desenvolvido pelo Designer gráfico (Comercial Gráfica TipoSul).

A organização dos cartões em uma caixa é uma estratégia que proporciona maior facilidade no armazenamento, praticidade além de oferecer total proteção ao produto proporcionando-lhe maior durabilidade.

Imagen 11: Layout da face posterior.



Fonte: Desenvolvido pelas autoras.

Adicionado na face externa (posterior) a representação gráfica visual das páginas online com publicações nas redes sociais sobre a temática nos endereços: @enve.lhecimentohumano (Instagram) e Envelhecimento Humano (Facebook).

Imagen 12: Face lateral da caixa



Fonte: Desenvolvido pelas autoras.

Para a finalização da diagramação da tecnologia educativa, foram realizados contato via telefone para esclarecimentos sobre objeto desejado e realização de orçamentos 02 (dois) orçamentos por mensagem de textos (WhatsApp) em gráficas distintas. Foram necessários 03 (três) encontros pessoalmente com a equipe da gráfica com objetivos de escolher da gramatura do papel, coloração, acabamento, esclarecimento de dúvidas relacionadas a diagramação (distribuição dos elementos gráficos) e correções principalmente, os erros ortográficos.

## **5. A caixa puxa-conversa Envelhecimento Humano e Qualidade de Vida**

A embalagem final constam na parte face superior esquerda, os nomes das autoras, na parte superior direita a logomarcas da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS), centralizado o título: Caixa puxa-conversa, imediatamente abaixo, a imagem da árvore da vida em branco e verde, logo abaixo o subtítulo: “Envelhecimento Humano – Qualidade de Vida”, além do texto descritivo, lê-se: Contém 179 perguntas reflexivas sobre o processo de envelhecimento” na fonte, Averta Black Italic e na parte inferior centralizada a logomarca, do Programa de Pós-Graduação Ensino em Saúde – Mestrado Profissional (PPGES).

Imagen 13: Produto finalizado



Fonte: Desenvolvido pelas autoras.

A versão final possui dimensões: 9,5 x 8,1 x 2,4cm (caixa fechada), apresenta o peso total do produto: 188 gr, embalagem em papel com gramatura alta dando maior resistência a

embalagem e folhas internas com gramatura média, a face interna em branco para evidenciar melhor o texto, sem nenhuma ilustração ou desenho, mantendo somente a matriz verbal (texto) em estrutura linear, centralizada, fonte Bahnschrift – 12pt (sem serifa), na cor preta.

Observamos a necessidade de desenvolver um manual, no qual chamamos de Manual do facilitador, confeccionado em folha A4, com o objetivo de fornecer orientações, facilitar a condução da atividade e sanar as possíveis dúvidas quanto a aplicação, além das especificações técnicas. Quanto ao designer, a folha apresenta o cabeçalho a logomarca do PPGES e o título: Puxa-conversa à beira leito: Envelhecimento humano - qualidade de Vida, fonte: Times New Roman – em negrito, espaçamento de linha: 1,0 – na cor: preta, impressão frente e verso. O tamanho da fonte: 16pt foi considerado devido ao público idoso ter maior suscetibilidade a ter baixa visão.

Na última etapa foram impressas apenas 10 (dez) unidades para serem distribuídas a banca examinadora como exigência obrigatória do Programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu* – Mestrado profissional em Ensino em Saúde, da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul.

Pretende-se dar continuidade a pesquisa e buscar apoio financeiro junto a instituição para a impressão da caixa puxa-conversa em maior quantidade com distribuição nas enfermarias. Este produto educacional foi apenas um “puxar de fio” de um grande novelo denominado “Envelhecimento Humano”.



## **Manual do facilitador Puxa-conversa: Envelhecimento humano - qualidade de vida.**

O puxa-conversa é um livro em forma de caixa. Um jogo diferente e sem regras. A técnica denominada puxa-conversa é um produto educacional desenvolvido pelo Programa de Pós-Graduação Educação em Saúde da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul - PPGES, visando estimular as pessoas a conversarem melhor e com mais qualidade, de forma reflexiva em torno do tema: Envelhecimento humano e qualidade de vida.

**Objetivo:** Este material foi desenvolvido com a intenção de ser um disparador de conversas à beira leito entre as pessoas idosas e seus acompanhantes-cuidadores

**Público-alvo:** Idosos com 60 anos ou mais que estejam internados.

**Participantes:** Mínimo duas pessoas.

**Contém:** 179 cartões. **Gênero:** Comunicação (Jogo).

**Dimensões:** 9,5 x 8,1 x 2,4cm

**Peso total:** 188gr.

**Acabamento:**

- Caixa em papel Couchê 300gr
- Cartões em papel Couché 170gr

**Instruções:** Não há regras. Basta embaralhar as cartas, deixando as folhas viradas com as perguntas para baixo, dentro ou fora da caixinha, conforme preferir, puxar uma e começar a bater papo. Os participantes (acompanhante-cuidador) à beira-leito devem puxar uma carta por vez, ler a pergunta e assim, iniciar a conversa sobre o tema que pode ser feito de forma individual ou coletiva, descobrindo coisas novas sobre seus parentes, amigos e até sobre você mesmo.

Não há necessidade de responder a todas as perguntas, não se preocupe com as respostas, ocupe-se com as reflexões e as aprendizagens geradas pelas questões. Conforme as perguntas foram feitas, deixe a folha separada, para evitar repetições.

A caixa puxa-conversa pode ser utilizada em todos os momentos: em casa, nas reuniões em família, nos jantares ou onde você quiser trocar ideias com alguém sobre o tema. As perguntas contêm reflexões e questionamentos simples, e podem mexer com lembranças reveladoras ou sentimentais, o importante é dialogar com respeito e criatividade. Neste momento, apenas ouça com atenção as respostas do outro mantendo o bom diálogo assim a conversa pode ir longe.

Faça você mesmo.

Sim, você mesmo pode aplicar o jogo quando e quantas vezes quiser! Para isso, basta ler o manual facilitador que explica toda a condução, que é bem explicadinho. A decisão é sua.

Arte final da embalagem da caixa puxa-conversa (face externa)

Imagen 14. Apresenta a figura técnica da embalagem



Fonte: Desenvolvido pelas autoras.

Imagen 15: Apresenta a face externa dos cartões



Fonte: Desenvolvido pelas autoras.

Imagen 16: Face interna dos cartões com as perguntas



*Você tem animais de estimação?*

*Como se chama?*

*Você gosta mais de gato ou de*

*cachorro?*

*Que sonho você já realizou?*

*Que sonho você quer realizar?*

*Quais são os seus objetivos para o  
próximo ano?*

*Existe alguma coisa que você  
realizou e sentiu muito orgulho?*

*Qual foi o acontecimento mais  
importante da sua vida?*

*O que você gostaria de saber ou  
aprender e ainda não sabe ou aprendeu?*

*Qual foi a decisão mais importante  
que você já tomou?*

*Qual a coisa mais incrível que  
já aconteceu na sua vida?*

*Qual foi o lugar mais bonito  
que você já visitou?*

*Você acha que em qualquer idade é  
possível vivenciar novas experiências?*

*Qual foi a coisa mais engraçada  
que já aconteceu com você?*

*O que você gosta de fazer  
no final de semana?*

*Você tem um filme ou um  
programa de TV favorito?*

*Se você pudesse viajar no tempo,  
iria para que época?*

*Que tipo de programa você gosta de  
assistir na TV ou ouvir no rádio?*

*Qual é o seu maior medo?*

*Qual foi o momento da sua vida  
que você mais sentiu medo?*

*O que você mais admira nos outros?*

*Você tem uma pessoa que você admira?  
Por que você admira essa pessoa?*

*Qual foi a pessoa que mais  
influenciou a sua vida? Por que?*

*Qual foi a maior lição que  
você aprendeu até hoje?*

*O que você acha que todo mundo  
deveria saber ainda jovem?*

*Que coisas você acha que são importantes para alguém ser uma boa pessoa?*

*Qual a sua maior qualidade e o seu maior defeito?*

*O que você mudaria na sua personalidade?*

*Você tem (ou teria) vergonha de assumir suas rugas ou dos seus cabelos brancos?*

*Você é uma pessoa vaidosa, que gosta de se arrumar?*

*Me conte uma coisa que você gostaria que as pessoas soubessem sobre você.*

*Você gosta de ser fotografado?*

*Você consegue indicar diferenças físicas em relação a pessoas mais velhas que você?*

*Você gosta de conversar e fazer novas amizades?*

*Você se acha uma pessoa bonita? O que você mais gosta em você?*

*Você se considera uma pessoa idosa? Por que?*

*Você percebeu que estava envelhecendo quando?*

**Como você se descreveria em poucas palavras?**

**Você gosta do seu nome? Sabe se a escolha do seu nome tem uma história?**

**Me conta um tema (assunto) que tem estado na sua cabeça ultimamente.**

**Quando você está triste, o que você faz para se sentir melhor?**

**Qual sua cor preferida?**

**Você gosta de viajar?**

**Você tem algum número da sorte?**

**O que ajuda você a relaxar e a manter o equilíbrio?**

**O que você acha que faz que irrita as pessoas?**

**Se você pudesse escolher uma coisa para mudar em você antes da velhice, o que teria sido?**

**O que te deixa muito feliz?**

**O que é um dia perfeito para você?**

O que faz você dar mais risadas?

Qual é a definição de sucesso  
para você?

Você já chorou de felicidade?  
Você lembra o motivo?

Qual foi o momento mais  
feliz da sua vida?

O que mais enche você de orgulho?

Qual a sua maior conquista até hoje?

Você tem algum talento que a maioria da  
sua família/amigos não sabe?

Qual foi o maior orgulho que  
você já deu aos seus pais?

Do que você sente saudades?  
Ou de quem?

Qual foi o melhor período  
da sua vida?

Na última vez em que você chorou,  
qual foi o motivo?

Se fosse possível, que momento da sua  
vida escolheria viver de novo?

*Como você quer que a sua vida  
esteja daqui a dez anos?*

*O que há muitos anos você  
quer fazer e ainda não fez?*

*Qual a sua meta para esse ano?*

*O que mais incomoda você  
no mundo de hoje?*

*Se você pudesse mudar alguma coisa no  
mundo de hoje, o que você mudaria?*

*O que você mais gostava  
(ou do que você tem  
mais saudade na vida de solteiro(a))?*

*O que você aprendeu com meus pais  
e ensinou para aos seus filhos?*

*As interações com jovens e crianças te  
deixam feliz? Em quais ocasiões?*

*As interações com jovens e crianças te  
deixam estressado? Em quais ocasiões?*

*O que você não tolera nos  
jovens de jeito nenhum?*

*Você acha que os jovens de hoje são  
diferentes de quando você era jovem?*

*Como você gostaria de aproveitar a  
sua aposentadoria?*

**Com quem você quer curtir a  
sua velhice?**

**Você planejou sua aposentadoria?**

**Em que você trabalha? Ou já  
trabalhou ao longo da vida?**

**Como quantos anos você  
começou a trabalhar?**

**O que faz de você um grande  
profissional?**

**O que você pensa sobre as empresas  
que levarem em consideração a idade das  
pessoas para contratá-las?**

**Você pretende trabalhar até que idade?  
Como definiu esse limite?**

**Você tem muitos amigos?**

**Qual foi a maior demonstração de  
amizade que você já recebeu de alguém?**

**Quais são as qualidades mais  
importantes de um amigo?**

**O que é ser um bom amigo para você?**

**O que você costuma fazer quando se  
reúne com os amigos?**

*Como você descreve o seu grupo de amigos da juventude?*

*Você tem algum amigo que considera como se fosse da família?*

*Qual a pessoa mais divertida da sua família.*

*O que você gosta nela?*

*Quem são as pessoas que moram com você?*

*Qual é o melhor lugar da sua casa?*

*Qual foi a experiência da sua vida que mais fortaleceu você? Por quê?*

*Qual a coisa mais difícil que você já fez na sua vida?*

*Para que tipo de pessoa ou situação você gostaria de aprender a dizer "não"?*

*Existe alguma atividade que você acha que as pessoas deveriam tentar pelo menos uma vez na vida?*

*Você se importa com o que os outros pensam de você?*

*Na sua opinião, o que as pessoas jovens não dão importância, mas deveriam?*

*Qual a coisa mais injusta que aconteceu na sua vida?*

*O que é mais difícil para você:  
perdoar ou pedir perdão?*

*Qual é a coisa que faz você reclamar?*

*O gênio da lâmpada apareceu em  
sua vida e te concedeu três pedidos,  
quais seriam?*

*Se você ganhasse na loteria,  
o que você faria?*

*Me conta uma coisa que todo  
mundo gosta e você não.*

*Como é uma relação bem  
sucedida para você?*

*Na sua opinião, por que tantos  
casais se separam na atualidade?*

*Você já se apaixonou à  
primeira vista?*

*Qual foi o conselho que você  
já deu e que se arrependeu?*

*Você já falou alguma coisa que se  
arrependeu na hora?*

*Qual foi a coisa que você teve  
chance de aprender,  
mas acabou deixando para depois?*

*Me diga três coisas que você faz  
e que te dão grande bem estar?*

*Como você se acalma quando  
fica com raiva?*

*Sobre o que você poderia passar  
o dia inteiro falando?*

*Qual é a música que tem tudo  
a ver com você? Porque?*

*Que tipo de música você ouve?*

*Qual foi a última música que você  
ficou cantando durante dias?*

*Você prefere o verão ou o inverno?*

*Para você qual o momento  
mais importante do dia?*

*Se você tivesse poderes mágicos,  
o que mudaria na sua minha mãe?*

*Qual qualidade da sua mãe  
você herdou?*

*Você conheceu a história da sua mãe?*

*Você se considera um bom (boa)  
avô/avô?*

*O que seus netos trouxeram  
para a sua vida?*

*Você é melhor pai/mãe ou avó/avô?*

*Se você tivesse poderes mágicos,  
o que mudaria no seu pai?*

*Qual qualidade do seu  
pai você herdou?*

*É melhor ser pai ou filho (a)?*

*Você tem alguma crença religiosa?*

*O que traz mais significado  
para a sua vida?*

*O que é espiritualidade para você?*

*Pelo que você é grato na sua vida?*

*Quando você se for, como  
gostaria de ser lembrado?*

*O que você acredita que  
acontece após a morte?*

*Se fosse possível saber a idade em que  
você vai morrer, você gostaria de saber?*

*Se tivesse que escolher apenas uma  
qualidade para ser lembrado  
pelas pessoas, qual seria?*

**Você reflete sobre a sua finitude  
(sobre morrer)?**

**O que você faz no tempo livre?**

**Você pratica alguma atividade física?**

**Você gosta de dançar?**

**Você prefere aproveitar  
a manhã ou a noite?**

**Você usa as redes sociais? Quais?**

**O que mais influencia você:  
aquivo que você lê ou o que você vê?**

**Na sua opinião, qual a maior invenção  
da humanidade, depois que você nasceu?**

**Você lida bem com a tecnologia?**

**Você já sofreu algum tipo de  
violência? Quais?**

**Você já sofreu discriminação por  
ser idoso(a)?**

**Você já presenciou alguma violência  
contra uma pessoa mais idosa?  
Como você se sentiu?**

**O que você pensa sobre as mensagens  
em novelas ou filmes que retratam as  
pessoas idosas como rabugentas e/ou  
mal-humoradas?**

**Na sua opinião, existe idade certa para  
usar determinado tipo de roupa?**

**Você já tratou alguém com mais idade  
como uma criança?**

**Você tem medo de ser considerado(a)  
velho demais para alguma coisa?**

**O que você ouve sobre pessoas idosas  
que você não concorda de maneira  
alguma?**

**Você consegue lembrar de algum  
produto/propaganda criado(a) para  
o público maduro?**

**Você frequenta ou já frequentou bailes  
da melhor idade?**

**Você se acha preconceituoso  
em relação a alguém?**

**Você acredita que existe uma idade  
máxima para as pessoas dirigirem?  
Por que?**

**Na sua opinião, a diferença de idade  
pode melhorar ou dificultar as relações  
pessoais na sala de aula? Por quê?**

**Você conhece o Estatuto do Idoso?  
O que você pensa a respeito de ter que existir  
leis que protejam as pessoas idosas?**

**Você acha que existe uma  
idade máxima para aprender?**

*Quais seriam as três coisas boas  
associadas ao envelhecimento?*

*Quais seriam as três coisas ruins  
associadas ao envelhecimento?*

*Você acha que a interação com pessoas  
mais jovens reduz a solidão?*

*O que você pensa dos  
"velhos muito velhos"?*

*Na sua opinião,  
o que significa envelhecer?*

*Envelhecer te trouxe sabedoria?*

*Qual é o maior desafio emocional  
em relação ao "envelhecimento"?*

*O que você acha do termo  
"melhor idade"?*

*O que você fez na juventude que você nota  
que prejudicou no seu envelhecimento?*

*De que forma você cuida da sua  
saúde para ter autonomia?*

*Você se compara com outras pessoas  
com a sua mesma idade? Em quais  
ocasiões?*

Fonte: Desenvolvido pela gráfica.